

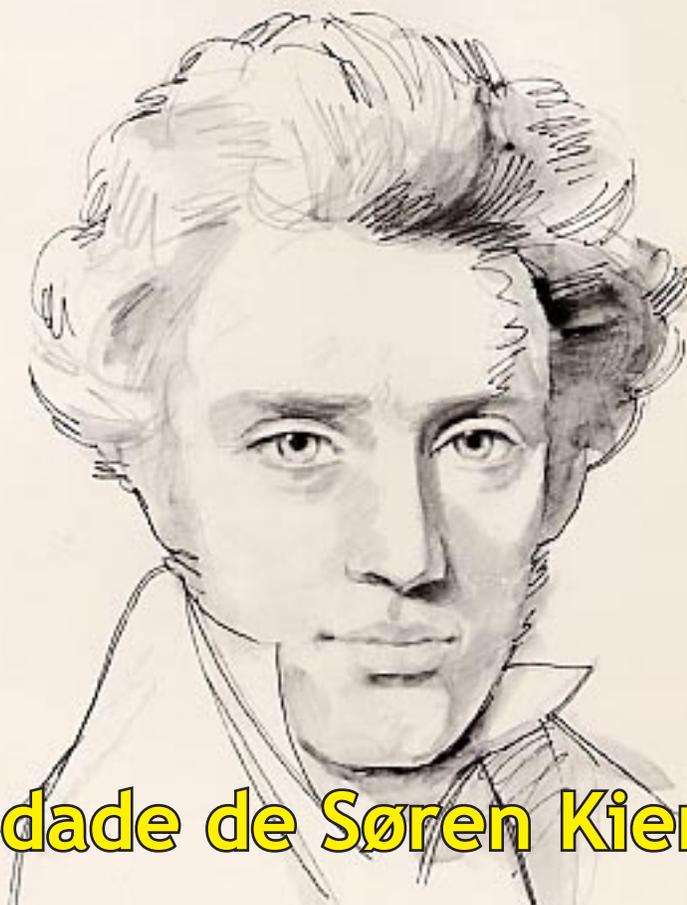


INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



A atualidade de Søren Kierkegaard

Marcio Gimenes de Paula

O indivíduo como ponto inicial na filosofia kierkegaardiana

Patricia Carina Dip

Filosofia de Kierkegaard: defesa pela alteridade

Álvaro Valls

O avanço da pesquisa em Kierkegaard no Brasil

E mais:

>> **Maria Teresa Bustamante Teixeira:**
Gestão e Saúde Coletiva

>> **Jesuítas assassinados em El Salvador. 20 anos depois**

314

Ano IX
09.11.2009
ISSN 1981-8469

A atualidade de Søren Kierkegaard

Nos próximos dias 12 e 13 de novembro, realiza-se, na Unisinos, a segunda parte da Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard. Ela é antecedida, nos dias 9 e 10 de novembro, pelo evento que acontece em Buenos Aires. A atualidade do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855) é discutida nesta edição da **IHU On-Line** por especialistas que estarão tanto em Buenos Aires como aqui em São Leopoldo, RS.

Patricia Carina Dip, pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET), na Argentina, fala sobre a filosofia de Kierkegaard como aporte ético à alteridade. O indivíduo como ponto inicial na filosofia kierkegaardiana é um dos aspectos abordados por **Marcio Gimenes de Paula**, da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Os pontos de proximidade e ruptura entre as ideias de Kierkegaard e Schopenhauer são o foco de **Deyve Redyson de Melo dos Santos**, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). **Álvaro Valls**, da Unisinos, faz um balanço das pesquisas sobre o dinamarquês no Brasil. **Luiz Rohden**, também da Unisinos, fala sobre a crítica de Gadamer e Kierkegaard à filosofia abstrata. **Ana Maria Fioravanti** e **Maria Jose Binetti** (Universidade John F. Kennedy, na Argentina) oferecem um panorama sobre os estudos sobre esse autor na Argentina, e comentam aspectos sobre a filosofia pós-moderna e a força infinita do espírito humano. **Either/Or** e o texto como arena é o tema que instiga a pesquisadora **Jacqueline Ferreira** em sua entrevista à **IHU On-Line**. Comparando Kierkegaard e Tillich, **Jonas Roos** examina a virada nos conceitos tradicionais religiosos proposta por ambos pensadores. O filósofo e psicanalista **Mario Fleig**, da Unisinos, reflete sobre a leitura de Lacan sobre Kierkegaard.

A programação completa do evento pode ser conferida no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, que está apoiando o evento:

http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_eventos&Itemid=19&task=detalhe&id=152

No próximo dia 16 de novembro, celebram-se os vinte anos do assassinato de seis jesuítas, todos eles professores da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas (UCA), em El Salvador. Juntamente com eles, foram também assassinadas a senhora Elba Ramos e sua filha Celina, que trabalhavam na residência dos jesuítas. O debate de Noam Chomsky e John Sobrino sobre o tema e o evento a ser realizado na Unisinos, são temas desta edição.

Completam esta edição mais duas entrevistas. Uma com **Julius Lipner**, professor de Hinduísmo na Universidade de Cambridge, e outra com a médica **Maria Teresa Bustamante Teixeira**, professora da UFJF, sobre gestão e saúde coletiva.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Vanessa Alves (vanessaam@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br) e Juliana Spitaliere. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.unisinos.br/ihu. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 07 | **Patricia Carina Dip:** A filosofia de Kierkegaard como aporte ético à alteridade

PÁGINA 10 | **Marcio Gimenes de Paula:** O indivíduo como ponto inicial na filosofia kierkegaardiana

PÁGINA 13 | **Deyve Redyson Melo dos Santos:** Kierkegaard e Schopenhauer. Proximidades e rupturas

PÁGINA 16 | **Luiz Rohden:** A crítica de Gadamer e Kierkegaard à filosofia abstrata

PÁGINA 18 | **Jonas Roos:** Uma virada nos conceitos tradicionais religiosos

PÁGINA 20 | **Mario Fleig:** Que peso tem para um filho o pai em pecado? Lacan leitor de Kierkegaard

PÁGINA 23 | **Álvaro Valls:** O avanço da pesquisa em Kierkegaard no Brasil

PÁGINA 27 | **Ana María Fioravanti e Maria Jose Binetti:** A filosofia pós-moderna e a força infinita do espírito humano

PÁGINA 30 | **Jacqueline Ferreira:** O texto como arena

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 36 | **Julius Lipner:** Um Deus para cada contexto

» Entrevista da Semana

PÁGINA 39 | **Maria Teresa Bustamante Teixeira:** Gestão e saúde coletiva

» Memória

PÁGINA 43 | **Ana Formoso:** Ignacio Ellacuría - Um pensador, negociador e cristão

» Coluna Cepas

PÁGINA 45 | **Rafaela Barbosa:** A nova Record: A construção do padrão tecnoestético e da liderança pela via do reality show A Fazenda

» Destaques On-Line

PÁGINA 47 | **Destaques On-Line**

C. IHU em Revista

» Eventos »

PÁGINA 52 | **Mártires em El Salvador:** uma memória que continua forte 20 anos depois

» Perfil

PÁGINA 55 | **Faustino Teixeira**

» IHU Repórter

PÁGINA 58 | **Lauro Antônio Lacerda d'Ávila**



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



Biografia - Søren Kierkegaard

Søren Kierkegaard nasceu em 5 de maio de 1813, em Copenhague, onde faleceu em 11 de novembro de 1855. A brevidade de sua vida contrasta com a qualidade e a extensão de sua produção, ainda não classificada nos círculos acadêmicos. Se não é filósofo, nem teólogo, nem psicólogo, nem literato, nem místico, nem pedagogo, como é que sua influência está tão presente em Jaspers, Heidegger, Sartre, Ricoeur, Benjamin, Kafka, Buber, Chestov, Lívinas, Derrida, Rosenzweig, Jankélévich, Bloch, Merleau-Ponty, Arendt, Deleuze, Canetti, Barth, Lacan, Bataille, Tillich, Adorno?

Sempre contrário à Igreja Oficial da Dinamarca, luterana pietista, na maioria dos países a recepção das obras de Kierkegaard esteve ligada à igreja em função da característica dos seus escritos. Na Alemanha, por exemplo, foi traduzido por teólogos. Na França, a recepção se deu mais na área da estética. No Brasil, a recepção se dá, ao mesmo tempo, junto a teólogos, literatos e filósofos.



Bibliografia

Obras de Søren Kierkegaard

Søren Kierkegaards Samlede Værker (SV²). Editada por A. B. Drachmann, L. Heiberg e H. O. Lange. København, Gyldendal, 1920-1936, XV volumes; os quatorze primeiros contêm as obras, o XV contêm os Índices.

- I. - *Enten-Eller* (I), 1843 (A Alternativa I).
- II. - *Enten-Eller* (II), 1843 (A Alternativa II).
- III. - *To opbyggelige Taler*, 1843 (Dois discursos edificantes 1843).

- *Frygt og Bæven*, 1843 (Temor e tremor).
- *Gjentagelsen*, 1843 (A repetição).
- *Tre opbyggelige Taler*, 1843 (Três discursos edificantes 1843).
- IV. - *Fire Opbyggelige Taler*, 1843 (Quatro discursos edificantes 1843).
- *To opbyggelige Taler*, 1844 (Dois discursos edificantes 1844).
- *Tre opbyggelige Taler*, 1844 (Três discursos edificantes 1844).
- *Philosophiske Smuler eller en Smule Philosophi*, 1844 (Migalhas filosóficas).
- *Begrebet Angest*, 1844 (O con-

ceito de angústia).

- V. - *Forord*, 1844 (Prefácios).
- *Fire opbyggelige Taler*, 1844 (Quatro discursos edificantes 1844).
- *Tre Taler ved Tænkte Lejligheder*, 1845 (Três discursos em determinadas circunstâncias).
- VI. - *Stadier paa Livets Vej*, 1845 (Estádios no caminho da vida).
- VII. - *Afsluttende Uvidenskabelig Efterskrift til de Philosophiske Smuler*, 1846 (Post-Scriptum definitivo e não científico às Migalhas filosóficas).
- VIII. - *En literair Anmeldelse*,

1846 (Uma resenha literária).

- *Opbyggelige Taler i forskjellig Aand*, 1847 (Discursos edificantes em diversos espíritos).

IX. - *Kjerlighedens Gjerninger*, 1847 (As obras do amor)

X. - *Christelige Taler*, 1848 (Discursos cristãos).

- *Krisen og en Krise i en Skuespillerindes Liv*, 1848 (A crise e uma crise na vida de uma atriz).

XI. - *Lilien paa Marken og Fuglen under Himlen*, 1849 (Os lírios do campo e as aves do céu).

- *Tvende Ethisk-religieuse Smaa-Afhandlinger*, 1849 (Dois pequenos tratados ético-religiosos).

- *Sygdommen til Døden*, 1849 (A doença para a morte).

- *Ypperstepræsten-Tolderen-Synderiden*, 1849 (O sumo sacerdote - O publicano - A pecadora).

XII. - *Indøvelse i Christendom*, 1850 (Escola de Cristianismo).

- *En opbyggelige Tale*, 1850 (Um discurso edificante).

- *To Taler ved Altergangen om Fredagen*, 1851 (Dois discursos para a comunhão de sexta-feira).

- *Dømmer Selv! Til Selvprøvelse, Samtiden anbefalet*, 1851-1852 (Julgai vós mesmos! Para um exame de consciência, recomendado aos contemporâneos).

XIII. - *Bladartikler fra Tiden for 'Forfatterskabet'*, 1834-1836 (Artigos jornalísticos do período anterior à 'atividade literária').

- *Af en endnu Levendes Papirer*, 1838 (Dos papéis de um sobrevivente).

- *Om Begrebet Ironi med stadigt Hensyn til Sokrates*, 1841 (O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates).

- *Bladartikler der staaer i Forhold til 'Forfatterskabet'*. 1842-1851 (Artigos jornalísticos que estão em relação com a 'atividade literária').

- *Om min Forfatter-Virksomhed*, 1851 (Sobre minha obra de escritor).

- *Synspunktet for min Forfatter-Virksomhed*, 1859 (O ponto de vista explicativo de minha atividade de

escritor).

XIV. - *Bladartikler*, 1854-1855 (Artigos jornalísticos).

- *Øieblikket*, 1855 (O instante).

- *Hvad Christus dømmer om officiel Christendom*, 1855 (Como Cristo julga o cristianismo oficial).

- *Guds Uforanderlighed. En Tale*. 1855 (A imutabilidade de Deus. Um discurso).

Algumas obras de Kierkegaard traduzidas ao português:

KIERKEGAARD, Søren A. *O conceito de ironia*. 2. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

_____. *Migalhas filosóficas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *As obras do amor*. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

_____. *In vino veritas*. Lisboa: Antígona, 2005.

_____. *Adquirir a sua alma na paciência*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

_____. *É preciso duvidar de tudo*. São Paulo: Martins fontes: 2003.

_____. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. São Paulo: Abril Cultural: 1974. (Os Pensadores)

Coletâneas de estudos e/ou traduções:

ALMEIDA, Jorge Miranda de; VALLS, Alvaro L. M. *Kierkegaard*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007 (Coletânea passo-a-passo, 78)

FILOSOFIA UNISINOS. v. 6, n. 3 (setembro-dezembro) de 2005. [Número dedicado ao pensador dinamarquês, editado por Luiz Rohden e disponível em: www.revistafilosofia.unisinos.br]

REICHMANN, Ernani. *Soeren Kierkegaard*. Curitiba: Edições Jr., 1972. [Tradução de trechos de diversas obras de Kierkegaard].

REDYSON, Deyve, ALMEIDA, Jorge

Miranda de, PAULA, Marcio Gimenes de (Orgs.) *Søren Kierkegaard no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 2007. [Coletânea de textos em homenagem a Alvaro L. M. Valls, com pesquisadores brasileiros e argentinos].

REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA. Horizontes existenciários da filosofia. Tomo 64, Braga: 2008. [Editado por VILA-CHÃ, João José, reúne um número significativo de textos em diversos idiomas e temas].

VALLS, Alvaro L. M. *Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado: aforismos, novelas e discursos de Søren Kierkegaard*. Porto Alegre: Escritos, 2004.

Alguns estudos publicados em português

ALMEIDA, Jorge Miranda de. *Ética e existência em Kierkegaard e Lévinas*. Vitória da Conquista: UESB, 2009.

REDYSON, Deyve. *A filosofia de Søren Kierkegaard*. Recife: Elógica, 2004.

GRAMMONT, Guiomar de. *Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard*. Petrópolis: Catedral das Letras, 2003.

PAULA, Marcio Gimenes de. *Socratismo e cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

_____. *Indivíduo e comunidade na filosofia Kierkegaard*. São Paulo: Paulus, 2009.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo paradoxo*. 2. ed. São Paulo: Fonte, 2006.

_____. *A palavra e o silêncio*. São Paulo: Alfarrábio; Custom, 2002.

ROOS, Jonas. *Razão e fé no pensamento de Søren Kierkegaard: o paradoxo e suas relações*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2006.

VALLS, Alvaro L. M. *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

A filosofia de Kierkegaard como aporte ético à alteridade

Ainda que partindo do eu, filosofia do pensador dinamarquês pode fundamentar a defesa pela alteridade, pontua Patricia Carina Dip. Preeminência do ético sobre o metafísico é tributária a Levinas

POR MÁRCIA JUNGES E JASSON MARTINS | TRADUÇÃO JASSON MARTINS

Mesmo que o “eu” seja o ponto de partida de Kierkegaard, “sua filosofia pode ser entendida como um aporte ético para os que desejam defender uma verdadeira alteridade, e não apenas pronunciar um discurso ‘politicamente correto’ sobre a diferença e a tolerância, porém ‘praticamente’ estéril”. A afirmação faz parte da entrevista a seguir, concedida, por e-mail, pela filósofa argentina Patricia Carina Dip à IHU On-Line. “Acredito que em Kierkegaard aparece a preeminência do ético por sobre o metafísico, da qual é deverdor Levinas”, completa. Analisando as contribuições do pensador dinamarquês à política atual, ela considera que sua filosofia pode realmente inspirar a uma transformação nesse campo. “O descrédito no qual tem caído a participação política tradicional obedece a distintos fatores; não obstante, disso não se deduz a ‘morte’ do político, mas a necessidade de sua ‘ressurreição’. Neste sentido, a América Latina ocupa um papel certamente privilegiado, especialmente quando muitos intelectuais do primeiro mundo europeu tentaram convencer-nos de que havíamos ingressado na ‘pós-modernidade ou no pós-marxismo’. Ao contrário, creio que ainda não saímos da ilustração”, provoca. Outro tema discutido por Dip é a contraposição e aproximação entre Kierkegaard e Marx. O primeiro, diz ela, descreve a alienação psicológica da sociedade burguesa, enquanto o segundo se refere à alienação social. “A diferença reside na perspectiva da análise que cada um assume”.

Dip é doutora em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires - UBA, professora da Universidad Nacional de General Sarmiento - UNGS, e pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas - CONICET. Durante os últimos dez anos, dedicou-se a estudar, discutir e traduzir a obra de S. Kierkegaard. Publicou artigos em diversas revistas e participou de várias publicações conjuntas. No ano de 2007, publicou sua tradução (com um estudo preliminar) de S. Kierkegaard, *Johannes Climacus o el dudas de todas las cosas* (Buenos Aires: Editorial Gorla, 2007). Na Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard, apresentou o tema Subjetividade e Praxis: a recepção fenomenológica de Kierkegaard na obra de Michel Henry. Confirma a entrevista.

IHU On-Line - Na sua percepção, qual é a situação atual dos estudos de Kierkegaard no campo latino-americano de fala espanhola?

Patricia Carina Dip - Em minha opinião, os estudos da obra de Kierkegaard na América Latina de fala hispânica têm progredido consideravelmente nos últimos vinte anos. Tanto no México como na Argentina, foram fundadas bibliotecas e sociedades dedicadas exclusivamente ao estudo, tradução e divulgação da obra do pensador dinamarquês. Além disso, a figura de Kierkegaard foi ingressando paulati-

namente na academia. Isso permitiu que se escrevessem vários trabalhos de doutorado discutindo suas ideias. Apesar de tudo isso ser muito positivo, ainda falta a tradução das obras completas em espanhol.

Por outra parte, apesar de que o maior impacto das ideias de Kierkegaard seja um fenômeno que pode ser observado em escala mundial, isso não significa que tenha surgido interpretações “integrais” de sua obra ou pensadores que pensem “com” Kierkegaard, inclusive distantes de seus pressupostos básicos. Espero que isto seja só

um sintoma momentâneo dos estudos sobre o dinamarquês. Quer dizer, que em uma primeira etapa se produzam estudos especializados, porém que logo possamos observar a influência de sua obra em escritos originais.

“Compreender” corretamente um filósofo da estatura de Kierkegaard supõe abandonar seu caminho teórico com o objetivo de formular o próprio caminho. Ainda que este tipo de formulações não tenha sido realizado na América Latina, confio que formarão parte do que me atrevo a denominar “segunda etapa” na recepção do pen-

samento do dinamarquês. Esta consistiria no abandono da “letra” e a elaboração de um pensar atual.

IHU On-Line - Kierkegaard nos inspira a compreender e a mudar a política atual? Por quê? Se sim, em que aspectos?

Patricia Carina Dip - É difícil responder ao que nos induz Kierkegaard na primeira pessoa do plural. Por isso direi apenas ao que induz a mim. Acredito que o “subjetivismo” da filosofia kierkegaardiana, quer dizer, seu acento na compreensão do homem como uma espécie de “animal” que “valora”, pode servir de inspiração para transformar o atual funcionamento da política. O descrédito no qual tem caído a participação política tradicional obedece a distintos fatores; não obstante, disso não se deduz a “morte” do político, mas a necessidade de sua “ressurreição”. Neste sentido, a América Latina ocupa um papel certamente privilegiado, especialmente quando muitos intelectuais do primeiro mundo europeu tentaram convencer-nos de que havíamos ingressado na “pós-modernidade ou no pós-marxismo”. Ao contrário, creio que ainda não saímos da ilustração.

Neste sentido, considero fundamental recuperar um dos elementos essenciais da atitude ilustrada, a saber, o “anticonformismo”. Acredito que não devemos “conformar-nos” nem com leituras herdadas, nem com visões de mundo e interpretações do político que procuram aquietar as tensões sociais que podem ser observadas no seio do capitalismo global.

Kierkegaard pode servir de portavoiz da necessidade de “interessar-se” pela existência do atual estado de coisas, no sentido de sermos capazes de julgar o que sucede na história com nossas próprias vozes. Na *Crítica de la Ilustración* Agnes Heller¹ diz que a alternativa é hoje “ou Kierkegaard, ou Marx”. Ela entende esta disjunção nos termos de ou bem elegemos o existencialismo individualista, ou bem a revo-

1 Agnes Heller (1929): filósofa húngara. Proeminente pensadora marxista no princípio, converteu-se a uma posição de cunho mais liberal e social-democrático. (Nota da IHU On-Line)

“Compreender” corretamente um filósofo da estatura de Kierkegaard supõe abandonar seu caminho teórico com o objetivo de formular o próprio caminho”

lução socialista. Em certo sentido, me vejo inclinada a dar-lhe razão.

IHU On-Line - Como você analisa as trajetórias pessoais de Kierkegaard e Marx² e os impactos que estas (a biografia) tiveram em suas filosofias?

Patricia Carina Dip - Em termos gerais sou inimiga das biografias. Especialmente do abuso em torno de sua utilização de que têm sido objeto os leitores de Kierkegaard. Não tem sentido tentar fundamentar o desenvolvimento de uma filosofia em aspectos relativos à vida íntima de quem a elabora. Um trauma infantil não conduz necessariamente à formulação de uma filosofia existencial, assim como tampouco a pobreza à teorização sobre a revolução social. Este tipo de abordagem me parece totalmente absurdo.

No entanto, acredito que há um modo muito mais rico de pensar a relação entre a “vida” e a “obra”. Trata-se de observar até que ponto o autor

2 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1158330314.12pdf.pdf>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1224527244.6963pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

foi “consequente” com sua proposta. Um pensador como Hume³ nos induziria a crer que este tipo de exigência é quase “irrealizável”. Apesar de que, em certo sentido, isto seja correto, penso que um pensamento incapaz de ser consequente com seus próprios pressupostos, se torna indefectivelmente estéril.

Neste sentido, tanto Kierkegaard como Marx são modelos de intelectuais que expressam a necessidade de viver de maneira comprometida. Podemos inclusive pensá-los como autores complementares. Enquanto Kierkegaard nos exige um compromisso individual e privado, seja com o divino ou com o demoníaco, ou para dizê-lo com Nietzsche,⁴ que elejamos o bem ou o mal, o compromisso ao qual nos propõe Marx possui um sentido político social, ou bem nos identificamos com os valores da burguesia, ou bem com os do proletariado.

IHU On-Line - Pensando no aspecto do indivíduo, como entende a con-

3 David Hume (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da IHU On-Line)

4 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158266308.88pdf.pdf>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158346362.52pdf.pdf>. A edição 15 dos *Cadernos IHU* em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009658.17pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

traposição de suas filosofias, de Marx e Kierkegaard?

Patricia Carina Dip - Existe uma tendência habitual, baseada na leitura literal das declarações do próprio Kierkegaard, que leva a apresentá-lo como o filósofo cuja categoria fundamental é a noção de indivíduo. Embora de um ponto de vista filológico isto seja assim, é importante discutir que sentido tem a individualidade para Kierkegaard. Durante certo tempo, acreditei que se tratava do indivíduo apenas preocupado por suas circunstâncias, mesmo quando fosse apresentado sob o corretivo do “amor ao próximo”. Hoje tendo a considerar que, se a postura kierkegaardiana não é revolucionária, tampouco coincide plenamente com um mero reformismo. Inclino-me a pensar que o caráter do indivíduo kierkegaardiano é “psicológico”; e entendido em chave contemporânea acrescentaria que o modelo que o dinamarquês apresenta para evitar a recaída deste na “alienação” é a *praxis* cristã do amor ao próximo. Neste sentido, o dinamarquês não está longe do jovem Marx, também preocupado por resolver o problema da alienação própria da sociedade capitalista. Em termos gerais, diria que enquanto Kierkegaard descreve a alienação “psicológica” da sociedade burguesa, Marx descreve a alienação “social”. Ambos diagnosticam que o mal do mundo burguês é a alienação. A diferença reside na perspectiva da análise que cada um assume. Esta diferença, não obstante, é fundamental, posto que dela se deduzem distintas filosofias. A filosofia kierkegaardiana que se centra na descrição de fenômenos psicológicos e a filosofia marxiana que descobre um novo modo de pensar a história.

IHU On-Line - Qual é a atualidade da crítica de Kierkegaard e Marx para o pensamento continental?

Patricia Carina Dip - Levando em conta que considero a “globalização” como o modo no qual o capitalismo se expressa hoje, produzindo e justificando um fosso cada vez

“Kierkegaard pode servir de porta-voz da necessidade de ‘interessar-se’ pela existência do atual estado de coisas, no sentido de ser capazes de julgar o que sucede na história com nossas próprias vozes”

mais irrecuperável entre opressores e oprimidos, as condições históricas que se faziam necessárias para Marx pensar o socialismo não foram modificadas. Daí segue que ainda tem sentido trabalhar em prol da realização de um futuro socialista. Com isto quero dizer que as polêmicas em torno do fim das ideologias e a construção de democracias liberais me parecem parte de um programa teórico político que não compartilho e que denuncio como “tendenciosas”.

Neste contexto, Marx se torna mais atual do que nunca. Em algumas universidades latino-americanas, reaparece a necessidade de repensar o legado marxista, e isso me parece muito importante, ainda que insuficiente. Só poderemos avaliar até que ponto o marxismo se atualizou quando o modelo de produção capitalista tiver esgotado. Este esgotamento não é automático, mas depende de que os sujeitos históricos estejam dispostos a revitalizar a luta de classes. De modo que, em última instância, a atualidade do marxismo só poderá ser determinada pela história.

Pois bem, a atualidade de Marx não exclui a de Kierkegaard. Neste ponto me parece que a análise de Agnes Heller merece ser repensada. Um dos temas mais caros ao pensa-

mento do dinamarquês, o problema da angústia, pode ser tomado como chave para entender a vigência de suas preocupações. Assim como as condições históricas que Marx tinha *in mente* ainda permanecem, as problemáticas da “psicologia da angústia” e a “ética da decisão” também. A profundidade do legado kierkegaardiano reside em certo grau de “universalidade” que possui seu discurso para compreender os fenômenos psicológicos e morais.

IHU On-Line - Quais são as principais chaves de leitura que esses pensadores nos fornecem para pensarmos a alteridade na sociedade pós-metafísica?

Patricia Carina Dip - Em primeiro lugar, o qualificativo “pós-metafísico” me parece complexo devido à infinidade de alternativas que abarca. Tanto Heidegger⁵ como Nietzsche e o próprio Kierkegaard, entre outros, foram críticos de um certo modo de fazer metafísica. No entanto, isso não é suficiente para incluir todos eles em um mesmo modelo teórico. A ontologia fundamental, o niilismo e o cristianismo não podem ser identificados, simplesmente. Em segundo lugar, não acredito que seja possível defender a vigência da filosofia sem assumir algum modo, mais ou menos crítico, de entender a metafísica. Por último, me parece importante discutir a assunção de certas modas

⁵ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158268163.69pdf.pdf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344730.57pdf.pdf>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344314.18pdf.pdf>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1175210604.13pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

filosóficas que a maioria das vezes nos impedem de pensar.

Dito isto, acredito que em Kierkegaard aparece a preeminência do ético por sobre o metafísico, da qual é devedor Levinas.⁶ Neste contexto, a ética cristã do amor ao próximo permite, ainda que o dinamarquês se ocupe de pensar o eu antes que ao outro, retirar derivações importantes para quem esteja interessado em formular uma “filosofia da alteridade”. Apesar de que o ponto de partida de Kierkegaard é o eu, sua filosofia pode ser entendida como um aporte ético para os que desejam defender uma verdadeira alteridade, e não apenas pronunciar um discurso “politicamente correto” sobre a diferença e a tolerância, porém “praticamente” estéril. Este aporte reside em compreender a singular presença do outro como um imperativo moral. Neste sentido, o dinamarquês nos obriga a atuar ainda quando não possamos formular uma “filosofia da alteridade” propriamente dita.

No que a elaboração de uma tal filosofia diz respeito, acredito que é iminente sua necessidade. Uma análise clara sobre as exigências da mesma nos conduziria a uma crítica do discurso pós-moderno sobre a “diferença”. Na formulação desta crítica, o marxismo poderia ocupar um papel fundamental na hora de descrever o sentido ideológico do programa teórico da filosofia da diferença. O antídoto contra a ideologia que pretende ser inclusiva “na teoria” aceitando, não obstante, a exclusão na “prática” ser constituída pela “filosofia da praxis”.

⁶ Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, conferir a edição número 277 da IHU On-Line, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1224014804.3462pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line).

O indivíduo como ponto inicial na filosofia kierkegaardiana

Hannah Arendt compreendeu o uso estratégico dos pseudônimos do filósofo dinamarquês, e não o considerava individualista ou enclausurado, menciona Marcio Gimenes de Paula. Ela O tinha como um dos mestres da suspeita, que toma o indivíduo como ponto de partida

POR MÁRCIA JUNGES E JASSON MARTINS

Nem individualista, nem enclausurado. Para Hannah Arendt, Kierkegaard valia-se de pseudônimos estrategicamente, e “sua posição de defesa do indivíduo não pode ser vista meramente como reacionária, mas antes como uma defesa diante da massificação, inclusive daquela operada pelos movimentos esquerdistas”. A explicação é do filósofo Marcio Gimenes de Paula na entrevista que concedeu, com exclusividade, por e-mail, à IHU On-Line. Ao lado de Nietzsche e Marx, Arendt coloca Kierkegaard, e não Freud, como um dos mestres da suspeita. O indivíduo em Kierkegaard deve ser compreendido como ponto inicial de sua filosofia, pontua Marcio. Outro tema discutido na entrevista é a questão da secularização na obra dos dois pensadores. Arendt entende-a como “momento onde os homens param de olhar para os céus e começam a preparar, a partir da sua condição dada, uma sociedade produzida por eles próprios. Nesse sentido, a política é, por si só, secularizante”. Por outro lado, para Kierkegaard, “descrente de sistemas e crítico da cristandade, a secularização é o ponto onde a humanidade vai inevitavelmente desembocar, pois depois da racionalização teológica, da massificação do homem e do tempo dos sistemas, tudo será explicado e resultará em produto da mão humana”.

Marcio Gimenes de Paula é graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Independente. cursou graduação, mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente, é professor adjunto II do departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, pesquisador da FAPITEC-SE, membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (Sobreski), da Sociedade Brasileira de Filosofia da Religião, do Grupo de Pesquisa em Ciências da Religião da UFS, do Grupo de pesquisa sobre a obra de Kierkegaard da CNPq, e da Sociedade Feuerbach Internacional. Suas pesquisas versam sobre Filosofia da Religião, Ética, Kierkegaard e cristianismo. Publicou recentemente o livro *Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard* (São Paulo: Paulus, 2009). Na Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard, em 12 de novembro, apresentará a comunicação “A temática da secularização: Hannah Arendt, leitora de Kierkegaard”. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os pontos de contato entre o tema da secularização entre Arendt¹ e Kierkegaard?

Marcio Gimenes de Paula - A temática da secularização é bastante ampla e, a rigor, pode ser vista desde os primórdios do cristianismo. Ora ela parece se configurar com uma total ruptura dos conteúdos da fé e, em outros momentos, parece até ser um complemento da fé ou um aprofundamento dos seus conteúdos. Na obra de Hannah Arendt, pensadora política por excelência, penso que o ponto central se encontra exatamente na política. Em outras palavras, para a pensadora a secularização é vista como o momento onde os homens param de olhar para os céus e começam a preparar, a partir da sua condição dada, uma sociedade produzida por eles próprios. Nesse sentido, a política é, por si só, secularizante. Já para Kierkegaard, pensador do século XIX, descrente de sistemas e crítico da cristandade, a secularização é o ponto onde a humanidade vai inevitavelmente desembocar, pois depois da racionalização teológica, da massificação do homem e do tempo dos sistemas, tudo será explicado e resultará em produto da mão humana. Kierkegaard, se-

1 Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera económica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal* (Lisboa: Tenacitas. 2004) e *O Sistema Totalitário* (Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158348701.54pdf.pdf> e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política*. Hannah Arendt 1906-1975, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1164656401.35pdf.pdf>. Nas Notícias do Dia de 01-12-2006 você confere a entrevista *Um pensamento e uma presença provocativos*, concedida com exclusividade por Michelle-Irène Brudny em 01-12-2006, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=2050. (Nota da IHU On-Line)

“Mesmo quando o critica, Sócrates segue sendo a referência para um tempo que se perdeu em ilusões sistemáticas que parecem já tudo saber. Sócrates é o antídoto, o médico que aconselha o vômito em meio ao excesso de comilança”

guindo a esteira agostiniana, é severo crítico do processo de secularização. Arendt parece ser sua observadora e admiradora, mas ambos enxergam o indivíduo perdido no meio de tudo isso. Talvez esse seja o ponto de contato entre ambos os pensadores.

IHU On-Line - Qual é a atualidade da secularização em Kierkegaard para discutirmos o indivíduo em nossos dias?

Marcio Gimenes de Paula - Antes de mais nada, parece que nunca é demais lembrar que Kierkegaard sempre separou claramente indivíduo de individualismo. O indivíduo, na era dos sistemas filosóficos e de uma cristandade massificadora, como foi o tempo do autor dinamarquês, parece ter sido soterrado por uma avalanche promovida ora pelo Estado, ora pela Igreja e até pelas universidades. Restava, seguindo a pista socrática e cristã, recuperar este indivíduo único e indivisível, átomo e, se quisermos pensar aqui mais teologicamente, *imago Dei*. Hoje nossa situação não parece tão diferente. Temos um individualismo doentio e seguimos a ter os indivíduos sufocados pelas mais diversas instituições e pressões. Quando alguém vai até um culto qualquer e se sente feliz por estar na companhia de milhares de pessoas no ato de louvor, isso nada mais é do que

um sintoma de que ninguém acredita no ato em si, mas espera a legitimação do mesmo na multidão.

IHU On-Line - Como percebe os conceitos de indivíduo e comunidade partindo da obra desse autor?

Marcio Gimenes de Paula - Kierkegaard é um filósofo que possui um profundo apreço por dois grandes personagens célebres da subjetividade. O primeiro é Sócrates.² O autor dinamarquês devota seus esforços a entender a filosofia socrática e sua afirmação pelo indivíduo. Mesmo quando o critica, Sócrates segue sendo a referência para um tempo que se perdeu em ilusões sistemáticas que parecem já tudo saber. Sócrates é o antídoto, o médico que aconselha o vômito em meio ao excesso de comilança. Por isso é que, não fortuitamente, ele será o modelo de toda a obra do autor até mesmo na crítica à Igreja oficial, já no final de sua produção.

Já Cristo é a figura do mistério. Ele é aquele que preferia falar com cada indivíduo ao invés de ser legitimado pela massa, pela multidão. Contudo, Kierkegaard compreende Cristo também como Deus, como aquele capaz de trazer a salvação para cada indivíduo.

IHU On-Line - Atualmente, o que é o indivíduo numa sociedade secularizada e pós-metafísica?

Marcio Gimenes de Paula - Confesso que não sei muito bem o que dizemos quando afirmamos viver numa sociedade secularizada. É bem verdade que, especialmente depois do século XIX, a política como produto dos homens constrói - para o bem ou para o mal - o mundo ao seu redor. Contudo, a secularização não deixa de ter nunca um pouco de religioso, e a prova disso é a situação em que vivemos no mundo todo e, em especial, no Brasil. Estão aí os muitos fundamentalismos, as casas legislativas cheias de sinais religiosos e os governos, como o caso do governo brasileiro, assinando acordos que parecem ameaçar seriamente a laicidade do Estado. Assim, pen-

2 Sócrates (470 a. C. - 399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. (Nota da IHU On-Line)

so que o indivíduo numa sociedade secularizada e pós-metafísica (o que também me parece confuso, mesmo com as explicações perspicazes do professor Gianni Vattimo³) ainda se encontra em suspenso, entre a descrença e o pavor, entre o medo e a desconfiança.

IHU On-Line - Como Arendt, enquanto filósofa política, lê Kierkegaard, um filósofo tido como individualista e que escrevia recluso em um “castelo”, sob pseudônimos?

Marcio Gimenes de Paula - Penso que Arendt tinha grande apreço por Kierkegaard e não o considerava um pensador individualista ou enclausurado. Segundo avalio, ela sabia mui-

to bem que o uso que Kierkegaard fazia dos pseudônimos era estratégico e que, além disso, sua posição de defesa do indivíduo não pode ser vista meramente como reacionária, mas antes como uma defesa diante da massificação, inclusive daquela operada pelos movimentos esquerdistas. Arendt o coloca, em sua obra *Entre o passado e o futuro*, como um dos mestres da suspeita, juntamente com Nietzsche e Marx, isto é, ela contraria a tradicional divisão e o coloca no lugar de Freud. Não parece pouca coisa para quem atentar ao detalhe.

IHU On-Line - Nesse sentido, como você percebe a contraposição entre as filosofias de Kierkegaard e Marx?

Marcio Gimenes de Paula - Creio que Karl Löwith,⁴ no seu clássico *De Hegel a Nietzsche*, aborda muito bem essa questão. Para ele, Kierkegaard é um típico pós-hegeliano e, como tal, se encontra numa esteira de pensadores que caminham entre a religião, a literatura e a política. Contudo, talvez Löwith tenha cometido um dado exagero ao colocar Kierkegaard no mesmo grau de contestação de Marx. O autor dinamarquês parece apontar claramente para um plano transcendente e sua política parece defender tal ponto o que, por si só, parece descaracterizar uma proposta política, embora tenha importantes contribuições para uma ética de fundo cristão e seja também importante para a alteridade. Marx parece romper com tal coisa, e sua proposta é claramente fundamentada no campo da imanência, na tentativa de alcançar a verdade pelos seus próprios esforços. Aqui penso que há uma diferença fundamental entre ambos.

IHU On-Line - Qual é a atualidade de Kierkegaard no contexto do pensamento filosófico contemporâneo?

Marcio Gimenes de Paula - A atualidade de Kierkegaard parece se provar, entre outras tantas coisas, por estarmos ainda hoje falando

sobre ele, escrevendo sobre ele, organizando congressos, dando entrevistas. Numa era massificada, com instituições tão rígidas, penso que é fundamental a redescoberta do indivíduo e a ironia como instâncias significativas, lugares de onde a vida deveria partir. O indivíduo não é o ponto fundamental na filosofia de Kierkegaard, mas é talvez o ponto inicial. Por isso, sua influência é tão significativa em pensadores tão distintos como Paul Tillich,⁵ Karl Barth,⁶ Lacan,⁷ Wittgenstein,⁸

⁵ Paul Tillich (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX e autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, pode ser consultado *Coragem de Ser* (6ª ed. Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, Poder e Justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da IHU On-Line)

⁶ Karl Barth (1886-1968): teólogo cristão-protestante, pastor da Igreja Reformada, e um dos líderes da teologia dialética e da neo-ortodoxia protestante. (Nota da IHU On-Line)

⁷ Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confirma a edição 267 da *Revista IHU On-Line*, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1217878435.7423pdf.pdf>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista IHU On-Line, produzidas tendo em vista o Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?, realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1245697518.4536pdf.pdf> e 303, de 10-08-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1249936179.2884pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas idéias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russell e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confirma na edição 308 da *IHU On-Line*, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a ex-*

³ Gianni Vattimo (1936): filósofo italiano, internacionalmente conhecido pelo conceito de “pensamento fraco”. Concedeu diversas entrevistas à IHU On-Line. A primeira delas foi publicada na 88ª edição, de 15-12-2003, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161200490.17pdf.pdf>, a segunda na 128ª edição, de 20-12-2004, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158266406.14pdf.pdf>, a terceira saiu na edição 161, de 24-10-2005, quando conversou pessoalmente com a IHU On-Line, no Hotel Intercity, em Porto Alegre, no dia 18 de outubro daquele ano, às vésperas de proferir sua conferência no evento *Metamorfoses da cultura contemporânea*. Esse material está disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158347724.5pdf.pdf>. Também contribuiu na IHU On-Line nº 187, de 03-07-2006, com a entrevista *O nazismo e o “erro” filosófico de Heidegger*, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344314.18pdf.pdf>. Concedeu, também, a entrevista *Liberdade. Uma herança do cristianismo*, publicada na edição número 287, de 30 de março de 2009, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1238442393.0578pdf.pdf>. Dele também publicamos uma entrevista na 121ª edição, de 1º-11-2004, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158265679.78pdf.pdf>, um artigo na edição 53, de 31-03-2003, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161289549.27pdf.pdf>, e outro no número 80, de 20-10-2003, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161201820.79pdf.pdf>. A editoria Livro da Semana, na edição 149, de 1º-08-2005, abordou a obra *The future of religion*, escrita por Vattimo, Richard Rorty e Santiago Zabala, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344558.62pdf.pdf>. De sua produção intelectual, destacamos *Más allá de la interpretación*. (Barcelona: Paidós, 1995); *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1996); *Introdução a Heidegger* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998) e *Diálogo con Nietzsche: Ensayos 1961-2000* (Barcelona: Paidós, 2002). (Nota da IHU On-Line)

⁴ Karl Löwith (1897-1973): filósofo alemão. Sua obra mais famosa é *Von Hegel zu Nietzsche* (Stuttgart, Kohlhammer, 1958). (Nota da IHU On-Line)

Heidegger, Jaspers,⁹ Sartre,¹⁰ Levinas, Hannah Arendt e tantos outros. Creio que muito mais do que ser kierkegaardiano, o desafio é pensar com e contra Kierkegaard quando necessário for. Compreendê-lo como uma perspectiva por onde se faz filosofia. Penso que isso dá muito mais alegria e sabor ao jogo.

LEIA MAIS...

>> Marcio Gimenes de Paula já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela está disponível na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br)

• *Lutero, pai da modernidade, visto por Nietzsche*. Entrevista publicada na edição 280 da Revista IHU On-Line, de 03-11-2008, disponível no endereço http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1810.

perícia do inefável em Wittgenstein, com Luigi Perissinotto, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1810. (Nota da IHU On-Line).

9 **Karl Jaspers** (1883-1969): filósofo existencialista alemão. Acreditava que a filosofia não é um conjunto de doutrinas, mas uma atividade por meio da qual cada indivíduo pode se conscientizar da natureza de sua própria existência. Escreveu vários livros sobre os grandes filósofos do passado. Escreveu *Filosofia* (1932), *O alcance perene da filosofia* (1948) e *O caminho para a sabedoria* (1949). Jaspers começou a ensinar Psiquiatria na universidade de Heidelberg em 1913 e se tornou professor de Filosofia em Heidelberg, em 1921. Em 1948, passou a ensinar Filosofia na universidade de Basiléia, na Suíça. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na IHU On-Line 49ª edição, de 24-02-2003, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161289883.57pdf.pdf> e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161289805.13pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

10 **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu *ensaio O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

Kierkegaard e Schopenhauer. Proximidades e rupturas

Música e tragédia são as formas mais belas de compreensão até mesmo do Absoluto. Kierkegaard eleva a arte como aspiração máxima do ser, explica Deyve Redyson Melo dos Santos. Rupturas se apresentam ao longo de suas obras

POR MÁRCIA JUNGES E JASSON MARTINS | TRADUÇÃO JASSON MARTINS

Natureza, arte, música são pontos que aproximam as filosofias de Søren Kierkegaard e Arthur Schopenhauer. A distância entre os pensadores se dá na maneira como veem Deus e compreendem alguns conceitos, além da percepção da existência, explica o teólogo e filósofo Deyve Redyson Melo dos Santos em entrevista por e-mail à IHU On-Line. “Quando Schopenhauer inicia sua obra *O Mundo como vontade e como representação*, afirmando que O mundo é minha representação, ele fundamenta o caráter objetivista de sua teoria e, de forma uníssona, se liga a Kierkegaard quando este pensa que o universo é dotado de grandes características, e uma delas é a vontade”, assinala. Deyve acentua que a arte, para Schopenhauer, como a música e a tragédia, “são as mais belas formas de se compreender até mesmo o absoluto. Kierkegaard, em seu ensaio sobre o belo musical, também eleva a arte como a aspiração máxima do ser. As rupturas estão inseridas no contexto de suas obras, a identificação do ideal de arte ou da arte ideal, da beleza e de suas formas, da interpretação do gênio e do artista e, por fim, de toda uma série de conceitos que encontramos no conjunto de suas obras”.

Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Aracajú (UVA-CE) e em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), é mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e doutor em Filosofia pela Universidade de Oslo, na Noruega. Deyve é professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Pesquisa na área de Filosofia da Religião com ênfase em Schopenhauer, Feuerbach, Kierkegaard, Nietzsche, Cioran e Idealismo Alemão. Escreveu, entre outros, *Dossiê Schopenhauer* (São Paulo: Universo dos Livros, 2009) e *A Filosofia de Søren Kierkegaard* (Recife: Elógica, 2004). Membro do Grupo de Pesquisa sobre a obra de Kierkegaard (CNPq), é o atual presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (Sobreski). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os pontos de contato entre liberdade e vontade em Kierkegaard e Schopenhauer?¹

1 Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que

Deyve Melo dos Santos - A vontade para Schopenhauer será um dos pontos principais de sua concepção de filosofia. Para ele, a vontade é a coisa que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

em si kantiana, e esta é a resposta que nenhum pensador conseguiu alcançar. Já a liberdade é o caminho para o encontro de si mesmo, isto é, Schopenhauer entende a liberdade como a ação primordial que fará do homem um ser que possa interagir com o mundo, com as coisas e com os seres. Interessante é pensar essas duas teorias juntamente com o pensamento de Kierkegaard, que tinha em Schopenhauer um exemplo de pensador, que elabora as categorias da filosofia e se põe a respondê-las. Ainda existe muita coisa a ser dita sobre a relação do pensamento de Schopenhauer e Kierkegaard, seja sobre a natureza, sobre a arte, sobre a música. Eles estão bastante próximos um do outro.

IHU On-Line - Não existe um antagonismo entre liberdade e vontade?

Deyve Melo dos Santos - Existe, e o fato deste antagonismo existir faz com que tanto em Schopenhauer como em Kierkegaard vejamos quais os questionamentos que hoje podemos fazer perante os conceitos de liberdade e vontade, se somos livres no pensar, ou se nossa vontade é condição de podermos ser quem somos. Penso que refletir sobre liberdade e vontade compreende duas tarefas difíceis, mas de importância fundamental à filosofia de hoje.

IHU On-Line - Como podemos compreender essas conexões de pensamento tomando em consideração a distância teórica que tem como ponto de partida tais autores?

Deyve Melo dos Santos - Realmente existe uma certa distância entre nossos dois autores, mas essa distância está presente na forma de ver Deus, na forma de compreender determinados conceitos e finalmente na forma de percepção da existência. Tentar fazer uma aproximação entre Schopenhauer e Kierkegaard é uma tarefa de constatar que a subjetividade e a objetividade são terrenos férteis quando falamos de natureza, de existência, de amor, de ironia, de vontade e, principalmente, do mundo como representação. Quando Schopenhauer inicia sua obra *O Mundo como vontade e como representação*, afirmando que *O mundo é minha representação*, ele fundamenta

“A preocupação de Kierkegaard é com a instituição estatal que quer fazer toda uma nação cristã e luta em busca de uma verdadeira concepção de cristandade. Schopenhauer condena toda e qualquer formulação de fé que seja baseada numa pretensa vida em dogmas e obrigações para com o divino”

o caráter objetivista de sua teoria e, de forma uníssona, se liga a Kierkegaard quando este pensa que o universo é dotado de grandes características, e uma delas é a vontade.

IHU On-Line - E com relação aos seus pontos de vista sobre a religião, como é possível entender a aproximação entre ambos?

Deyve Melo dos Santos - No modo de entender a religião, a fé e o próprio conceito de Deus, Schopenhauer e Kierkegaard caminham diferentemente. A preocupação de Kierkegaard é com a instituição estatal que quer fazer de toda uma nação cristã e luta em busca de uma verdadeira concepção de cristandade. Schopenhauer condena toda e qualquer formulação de fé que seja baseada numa pretensa vida em dogmas e obrigações para com o divino. Na verdade, podemos também fazer um paralelo entre estas duas formas de ver a fé, pois ver o mundo como o pior dos mundos possíveis, como Schopenhauer faz, somente nos

leva a entender que este mundo é um mundo de sentidos.

IHU On-Line - Qual é a diferença entre a crítica que fazem a Hegel?

Deyve Melo dos Santos - Schopenhauer é acusado de fazer muitos insultos a Hegel, Schelling,³ Fichte.⁴ É verdade. Schopenhauer afirma que Hegel é um filofastro, um charlatão e várias coisas mais. Também podemos encontrar críticas bem formuladas com relação ao sistema da ciência de Hegel, que somente encontra espaço no absoluto. A crítica de Schopenhauer a Hegel está centralmente localizada na ideia do absoluto e na forma com que esse absoluto chega no sistema hegeliano. A típica pergunta

2 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no séc. XX. Sobre Hegel, confira a edição especial nº 217 de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1177963119_41pdf.pdf. Sobre Hegel, confira, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1213054489_296pdf.pdf. (Nota da IHU On-Line)

3 Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da IHU On-Line)

4 Johann Gottlieb Fichte (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu devotar sua vida à filosofia depois de ler as três *Críticas* de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação de uma crítica de toda a revelação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor para publicar o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus *Discursos à nação alemã* são sua obra mais conhecida. (Nota da IHU On-Line)

que para Schopenhauer, e a mais importante é: por que, na *Ciência da Lógica*,⁵ Hegel tem que começar com uma ideia de ser que não é o ser mesmo? ou o ser que podemos entender como ser? Kierkegaard segue o mesmo caminho: não aceita uma verdade absoluta, como Hegel quer entender no seu sistema. Kierkegaard acredita que Hegel nega a identidade de fundo irônico em Sócrates e por isso entendeu o mundo como universal. Para Kierkegaard, esta ironia como negatividade infinita absoluta é o eterno, isto é, a constituição máxima do real enquanto explicação dele mesmo. Interessante também é pensar o sistema da ciência de Hegel e de como sua influência fez com que tanto Schopenhauer e Kierkegaard estivessem tão próximos um do outro.

IHU On-Line - Como você entende as concepções de arte em Kierkegaard e Schopenhauer? Que aspectos apontam em comum e quais são as maiores rupturas?

Deyve Melo dos Santos - Em Schopenhauer, a arte e sua vinculação com a estética é o belo, que ele chama de metafísica do belo, que eleva a noção de beleza e arte até o conhecimento objetivo, isto é, um conhecimento estético. A arte, para Schopenhauer, juntamente com a música e a tragédia, são as mais belas formas de se compreender até mesmo o absoluto. Kierkegaard, em seu ensaio sobre o belo musical, também eleva a arte como a aspiração máxima do ser. As rupturas estão inseridas no contexto de suas obras, a identificação do ideal de arte ou da arte ideal, da beleza e de suas formas, da interpretação do gênio e do artista e, por fim, de toda uma série de conceitos que encontramos no conjunto de suas obras.

IHU On-Line - Enquanto presidente da SOBRESKI, qual é a sua percepção sobre os estudos de Kierkegaard no Brasil?

Deyve Melo dos Santos - Esta já é a X Jornada de Estudos sobre Kierkegaard, e cada vez mais vem aumentando o

“Kierkegaard, em seu ensaio sobre o belo musical, também eleva a arte como a aspiração máxima do ser. As rupturas estão inseridas no contexto de suas obras, a identificação do ideal de arte ou da arte ideal, da beleza e de suas formas, da interpretação do gênio e do artista e, por fim, de toda uma série de conceitos que encontramos no conjunto de suas obras”

número de alunos de graduação e pós-graduação nas universidades brasileiras que têm despertado interesse em estudar o pensamento de Kierkegaard. Hoje já é possível fazer uma leitura aprofundada na filosofia de Kierkegaard, pois, já se encontram traduzidas diversas de suas obras realizadas diretamente do dinamarquês para o português. Uma das coisas que mais contribuiu para uma leitura errada de Kierkegaard eram as deficientes traduções que tínhamos, que cometeram erros grosseiros e nos levaram a interpretações que fizeram de Kierkegaard um simples pensador. Com as traduções de *O Conceito de Ironia*, *Migalhas Filosóficas*, *As Obras do Amor* e o extenso volume traduzido por Ernani Reichmann⁶ na década de 1970, é possível

uma leitura legítima de Kierkegaard. Com as traduções, vieram também estudos publicados em diversas editoras e universidades do país, livros como os de Alvaro Valls,⁷ Marcio Gimenes de Paula⁸ e Jonas Roos⁹ também revelam como Kierkegaard tem ainda muito a oferecer à filosofia de hoje. Outro grande passo que foi dado foi a formação do grupo brasileiro de estudos de Kierkegaard, a SOBRESKI, que atualmente se encontra para discutir, compartilhar e trocar ideias e informações sobre o pensador dinamarquês. Cada vez mais cresce o número de pesquisadores com mestrado e doutorado que efetivam suas contribuições em revistas especializadas em filosofia e apresentam comunicações em encontros e congressos dentro do país. Com a perspectiva de mais traduções irem aparecendo, mais estudos e a continuidade das reuniões anuais da SOBRESKI, o pensamento de Kierkegaard somente tenderá a crescer no Brasil.

ta, ensaísta, biógrafo, filósofo, advogado, diplomado em direito e tradutor brasileiro, o primeiro leitor e tradutor de Kierkegaard do dinamarquês para a língua portuguesa. Traduziu, entre outros, *Kierkegaard* (Textos Seleccionados). Editora da Universidade do Paraná, 1972. De sua autoria, citamos *O Instante* (Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1981). (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Álvaro Valls**: filósofo brasileiro. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de Heidelberg, Alemanha, com a tese *O conceito de história nos escritos de Søren Kierkegaard*. Escreveu, entre outros, *Kierkegaard* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007). Confira, nesta edição, concedida por Valls: *O avanço da pesquisa em Kierkegaard no Brasil*. (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Marcio Gimenes de Paula**: filósofo brasileiro, graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Independente. cursou graduação, mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, é professor adjunto II do departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). É autor de *Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard* (São Paulo: Paulus, 2009). Confira, nesta edição, a entrevista por ele concedida à IHU On-Line: *O indivíduo como ponto inicial na filosofia kierkegaardiana*. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Jonas Roos**: filósofo brasileiro, licenciado em Filosofia pela Unisinos, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade EST, em São Leopoldo. Realizou pesquisa de pós-doutorado em Filosofia na Unisinos, em 2009. Atualmente, é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Confira a entrevista concedida por Roos a esta edição da IHU On-Line: *Uma virada nos conceitos tradicionais religiosos*. (Nota da IHU On-Line)

⁵ *Ciência da Lógica*: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Wissenschaft der Logik* (2. ed. Hamburg: Felix Meiner, 1969). (Nota da IHU On-Line)

⁶ Ernani Reichmann (1920-1984): romancis-

A crítica de Gadamer e Kierkegaard à filosofia abstrata

Caráter abstrato, vazio e desvinculado da prática é rechaçado por ambos pensadores, menciona Luiz Rohden. Outro ponto que os aproxima é a defesa e concepção de uma estética da vida

POR MÁRCIA JUNGES E JASSON MARTINS

Gadamer e Kierkegaard têm alguns pontos de proximidade. Um deles, central, explica o filósofo Luiz Rohden, é “a crítica ao modelo de filosofia abstrata, vazia, desvinculada da prática, com caráter absolutista. Ou ainda, uma crítica contundente ao modelo de ciência desvinculado da trama real da vida”. Além disso, completa, “a defesa e a concepção, com suas devidas distinções, estética da vida” são outras possíveis convergências. Na entrevista que segue, realizada por e-mail, Rohden analisa a presença de Kierkegaard na filosofia hermenêutica de Gadamer: mesmo não sendo tão citado quanto outros pensadores da tradição filosófica, Kierkegaard “pode ser considerado um dos pensadores que exerceu uma influência decisiva na construção conceitual do seu projeto hermenêutico”. Tal recepção se dá por duas vias. A primeira delas, indireta, acontece pela filosofia de Heidegger e Jaspers. A segunda, direta, pela interpretação e leitura de textos do dinamarquês, como Enter-Eller (*A alternativa*).

Rohden é graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, mestre e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com a tese *Experiência e linguagem: princípios da hermenêutica filosófica*. cursou pós-doutorado no Boston College, nos Estados Unidos. De suas obras, destacamos: *O poder da linguagem: a arte retórica de Aristóteles* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997), *Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem* (São Leopoldo: Unisinos, 2005) e *Interfaces da Hermenêutica: método, ética e literatura* (Caxias do Sul: Editora UCS, 2008). Na Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard apresenta em 12 de novembro a comunicação A presença de Kierkegaard na filosofia hermenêutica de H.-G. Gadamer. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como se dá a presença de Kierkegaard na filosofia hermenêutica de Gadamer?¹

Luiz Rohden - Embora Kierkegaard não seja tantas vezes citado por Gadamer, explicitamente, quanto Platão, Aristóteles, Hegel, Husserl e Heidegger, ele pode ser considerado um dos pensadores que exerceu uma influência decisiva na construção conceitual do seu projeto hermenêutico. A recepção de Kierkegaard por parte de Gadamer se dá por duas vias; uma, a indireta, principalmente pela filosofia de Heidegger e de Jaspers, e a outra, direta,

¹ Hans-Georg Gadamer: filósofo alemão, autor de *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13-03-2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da IHU On-Line número 9, de 18-03- 2002, *Nosso adeus a Hans-Georg Gadamer*, disponível em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1161374080.18pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

pela leitura e interpretação de textos escritos pelo pensador dinamarquês, especialmente o *Enter-Eller* (*A alternativa*). Ainda com relação à pergunta proposta, a apropriação de Kierkegaard por parte de Gadamer deve ser compreendida no contexto da filosofia alemã no período entre as duas grandes guerras mundiais, ou seja, a defesa e justificação do ‘mistério indecifrável da individualidade’ em contraposição crítica à filosofia acadêmica do século XIX e à fé liberal no progresso.

IHU On-Line - Quais são os principais pontos de proximidade entre ambos autores?

Luiz Rohden - Um dos pontos centrais que aproxima os dois pensadores é a crítica ao modelo de filosofia abstrata, vazia, desvinculada da prática, com caráter absolutista.

Ou ainda, uma crítica contundente ao modelo de ciência desvinculado da trama real da vida. Ainda jovem, Gadamer encontrou em Kierkegaard uma construção teórica que contribuiu para justificar uma filosofia a partir do *factum* pelo viés do conceito teológico de simultaneidade pelo qual o pensador dinamarquês se contrapôs ao modelo de conhecimento pautado pelo *compreender à distância*. Gadamer apropriou-se deste conceito teológico e o aplicou ao âmbito filosófico na esteira da filosofia heideggeriana. Vinculado ao tema anterior, compreende-se a defesa da filosofia de cunho “existencial”, patrocinada por Kierkegaard e assimilada por Gadamer na metade do século XIX. Tanto a fé quanto a filosofia já não deveriam mais ser vistas desvinculadas da existência

humana em sua finitude, múltiplas possibilidades de ação, historicidade etc. Outro ponto que os aproxima é a defesa e a concepção, com suas devidas distinções, estética da vida. Comungam da concepção segundo a qual, a fé para um e a hermenêutica para o outro, se efetivam enquanto uma experiência de vida, uma postura em relação ao real, muito mais que uma opção teórica. Atrelado aos aspectos anteriores, podemos mencionar ainda que ambos concebem um saber nos moldes da filosofia prática de Aristóteles. Kierkegaard concebe o conhecimento e o ser cristão enquanto uma tarefa, uma prática diária onde temporalidade e eternidade se entrelaçam e convivem dialeticamente; Gadamer justifica um modo de conhecer que costura unidade com multiplicidade, o dito com o não-dito [ainda] enquanto um movimento inesgotável, próprio dos amantes do saber.

IHU On-Line - Quais seriam as simultaneidades kierkegaardianas em Gadamer?

Luiz Rohden - Em primeiro lugar, de acordo com Gadamer, na esteira de Kierkegaard, *simultâneo* 'não quer dizer ser-ao-mesmo-tempo, mas formula a tarefa, que é proposta aos crentes de intermediar entre si aquilo que não é ao-mesmo-tempo, como a própria presença e a salvação de Cristo'. Ora, o acontecer da simultaneidade se efetiva enquanto hermenêutica, compreensão, enquanto um movimento entre eterno e temporal, deuses e humanos efetivado pelo deus Hermes. Além disso, considerando o que já foi respondido na pergunta anterior, diríamos que a fé para um e a compreensão para outro são acontecimentos espelhados na metáfora da simultaneidade, ou seja, toda vez que lemos um texto, estamos efetivando uma simultaneidade entre sua letra e seu espírito, entre um tempo passado e o presente do intérprete, entre o mundo de sentidos possíveis e a instauração de sentido que acontece no ato de leitura. Nesse sentido, ocorre uma espécie de *repetição* que jamais será literal do que está contido num texto, mas será sempre criativa, seja

porque ele é apenas uma direção [de sentido] seja porque a leitura é sempre uma espécie de recriação do original. Este espécie de simultaneidade gadameriana se efetiva no modelo estrutural do diálogo.

IHU On-Line - A obra mais importante de Gadamer, *Verdade e método*, está centrada na possibilidade de transmissão da verdade, através do diálogo. Não temos aqui uma oposição, à medida que a verdade para Kierkegaard é idêntica à verdade da fé, e por isso a dificuldade em transmiti-la?

Luiz Rohden - Eu não diria que a obra mencionada está preocupada pela "possibilidade de transmissão da verdade via diálogo", mas que o diálogo, ou seja, a dialética dialógica gadameriana - espelhando-se nos diálogos platônicos - por um lado, critica o modelo de verdade identificado com o ideal de *certeza* veiculado pelas ciências modernas, e, por outro lado, justifica e sustenta que a verdade é sempre um acontecimento, que não se esgota num conceito e muito menos se congela no tempo e no espaço. Em Gadamer, ela se mostra no processo de uma procura incessante, séria e comprometida com o real, cujos corolários coerentes revelam-se sob diferentes âmbitos: ecológicos, éticos, existenciais.

IHU On-Line - Na sua opinião, é possível conhecer o pensamento de autores como Kierkegaard e Gadamer sem um prévio conhecimento da tradição cristã, sobretudo os escritos paulinos?

Luiz Rohden - Tanto um como outro construíram modos de explicitação e de compreensão apropriando-se da tradição cristã e, em minha opinião, sem se delimitarem aos escritos paulinos. Gadamer, um protestante descomprometido com dogmas religiosos, defendeu uma espécie de fé estética, o diálogo entre religiões, ao passo que Kierkegaard realizou uma contribuição fundamental para o próprio cristianismo. Contudo, sua contribuição não se esgota para o âmbito da fé, como todos sabemos.

Leia as Notícias do Dia
www.ihu.unisinos.br

Uma virada nos conceitos tradicionais religiosos

Método semelhante de Kierkegaard e Tillich para trabalhar tais conceitos inspira o pensamento de uma religiosidade que fale com a cultura de seu tempo, pontua Jonas Roos

POR MÁRCIA JUNGES E JASSON MARTINS

Kierkegaard e Tillich trabalham de forma semelhante ao reelaborar e re-significar conceitos tradicionais religiosos. Ambos “são figuras inspiradoras para se pensar uma religiosidade que dialogue com a cultura de seu tempo e com as suas perguntas. Nesse diálogo é fundamental que se limpe os conceitos e se traduza fórmulas que já não comunicam mais muita coisa”. A análise é do filósofo Jonas Roos, com exclusividade, por e-mail, à **IHU On-Line**. “Merece destaque nesses dois autores o método similar com o qual trabalham as questões existenciais e religiosas”, disse. É incontestável a influência de Kierkegaard sobre Tillich, mas deve ser mencionada, igualmente, a importância de Hegel, Schelling e Nietzsche para a composição de seu pensamento. Outro ponto interessante é que Tillich orientou Theodor Adorno, em 1933, em sua tese sobre o dinamismo, frisa Roos. A tese intitulou-se *A construção do estético*, e está em fase de tradução pelo Prof. Dr. Álvaro Valls pela Editora Unesp.

Licenciado em Filosofia pela Unisinos, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade EST, em São Leopoldo, Roos realizou pesquisa de pós-doutorado em Filosofia na Unisinos, em 2009. Atualmente, é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Na Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard apresenta em 13 de novembro a comunicação Kierkegaard e Tillich: pensadores de correlação. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o principal ponto de convergência entre o pensamento de Kierkegaard e o de Tillich?

Jonas Roos - Paul Tillich nasceu em Starzeddel, no leste da Alemanha (atualmente parte da Polônia). Em seu país, tornou-se pastor luterano e professor de Teologia Sistemática e Filosofia da Religião. Devido a sua filiação ao partido socialista religioso e oposição ao nazismo foi forçado a emigrar para os Estados Unidos em 1933, onde continuou publicando e exercendo a docência. Em seu pensamento, Tillich foi influenciado pela leitura de Kierkegaard, mas também pelo pensamento de Hegel, Schelling e Nietzsche, só para citar alguns dos nomes mais importantes. Importante dizer também que Tillich foi orientador de Adorno em sua tese sobre Kierkegaard. Há várias semelhanças entre os pensamentos de Kierkegaard e Tillich, assim como há diferenças importantes. Penso que merece destaque nesses dois autores o

método similar com o qual trabalham as questões existenciais e religiosas.

Sabe-se que Kierkegaard desenvolveu toda uma estratégia de comunicação, muitas vezes usando a linguagem viva de seu tempo para colocar as perguntas existenciais a partir de situações concretas imaginadas em seu próprio contexto. Do interior dessas situações, surgem questões que são relacionadas a seu pensamento religioso. Ou seja, o religioso não é simplesmente apresentado em linguagem hermética e de modo distanciado, mas como algo que se relaciona às situações concretas e perguntas elaboradas a partir de situações vividas. Tillich parece ter aprendido com Kierkegaard esse modo de abordar as questões religiosas. O autor alemão desenvolve o que denomina “método de correlação”, onde, enquanto teólogo, procura elaborar as perguntas existenciais presentes na cultura e relacioná-las à mensagem cristã, interpretando esta para o contexto onde é recebida. Em ambos os autores, a

elaboração de questões religiosas parte de perguntas existenciais presentes em situações culturais determinadas.

IHU On-Line - Há, nesses autores, uma busca de esclarecimento da relação entre religião e cultura?

Jonas Roos - Em Tillich esta relação está mais explícita. Um dos pontos fundamentais de seu pensamento é o que chama de Teologia da Cultura. Tillich entende as relações entre religião e cultura não como pólos opostos, mas como se esclarecendo mutuamente. No seu entendimento, a religião, em termos amplos, dá substância e sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, engloba a totalidade das formas pelas quais a preocupação fundamental da religião pode se exprimir. A religião, por um lado, mesmo em suas formas mais secularizadas, e a cultura, por outro, estariam em uma relação de interdependência.

Kierkegaard é mais facilmente visto

“Em ambos os autores, a elaboração de questões religiosas parte de perguntas existenciais presentes em situações culturais determinadas”

como crítico da cultura de seu tempo, principalmente em função de sua polêmica com a igreja dinamarquesa do séc. XIX. Entretanto, não se pode esquecer que a crítica já pressupõe uma relação. Kierkegaard tem toda uma preocupação com o modo como escreve seus textos e faz uso de uma comunicação indireta para tornar o seu leitor atento a certas questões. Nesse sentido, ele insere a sua comunicação na moldura cultural de seu tempo. Tal estratégia pressupõe um amplo conhecimento da própria cultura, pressupõe um conhecimento das questões existenciais-religiosas que trabalha e, além disso, o entendimento do modo de relacionar esses dois pólos, sem confundi-los, mas também sem eliminar a relação.

IHU On-Line - Nessa perspectiva de relação com a cultura, os conceitos religiosos tradicionais seriam abolidos?

Jonas Roos - Seria mais correto dizer que eles são reelaborados e ressignificados. Nesse sentido, Kierkegaard e Tillich trabalham de modo muito semelhante. Tillich escreveu um pequeno livro intitulado *Dinâmica da fé* (3ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985) - e que, sem dúvida, merece ser lido por quem se interessa por tais questões - onde inicia dizendo que fé é um desses termos que primeiro precisam ser curados antes de poder curar pessoas. Ou seja, há o reconhecimento de que existem grandes mal-entendidos com relação a termos religiosos e que o terreno precisa ser limpo antes de se poder trabalhar adequadamente nele. Há que se fazer uma limpeza de conceitos e procurar ressignificá-los e reinterpretá-los. Isso não significa, necessariamente, abolir. A respeito de seu trabalho, Kierkegaard disse que estaria escavando os conceitos cristãos, como que os limpando depois de séculos, tentando redescobrir suas formas originais. Ou seja, trata-se de um trabalho conceitual que tanto Kierkegaard quanto Tillich realizam com habilidade.

IHU On-Line - Este trabalho com conceitos religiosos envolve um processo filosófico?

Jonas Roos - Tillich entende que qualquer texto religioso lida com conceitos filosóficos como espaço, tempo, história, dever, liberdade, necessidade, etc. e que trabalhar com tais conceitos é tarefa filosófica, ainda que dentro da teologia ou da ciência da religião. Elaborar as perguntas existenciais presentes na cultura é trabalho filosófico. De semelhante modo, a articulação da resposta envolve, muitas vezes, uma tradução de conceitos religiosos para uma linguagem mais adequada a determinado contexto.

Tillich elabora a pergunta filosoficamente. Kierkegaard é mais socrático, elabora também a pergunta filosoficamente, mas realiza um processo de desconstrução das falsas respostas, colocando o ser humano diante de seu próprio vazio existencial. Kierkegaard parece consumir o falso conteúdo a partir de dentro, deixando a pessoa só com a casca, como fazia Sócrates. Mas, para Kierkegaard, a ironia não é a última palavra, é método que deve ser compreendido dentro da moldura de sua obra como um todo, o que, aliás, já se percebe com uma leitura atenta de sua tese sobre a ironia socrática.

IHU On-Line - Qual é a importância desta relação entre Kierkegaard e Tillich para os dias de hoje?

Jonas Roos - O alcance de obras de grandes pensadores é sempre amplo e difícil de estabelecer. Na relação específica que aqui proponho, entendo que tanto Kierkegaard quanto Tillich são figuras inspiradoras para se pensar uma religiosidade que dialogue com a cultura de seu tempo e com as suas perguntas. Nesse diálogo, é fundamental que se limpe os conceitos e se traduza fórmulas que já não comunicam mais muita coisa. Este procedimento é o que Tillich chamou de método de correlação e que, de certa forma, já estava presente em Kierkegaard.

IHU Ideias. Todas as quintas-feiras.
Informações em www.ihu.unisinos.br

Que peso tem para um filho o pai em pecado?

Lacan leitor de Kierkegaard

Mario Fleig examina a influência do pensador dinamarquês na obra lacaniana. Apesar dos elementos da melancolia presentes em sua filosofia, Lacan não o tomou como caso clínico

POR MÁRCIA JUNGES E JASSON MARTINS

“**A** referência ao nome de Kierkegaard na obra e no ensino de Lacan é marcante e decisiva”. A afirmação é do filósofo e psicanalista Mário Fleig, na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. “Vemos que Lacan busca no filósofo dinamarquês pontos de apoio bem determinados para poder realizar o que denominou de ‘retorno a Freud’: a repetição, a angústia, a existência e o instante”. Entretanto, aponta Fleig, mesmo como um leitor atento de Kierkegaard, Lacan nunca o “tomou como um caso clínico, apesar de todos os elementos de sua melancolia estarem tão disponíveis”.

Fleig é professor do curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia pela Unisinos, e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia pela UFRGS, doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, e pós-doutor em Ética e Psicanálise pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França. Na Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard, apresenta em 12 de novembro a comunicação Lacan leitor de Kierkegaard: que peso tem para um filho o pai em pecado? Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as principais influências de Kierkegaard na obra de Lacan?

Mario Fleig - A referência ao nome de Kierkegaard na obra e no ensino de Lacan é marcante e decisiva. Encontramos o primeiro registro em uma discussão em maio de 1946, na qual Lacan convoca Kierkegaard para demarcar que o humor é uma forma de espiritualidade muito superior e que se manifesta particularmente no adulto e, portanto, bem diferente do humor na criança. Assim, vemos que Lacan busca no filósofo dinamarquês pontos de apoio bem determinados para poder realizar o que denominou de “retorno a Freud”: a repetição, a angústia, a existência e o instante. Este retorno se contrapõe às concepções que tendiam a introduzir na clínica psicanalítica as vias diretas de tratamento, assim como o pensamento de síntese, que inevitavelmente produz cristaliza-

ções no discurso e induz o analisante a “atuar” sua angústia. É nesta perspectiva que Kierkegaard fornece noções indispensáveis que valorizam o resto, o detalhe, a falha, enfim, o paradoxo que não se deixa resolver em qualquer síntese redentora.

A última referência ao solitário de Copenhague ocorre no seminário *R.S.I.*, em 18 de fevereiro de 1975, e creio que seja importante lermos esta passagem, pois reúne as indicações da presença do dinamarquês no ensino do psicanalista.

“É certo que essas categorias [real, imaginário e simbólico] não são manejáveis facilmente. No entanto, elas deixam para si mesmas alguns vestígios na história, a saber, que afinal é por uma extenuação filosófica tradicional, cujo cume é dado por Hegel, que alguma coisa que brilhou sob um nome de um assim denominado Kierkegaard, a respeito do qual vocês sabem o quanto

eu denunciei como convergente com a experiência que bem mais tarde apareceu com um Freud, e sua promoção da ek-sistência como tal. Há algo, me parece, que não se possa dizer ou não se possa encontrar no próprio Kierkegaard testemunho que é não apenas da promoção da repetição como algo de mais fundamental na experiência que a resolução dita tese, antítese, síntese sobre a qual um Hegel trama a História, mas a valorização dessa repetição como de uma função fundamental, cuja medida se encontra no gozo e cuja relações (as relações vividas por Kierkegaard são aquelas de um nó, sem dúvida, jamais confessado, mas que é aquele de seu pai com a falta”.

Eu gostaria de destacar nesta citação, de modo breve, cinco pontos que evidenciam o impacto do dinamarquês na obra de Lacan. De saída, sobressai a contraposição à filosofia da síntese.

Em seguida, Lacan propõe uma filiação de Freud ao dinamarquês por meio da noção de ek-sistência. Em terceiro lugar, o conceito de repetição, em contraposição à noção platônica de reminiscência, se constitui no ponto nodal da leitura que Lacan faz do filósofo, elucidando assim os emaranhados da confusão feita pelos leitores apressados de Freud entre transferência e repetição. A medida desta repetição, em quarto lugar, se revela na noção de gozo. E, por último, a indicação clínica que indica o ponto nodal na existência do filósofo: a relação com o pecado do pai. A partir deste ponto, na medida em que forem explorados, nos mostrará o quanto Lacan lê Kierkegaard como o antecessor direto de Freud.

IHU On-Line - Como a questão do pai em pecado aparece nos escritos do autor dinamarquês?

Mario Fleig - Em sua obra *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*, publicado postumamente, Kierkegaard se refere à influência que produziu nele, desde a infância, o velho melancólico que foi seu pai. Entretanto, é em suas notas pessoais de 1838 que encontramos o relato do famoso episódio que denomina de “tremor de terra” que produz terrível perturbação que o leva a uma nova interpretação de tudo o que se passa. “Uma falta devia pesar sobre a família inteira, um castigo de Deus planava sobre ela”. O pai pecara pelo menos duas vezes: em excesso de sofrimento, em sua atividade como pastor de ovelhas, ele havia blasfemado contra Deus; e o pai desposara apressadamente a mãe de Kierkegaard, antiga doméstica da casa, e tiveram um filho antes de nove meses do falecimento da precedente. A longevidade do pai não era uma benção, mas uma maldição, que já se mostrara nas catástrofes que se abatiam sobre a família: além dos desastres econômicos que atingia a todos, houve a perda de sua segunda mulher e de cinco filhos. O nó jamais confessado com seu pai se lê em seu *Diário*: “O próprio pai se tomava por culpado da melancolia de seu filho e o filho por aquela do pai, e era isso que os impedia sempre de se abrirem um

“A relação de um psicanalista com Kierkegaard e seu pensamento poderia se inscrever no que foi denominado de psicanálise aplicada, mas não entendida de modo equivocado como a aplicação de seu saber e de seu método a objetos exteriores a especificidade da clínica psicanalítica, tais como as obras literárias ou artísticas, as religiões, as instituições e outras disciplinas”

com o outro”.

Lacan, evitando o erro banal de enveredar por uma psicologização do personagem, localiza como central a paixão pelo pai e certamente não é um mero acaso que o solitário dinamarquês tenha se tornado um multiplicador do pseudônimo, de tal modo que viesse a subverter o patronímio. Lacan, no final de seu ensino, introduzirá a pluralização do nome-do-pai e essa formulação não deixa de ter relação com os efeitos da falta paterna no roteiro fantasmático do filho, impondo-lhe uma série sem fim de disfarces do nome próprio.

IHU On-Line - O Seminário X, A angústia, de Lacan, é dedicado à angústia. O tratamento que Lacan dá a essa

temática possui alguma fundamentação na filosofia kierkegaardiana? Em que aspecto?

Mario Fleig - A angústia como manifestação de um estado inconciliável e insuportável já fora descrita por Freud, que desenvolve duas ou talvez três formulações para tentar dar conta dela. Contudo, Lacan, sem deixar de lado o legado freudiano sobre a angústia como sinal da iminência do impossível, encontra em Kierkegaard o suporte para propor uma especificidade na vivência de angústia: é frente ao desejo do Outro que a angústia emerge, e em sua dimensão temporal, ou seja, o instante em que se precipita a iminência do desamparo radical.

IHU On-Line - É possível fazer uma leitura psicanalítica da obra de Kierkegaard? Quais obras poderiam ser lidas, com proveito dessa chave de leitura?

Mario Fleig - Lacan, atento leitor de Kierkegaard, jamais o tomou como um caso clínico, apesar de todos os elementos de sua melancolia estarem tão disponíveis. Bem pelo contrário, sua atitude sempre foi a de alguém que buscava apreender aquilo que ele teria a ensinar. E Kierkegaard tem muito a nos ensinar. Os quatro pilares que Lacan extrai de sua obra é uma pista notável: a repetição, a angústia, a existência e o instante. Além disso, a sutileza de sua escrita tem muito para ensinar o psicanalista em seu ofício: “não, uma ilusão nunca é dissipada diretamente, só se destrói radicalmente de uma maneira indireta”, afirma em *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. O método indireto, a via oblíqua de se tocar na verdade insuportável de ser enunciada, o equívoco da boa interpretação que toca no real paradoxal, evitando o risco de produzir objetivação catastrófica, isso tudo o psicanalista pode aprender em cada fragmento da obra do solitário dinamarquês.

Assim, a relação de um psicanalista com Kierkegaard e seu pensamento poderia se inscrever no que foi denominado de psicanálise aplicada, mas não entendida de modo equivocado como a aplicação de seu

“Kierkegaard é um pensador que não cessa de nos confrontar com o incontornável, expresso em seus paradoxos e na radicalidade do instante extraordinário que presentifica a alteridade última, Deus”

saber e de seu método a objetos exteriores a especificidade da clínica psicanalítica, tais como as obras literárias ou artísticas, as religiões, as instituições, e outras disciplinas. Trata-se antes de evitar o que seja uma aplicação redutora de um saber totalmente pronto sobre um objeto passivo, sem nenhum reconhecimento da formulação original na obra considerada. Esta não parece ter sido a posição de Freud, que reconhece o valor próprio de uma obra, como afirma em seu ensaio sobre a Gradiva de Jensen.¹

Entretanto, os poetas são aliados de sumo valor e seu testemunho é altamente apreciado, pois costumam saber de uma multidão de coisas entre o céu e a terra com cuja existência nem sonha nossa sabedoria acadêmica. E, no conhecimento da alma, eles tomaram a nossa dianteira, nós homens vulgares, pois eles se abeberaram em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência².

Confronto com o incontornável

Essa perspectiva freudiana foi ratificada por Lacan em seu comentário à obra de Marguerite Duras:³

Haveria, ele [Freud] diz, grosseria em atribuir a técnica admitida de um autor a alguma neurose. [...] a úni-

1 **GRADIVA DE JENSEN:** do latim, “aquela que avança”, feminização de Gradivus, um dos epítetos do deus romano Marte, Mars Gradivus, isto é, “Marte que avança”, é um romance publicado em 1903 pelo escritor alemão Wilhelm Jensen, que teve grande influência na cultura européia, sobretudo entre os surrealistas. (Nota da IHU On-Line)

2 **FREUD, S.** *Der Wahn und die Träume in W. Jensens 'Gradiva'*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1982, Stuienausgabe, v. X, p. 14. (Nota do entrevistado)

3 **MARGUERITE DONNADIEU** (1914-1996): também conhecida como Marguerite Duras, escritora e diretora de filmes nascida na Indochina Francesa, hoje Vietnã. (Nota da IHU On-Line)

ca vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, se esta lhe for reconhecida como tal, é de se lembrar com Freud que, na sua matéria, o artista sempre o precede, logo, que não deve brincar de psicólogo onde o artista lhe abre a via⁴.

Assim, a psicanálise se aplica, em sentido estrito, somente como tratamento, na situação em que um sujeito fala para um outro que o ouve. Deste modo, o interesse de um psicanalista por uma obra não visaria entender a obra como um sintoma, e nem mesmo se trataria de compreender ou de relacionar o discurso do escritor com um saber constituído, mas de confiar no escritor, no trabalho da escrita e na coerência interna da obra, em seu desenvolvimento lógico. E, longe da ideia de um discurso aparente, ocultando um sentido profundo, trata-se de operar uma decifração dos significantes em ação, ou seja, tomar o texto à letra.

De modo frequente, o interesse de um psicanalista por uma obra, na prática da psicanálise dita aplicada, começa por um questionamento que emerge no encontro com uma obra. O acontecimento que marca esse encontro entre o psicanalista e a obra seria o modo como a obra atinge um mesmo ponto de impossível, que Lacan denominou de um efeito de real, com a lógica dos instrumentos que lhe são próprios. Este ponto incontornável na obra tenderia a produzir efeitos no psicanalista e na sua prática, ou seja, o psicanalista reconheceria aquilo que a obra lhe ensinou. E isso, às vezes, permite à psicanálise aplicada a uma obra, ou

4 **LACAN, J.** *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assirio & Alvim, 1989, p. 125. (Nota do entrevistado)

a outra disciplina, ilustrar ou exemplificar a teoria, por meio, então, de um saber que interroga outro saber. Ora, Kierkegaard é um pensador que não cessa de nos confrontar com o incontornável, expresso em seus paradoxos e na radicalidade do instante extraordinário que presentifica a alteridade última, Deus.

LEIA MAIS...

Mario Fleig já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Elas estão disponíveis na página eletrônica do IHU (www.ihu.unisinos.br)

* *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família.* IHU On-Line número 150, O pai desautorizado: desafios da paternidade contemporânea, de 08-08-2005, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344547.83pdf.pdf>

* *Freud e a descoberta do mal-estar do sujeito na civilização.* IHU On-Line número 179, Sigmund Freud. Mestre da suspeita, de 08-05-2006, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158345628.45pdf.pdf>

* *O declínio da responsabilidade.* IHU On-Line número 185, O século de Heidegger, de 19-06-2006, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344730.57pdf.pdf>

* *O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral.* IHU On-Line número 220, O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, de 21-05-2007, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=407

* *“Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana”.* IHU On-Line número 265, Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie, de 21-07-2008, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1174

* *Não cedas do teu desejo: é preciso sustentarmos o que falamos com voz própria.* IHU On-Line número 295, Ecoeconomia. Uma resposta à crise ambiental?, de 01-06-2009, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_destaque_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1645&idedit=7

* *O direito ao gozo e à violência.* IHU On-Line número 298, Desejo e violência, de 22-06-2009, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1675

* *IHU Repórter.* IHU On-Line número 303, A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo?”, de 10-08-2009, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_ihu_reporter&Itemid=30

O avanço da pesquisa em Kierkegaard no Brasil

Kierkegaard é tema de dezenas de pesquisas na pós-graduação brasileira. Tradução de *O conceito de angústia*, ainda no prelo, servirá como novo elemento e estímulo à discussão das ideias do dinamarquês, acentua Álvaro Valls

POR MÁRCIA JUNGES E JASSON MARTINS

“**H**oje já não se pode dizer que, no Brasil, não se leu Kierkegaard. Há vinte anos, foi possível ironizar dizendo que aqui não se lera, só se escrevera sobre Kierkegaard. Agora não!” A afirmação é do Prof. Dr. Álvaro Valls, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Tradutor de *O conceito de angústia*, ainda no prelo, Valls disse que agora a obra poderá ser lida em uma tradução fiel e filosófica, investigada em “seus aspectos dialéticos, platônicos, agostinianos, schellinguanos, hegelianos”. De acordo com ele, atualmente, existem inúmeros trabalhos de pós-graduação sobre Kierkegaard em nosso país. A respeito da recepção da filosofia desse pensador em nossa terra, Valls assinala que esta difere da alemã, francesa e japonesa. Ele explica: “Trata-se de uma recepção bem humorada, competente, mais divertida, sem perder tempo com polêmicas rancorosas”.

Valls é doutor em Filosofia pela Universidade de Heidelberg (Alemanha). Professor titular do PPG-Filosofia da Unisinos, é pesquisador do CNPq, presidente do Grupo de Estudos sobre as obras de Kierkegaard nesta instituição e um dos fundadores da Sociedade Kierkegaard do Brasil (Sobreski). Traduziu algumas obras desse filósofo direto do dinamarquês, publicadas na coleção Pensamento Humano, pela Editora Vozes, e está finalizando a tradução de uma obra de Theodor Adorno para a Editora UNESP. De sua produção bibliográfica, citamos *Entre Sócrates e Cristo* (Porto Alegre: Edipucrs, 2000) e *O que é Ética?* (São Paulo: Brasiliense, 1983). Com Jorge Miranda de Almeida, escreveu *Kierkegaard* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007). Na Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard, apresenta em 13 de novembro a comunicação Três leituras que Adorno fez de Kierkegaard. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em seu livro *Entre Sócrates e Cristo*, o senhor faz a seguinte afirmação: “Ora, se a ironia é uma atitude diante da vida, é também uma forma de comunicação”. O que significa isso?

Álvaro Valls - A ironia, na tradição socrática, é uma atitude relacionada ao nada (ver: “só sei que nada sei”) e mais radical que o niilismo, o cinismo e o ceticismo. Embora Hegel, na sua *História da Filosofia*, a reduza a “uma maneira de conversar”, ela é bem mais do que isso, é uma atitude diante da vida, que desafia o dogmatismo dos donos da verdade e questiona os que abstraem de sua própria subjetividade. Kierkegaard, que penetrou no mundo grego orientado por Poul Martin Møller¹ (a quem dedicou *O concei-*

to angústia), apropriou-se da ironia da maiêutica socrática, porém considerou necessário colocá-la a serviço de uma ideia mais alta. Argumentou que, depois do ensinamento de Jesus Cristo, a ironia não tinha mais o direito de ficar com a última palavra: essa foi sua crítica, p. ex., à chamada ironia romântica. Mas a ironia poderia ser utilizada, na comunicação, como arma ou instrumento, pela elasticidade que ela proporciona aos enunciados, devido à distância entre a intenção do falante (o que este “quer dizer”, relacionado à dimensão pragmática) e o significado

bém filósofo Søren Kierkegaard, seu aluno. Foi professor de filosofia na Universidade de Copenhague durante grande parte da sua vida. Møller foi autor do romance *Aventuras de um estudante dinamarquês*, que nunca foi acabado. Este trabalho foi o livro favorito do físico e pensador dinamarquês Niels Bohr. (Nota da IHU On-Line)

semântico da proposição. Numa sociedade saturada de certezas, a comunicação deve esforçar-se por provocar curiosidade mais do que por fornecer novas certezas. A ironia representa, na vida humana autêntica, um papel semelhante ao da dúvida na filosofia moderna: há que começar por elas.

IHU On-Line - Há alguns anos, o senhor, invocando um personagem de Lima Barreto,² se autodefiniu como uma ave rara, um dos poucos brasileiros que lia Kierkegaard em Dinamarquês. De lá para cá, mudou alguma coisa?

Álvaro Valls - Mudou muita coisa! Antes 2 Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922): mais conhecido como Lima Barreto, foi um jornalista e um dos mais importantes escritores libertários brasileiros. É autor de, entre outros, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. (Nota da IHU On-Line)

dos trabalhos pioneiros de Ernani Reichmann, em Curitiba, nos anos 1960 e 1970, talvez só Alceu de Amoroso Lima³ (dos nomes mais conhecidos no Brasil) tenha conseguido penetrar com alguma profundidade na obra do então chamado “pai do existencialismo”. E era uma aproximação no mínimo cautelosa, como se desprende do título da obra de Alceu: *O existencialismo e outros mitos de nosso tempo*. Mesmo quando um bom escritor e poeta português, como Adolfo Casais Monteiro,⁴ traduzia um livro de Kierkegaard, como aquele sobre as formas do desespero, não sentia a necessidade de ler o texto original. Assim, para mim, os anos 1980, após meu doutorado em Heidelberg com Michael Theunissen,⁵ foram anos de deserto, só aliviados, por algum tempo, pela amizade do conterrâneo Ernani Reichmann e do francês Henri-Bernard Vergote,⁶ que me deram como uma missão (ou um desafio) fazer tais traduções. Reichmann me apelidava de “kierkegaardiano de escola”, consciente do oxímoro que isso representava. Hoje, porém, já temos em andamento no Brasil dezenas de trabalhos de pós-graduação sobre Kierkegaard. Há cerca de uma dúzia de professores e estudiosos com doutorado sobre ele (seja em São Paulo ou Campinas, seja na Itália ou na Noruega). Fizemos nove Jornadas de estudos nos últimos nove anos, pelo Brasil afora. Colegas nossos já publicaram vários livros de boa qualidade, como recentemente Marcio Gimenes de Paula e Jorge Miranda de Almeida.⁷ Vários doutores brasileiros

3 Alceu Amoroso de Lima (1893-1983): crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

4 Adolfo Casais Monteiro (1908-1972): escritor português. Exilou-se em 1954 no Brasil, por motivos políticos e por lhe ser proibida a docência em Portugal. (Nota da IHU On-Line)

5 Michael Theunissen (1932): filósofo alemão. Autor de, entre outros, *Der Begriff Verzweiflung: Korrekturen an Kierkegaard* (Frankfurt am Main: Suhrkamp 1993). (Nota da IHU On-Line)

6 Henri-Bernard Vergote: filósofo francês autor de, entre outros, *Sens et Répétition: Essais sur l'ironie kierkegaardienne* (Paris: Le Cerf, 1982). (Nota da IHU On-Line)

7 Jorge Miranda de Almeida: filósofo brasileiro, graduado e mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma (PUG) com a tese *Ética e Sentido: Projeto de uma Ética Existencial a partir da superação da Ontologia como Filosofia primeira, partindo da análise do conceito de ética na Filosofia de Kierkegaard*. Docente na Universidade Estadual do

“Kierkegaard começa a ser lido e discutido, a ser compreendido e relacionado dentro da história do pensamento filosófico”

já desfrutaram das ótimas condições de pesquisa da *Kierkegaard Library*, de Minnesota. Jonas Roos investigou por mais de um ano no Centro de Pesquisa de SK, em Copenhague. As traduções novas que vão aparecendo têm sido feitas sempre a partir do original. O *Conceito de ironia* já chegou à terceira edição, *As obras do amor* em pouco tempo alcançou a segunda edição. Quem estará comprando e lendo esses livros? Kierkegaard começa a ser lido e discutido, a ser compreendido e relacionado dentro da história do pensamento filosófico.

IHU On-Line - A Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (Sobreski), da qual o senhor é um dos fundadores, possui o seguinte lema “Uma sociedade ironicamente correta”. O senhor concorda que esse lema resume, de certa forma, a recepção brasileira do pensamento de Kierkegaard e tornou-se o leitmotiv dos estudiosos brasileiros?

Álvaro Valls - Parece que sim. “Ironicamente correto” é uma expressão que ocorre na *Dissertação* de 1841. A recepção brasileira difere da alemã, da francesa e da japonesa. Trata-se de uma recepção bem humorada, competente, mais divertida, sem perder tempo com polêmicas rancorosas. Este lema (inventado por brincadeira, numa ironia redobrada) aponta para nossa tese da leitura (tal como o propunha o grande pesquisador Henri-Bernard Vergote em *Sens et Répétition: Essais sur l'ironie kierkegaardienne* (Paris: Le Cerf, 1982) da obra como um todo, desde a *Dissertação* de 1841 até a polêmica final com a Igreja oficial dinamarquesa (interpre-

Sudoeste da Bahia (UESB), escreveu *Ética e existência em Kierkegaard e Lévinas* (Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009). (Nota da IHU On-Line)

tada em sua teatralidade maiêutica: “a caráter”) além do material dos *Papirer*, ou seja, a sugestão de que queremos ler a obra de Kierkegaard sem nos satisfazermos com aspectos anedóticos de sua biografia e uns poucos textos pseudônimos. E se Kierkegaard foi chamado “o Sócrates nórdico” é por haver muita ironia até em suas obras aparentemente mais sérias e de feição mais acadêmica, como no *Conceito angústia*, por exemplo. “Ironicamente correto” lembrava também que fizemos oito Jornadas de Estudos sem solicitar verbas das agências financiadoras. E nos reunimos por oito anos numa Sociedade sem nenhuma burocracia (e claro que sem dinheiro). Outra ironia foi quando, numa das nossas primeiras Jornadas, a única participante que não era patricia nossa era Patricia Dip,⁸ da Argentina.

IHU On-Line - Pela primeira vez esta Jornada de Estudos de Kierkegaard é promovida pela Sobreski em parceria com a Biblioteca Kierkegaard, de Buenos Aires. O que o senhor espera dessa parceria com os pesquisadores argentinos?

Álvaro Valls - O mundo de idioma espanhol dispõe de traduções melhores a mais tempo do que nós. E nossos colegas argentinos vêm discutindo a obra de Kierkegaard com grande seriedade há vários anos. Darío González, por exemplo, trabalhou no Centro de Copenhague por muito tempo. Andrés Albertsen lidera a Igreja Dinamarquesa de Buenos Aires. Em metade de nossas Jornadas, tivemos a sorte de contar com colegas argentinas como Patricia Dip e Maria José Binetti, que alguns de nós também encontraram na *Kierkegaard Library* do *St. Olaf College*, em Northfield, MN, nos Estados Unidos. Os contatos se multiplicaram, aqui e nas Jornadas Argentinas, da Biblioteca Kierkegaard, no ISEDET de Buenos Aires, e daí surgiu naturalmente a ideia de que, a partir de nossa décima

8 Patricia Dip: filósofa argentina, doutora em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires - UBA, professora da Universidad Nacional de General Sarmiento - UNGS, e pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas - CONICET. Publicou sua tradução de *S. Kierkegaard, Johannes Climacus o el dudar de todas las cosas* (Buenos Aires: Editorial Gorla, 2007). Confira nesta edição da IHU On-Line a entrevista concedida por Dip: *A filosofia de Kierkegaard como aporte ético à alteridade*. (Nota da IHU On-Line)

Jornada, deveríamos somar os esforços. Dois dias lá, com alguns de nós, e dois dias aqui, com alguns deles. E que isso se mantenha nas próximas Jornadas, como uma boa tradição de integração. A parte brasileira dessas Jornadas, este ano, conta com apoio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, e até da CAPES. Teremos, lá e aqui, mais alguns participantes ilustres de outros países, como o português João Vila-Chã SJ,⁹ atualmente na Universidade Gregoriana, em Roma.

IHU On-Line - O senhor é reconhecido como o tradutor das obras de Kierkegaard ao vernáculo, e essa tarefa até agora cumpriu a sua função de fornecer boa tradução aos leitores brasileiros. Nesse sentido, o que espera da publicação da tradução de *O conceito de angústia*, traduzida diretamente do original, e que está no prelo, para as pesquisas no Brasil?

Álvaro Valls - *O conceito de angústia* é um livro muito rico, profundo e difícil, além de fascinante. As traduções de que dispúnhamos até agora dependiam de traduções de outras línguas e não eram muito exatas. A nossa procurou levar em conta aspectos filosóficos que estavam obscurecidos e, ajudados, como de costume, por Else Hage-lund,¹⁰ a manter a fidelidade à língua

⁹ João Vila-Chã SJ: filósofo português, licenciado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa (UCP), obteve o Diplom-Hauptprüfung (Katholischer Theologie), na Philosophisch-Theologische Hochschule Sankt Georgen em Frankfurt am Main, Alemanha, com a tese *Theologie und Kirche: Erik Petersons Program 'konkreter Theologie'*. É doutor em Filosofia, pelo Boston College, com a tese *Amor intellectualis? Leone Ebreo (Judah Abravanel) and the intelligibility of love*. É diretor da Revista Portuguesa de Filosofia desde 2000, e leciona Filosofia da Religião e História do Pensamento Contemporâneo na UCP, na Faculdade de Filosofia. Entre inúmeras outras atividades, foi diretor do Centro de Estudos Filosóficos dessa Faculdade (2001-2007), e é, atualmente, o diretor do Programa Integrado de Mestrado e Doutorado em Filosofia da Religião na UCP. Participa da Jornada Argentino-Brasileira de Estudo de Kierkegaard com a conferência *O significado de crise em dialética: a recepção crítica de S. Kierkegaard no pensamento de Erik Peterson*. Confira, na edição 245 da Revista IHU On-Line, de 26-11-2007, a entrevista *A fúria do ateísmo contemporâneo tem cariz quase religioso*, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=836. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Else Hage-lund: dinamarquesa, vive no Brasil há alguns anos. Atua como revisora dos

“Kierkegaard apropriou-se da ironia da maiêutica socrática, porém considerou necessário colocá-la a serviço de uma ideia mais alta. Argumentou que, depois do ensinamento de Jesus Cristo, a ironia não tinha mais o direito de ficar com a última palavra”

do autor. A leitura desta tradução, que deve aparecer pela Vozes em fins de janeiro de 2010, não será fácil, estou convencido disso, mas se tornará mais produtiva. Por outro lado, se nossas traduções têm algum valor, está ligado ao esforço de fidelidade, de manter o pensamento filosófico no seu nível e no esforço de usar uma linguagem nossa tal como Kierkegaard a usaria, pelo que conhecemos dele. A partir de uma tradução fiel e filosófica, o livro poderá ser investigado em seus aspectos dialéticos, platônicos, agostinianos, schellinguianos, hegelianos etc., além de ser alvo de estudos de toda a chamada área Psi.

IHU On-Line - Quais são os seus projetos para os próximos anos à frente do Grupo de pesquisa sobre a obra de Kierkegaard (CNPq) da qual é o presidente?

Álvaro Valls - A situação do livro sobre a angústia é similar à da obra de 1849, *A doença para a morte*, conhecida entre nós em três ou quatro traduções indiretas, e, cada vez mais inexatas, e por termos grande a esperança no trabalho que o Dr. Jonas Roos, um de nossos quadros

textos traduzidos pelo Prof. Dr. Álvaro Valls do dinamarquês para o português. (Nota da IHU On-Line)

mais bem formados (agora professor de Filosofia da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora, MG), está fazendo. Torcemos para que seja publicada em 2010, e aí os dois passos seguintes teriam de ser passar ao nosso idioma o *Postscriptum final não científico* e a *Escola (ou Prática) do Cristianismo*. Há planos em nosso grupo de traduzir a polêmica de *O instante* e outros textos. É possível prever, pois, para os próximos dez anos, uma década de discussões competentes, a partir de textos bons em nosso idioma, e de produção de textos de qualidade que modificarão completamente nosso panorama. Em 2010, deverá ser publicada também a tradução que estou terminando da famosa livre docência de Adorno,¹¹ orientada por Tillych, *Kierkegaard - Construção do Estético* pela UNESP. Jasson Martins,¹² Jonas Roos, Sílvia Saviano Sampaio¹³ e Ilana Amaral¹⁴ já têm livros escritos que podem ser lançados em pouco tempo. E há uma coletânea, indo para o prelo, bem adiantada, sobre *O conceito de angústia*. Antes disso aparecerão, por certo, os melhores trabalhos dessas Jornadas de 2009.

¹¹ Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

¹² Jasson da Silva Martins: filósofo brasileiro, graduado em Filosofia pelo Centro Universitário La Salle (Unilasalle), mestre e doutorando em Filosofia pela Unisinos, com a tese *Angústia e solidão: o problema da subjetividade em Kierkegaard e Heidegger*. É um dos organizadores da obra *Ética, direito e política: inflexões filosóficas* (São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008). Na presente edição colaborou na elaboração de questões e na tradução de algumas das entrevistas. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Sílvia Saviano Sampaio: filósofa brasileira, graduada em Filosofia e mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). cursou doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese *A subjetividade da existência em Kierkegaard*. É docente na PUC-SP. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ Ilana Amaral: filósofa brasileira, graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com a tese *O "conceito" de paradoxo (constantemente referido a Hegel). Fé, história e linguagem em S. Kierkegaard*. É docente na UFC. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Qual é a atualidade de Kierkegaard no contexto do pensamento filosófico contemporâneo?

Álvaro Valls - Nos anos 1980, escrevi um artigo para o Folhetim da Folha de São Paulo, com esse título: *A atualidade de Kierkegaard*. O editor do Folhetim preferiu usar como título uma frase de meu texto: “*E não se leu Kierkegaard*”. Foi graças a esse artigo que conheci Vergote, que logo apresentei a Reichmann, então a ave rara das boas traduções de Kierkegaard no Brasil. Vergote congratulava-se com os franceses porque agora, com as *Œuvres Complètes*, das *Éditions de l’Orante*, traduzidas por Paul-Henri Tisseau,¹⁵ já podiam ler a obra desse autor. Hoje já não se pode dizer que, no Brasil, não se leu Kierkegaard. Há vinte anos, foi possível ironizar dizendo que aqui não se lera, só se escrevera sobre Kierkegaard. Agora não! Os recentes livros de Marcio Gimenes de Paula e Jorge Miranda de Almeida (que já publicou comigo uma introdução, na Zahar) demonstram já haver bastante consciência da contribuição desse pensador para as nossas questões. Na sociedade de massas, o indivíduo, no sentido enfático, ainda é a categoria crítica fundamental. Na globalização e no pensamento da identidade, a defesa adormida do não-idêntico provém diretamente de sua tese sobre nosso pensador. O pensamento ético de um Wittgenstein costuma ser relacionado quase que exclusivamente a Schopenhauer, mas suas leituras de Kierkegaard eram de grande seriedade. E o que dizer de pensadores como Heidegger, Lévinas, teólogos como Barth, Tillich e Bultmann,¹⁶

15 Paul-Henri Tisseau (1894-1964): tradutor das Obras Completas de Søren Kierkegaard. (Nota da IHU On-Line)

16 Rudolf Karl Bultmann (1884-1976): teólogo luterano alemão nascido em Wiefelstede, Oldenburg, que propôs uma interpretação do Novo Testamento da Bíblia apoiada em conceitos de uma filosofia existencialista. Iniciou como professor sobre sua especialidade, o Novo Testamento (1916), em Breslau, Giessen e Marburg. Nessa cidade tomou contato com Martin Heidegger e a filosofia existencialista, que influenciou seu pensamento posterior. Morreu em Marburg, então Alemanha Ocidental. Seu primeiro livro foi *Jesus* (1926) e a sua mais famosa obra foi *Das Evangelium des Johannes* (1941). Na edição 114, de 06-09-2004, publicamos na editoria *Teologia Pública* um debate sobre a obra *Teologia do Novo Testamento*, com a participação de Nélcio Schneider e Johan Konings, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/>

e escritores como Thomas Mann¹⁷ e Max Frisch,¹⁸ que se apropriaram tanto dele, de forma tão produtiva? Quantas de suas provocações levaram Lacan e Derrida¹⁹ a ter novas ideias? E nem falemos da *Hermenêutica do sujeito* e do *Cuidado de si*, de Foucault,²⁰ livros tão próximos de

[edicoes/1158264514.33pdf.pdf](http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158264514.33pdf.pdf). (Nota da IHU On-Line)

17 Thomas Mann (1875 - 1955): romancista alemão, considerado como um dos maiores do século XX. Recebeu o prêmio Nobel da Literatura em 1929. Foi o irmão mais novo do romancista Heinrich. Ganhou repercussão internacional, aos 26 anos, com sua primeira obra, *Os Buddenbrooks*, romance que conta a história de uma família protestante de comerciantes de cereais de Lübeck ao longo de três gerações. (Nota da IHU On-Line)

18 Max Frisch (1911-1991): arquiteto e escritor suíço do pós-guerra influenciado pelo existencialismo e por Brecht. Em suas obras teve como tema os efeitos da sociedade moderna sobre o indivíduo ao tratar das crises intelectual, moral e social da contemporaneidade. (Nota da IHU On-Line)

19 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria *Memória da IHU On-Line* edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158265374.73pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

20 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de ver-

suas ideias que até parece que Kierkegaard os teria lido. E os teria lido, de fato, se tivesse podido, tal como lera Feuerbach²¹ e leu muito Schopenhauer nos seus últimos cinco anos. Por isso se pode até lamentar que Nietzsche tivesse prometido “ocupar-se com o fenômeno Kierkegaard” apenas em 1889. Foi tarde demais para ele, mas para nós ainda há um bom tempo.

LEIA MAIS...

>> Álvaro Valls já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira o material na nossa página eletrônica www.ihu.unisinos.br

Entrevistas:

* Paulo e Kierkegaard. Edição 175, *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, de 10-04-2006, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158346362.52pdf.pdf>

* “Uma Filosofia brasileira surgirá com tempo e muito trabalho”. Entrevista concedida para as *Notícias do Dia* do sítio do IHU, de 16-11-2006, disponível para download em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=1673

* “O que Dawkins vem fazendo atualmente não é ciência, mas sim uma pregação de suposições filosóficas indemonstráveis”. Edição 245, *O novo ateísmo em discussão*, de 26-11-2007, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=838

* Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Depoimento concedido à Edição 261, Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. *Um novo modo de ler Hegel*, de 09-06-2008, disponível para download em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1100

dade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a *IHU On-Line* dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158265374.73pdf.pdf> e a edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1162842466.39pdf.pdf>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em Formação*, disponível para download em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009500.55pdf.pdf> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da IHU On-Line)

21 Ludwig Feuerbach (1804-1872): filósofo alemão, reconhecido pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandonou os estudos de Teologia para tornar-se aluno de Hegel, durante dois anos, em Berlim. De acordo com sua filosofia, a religião é uma forma de alienação que projeta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. É autor de *A essência do cristianismo* (2ª. ed. São Paulo: Papirus, 1997). (Nota da IHU On-Line)

A filosofia pós-moderna e a força infinita do espírito humano

Exortações “tu deves crer” e “tu deves amar” são caminho alternativo ao relativismo modernista, observam Ana María Fioravanti e Maria Jose Binetti. Espírito humano dotado de força infinita, em contraposição ao niilismo, é que tem a ver com a filosofia pós-moderna

POR MÁRCIA JUNGES E JASSON MARTINS | TRADUÇÃO JASSON MARTINS

Os estudos sobre Kierkegaard na Argentina avançaram muito, mas ainda não o bastante, analisam Ana María Fioravanti e Maria Jose Binetti na entrevista que concederam, em conjunto, por e-mail, à **IHU On-Line**. Para diversos pesquisadores, dizem elas, a oposição entre a filosofia do dinamarquês e a de Friedrich Hegel, não tem mais sentido. Utilizando-se de uma expressão hegeliana, Fioravanti e Binetti afirmam que os que lutam se abraçam. “Partindo desse ponto de vista, é inegável que Kierkegaard é devedor do pensamento do filósofo alemão, à medida que boa parte de sua obra é uma discussão, por vezes até violenta, com Hegel”. E complementam: “O problema essencial, cremos, é que a utilização de certos conceitos idênticos distrai do como devem ser entendidos”. É o caso dos termos angústia, desejo, temor, finito, infinito, absoluto, verdade, singularidade e espécie, familiares para os leitores de Kierkegaard, e que já “tinham sido tratados anteriormente por Hegel”. Para elas, a filosofia pós-moderna “não tem a ver com um niilismo relativista, mas sim com a força infinita do espírito humano, tal como Kierkegaard o concebeu”. À onda de “direitos de todo tipo e cor que desencadeou o modernismo, ele opôs como único caminho, inclusive para alcançar esses mesmos direitos, o ‘tu deves crer’ e o ‘tu deves amar’”.

Ana María Fioravanti é professora particular e tradutora. Membro fundadora da Biblioteca Kierkegaard Buenos Aires e responsável pelos projetos desenvolvidos atualmente por esta Instituição, traduziu ao espanhol (a partir da tradução italiana) alguns textos de Kierkegaard e colaborou com a tradução da obra *El instante* (Madrid: Trotta, 2006). Na Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard da parte Argentina, apresenta a comunicação De Vassallo a Kierkegaard: finitude e transcendência.

Maria Jose Binetti é licenciada em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica Argentina Santa María de los Buenos (UCA). Doutora em Filosofia pela Universidade de Navarra, Espanha, é pesquisadora do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (Conicet). Leciona na Universidade John F. Kennedy, na Argentina. Além de artigos em revistas nacionais e internacionais, publicou os seguintes livros: *El poder de la libertad. Introducción a Kierkegaard* (Buenos Aires: Ciafic, 2006), *La posibilidad necesaria de la libertad. Un análisis del pensamiento de Søren Kierkegaard* (Universidad de Navarra: Pamplona, 2005). Colaborou com a tradução de *El instante* (Madrid: Trotta, 2006). Na Jornada Argentino-Brasileira, apresentou o tema O impacto de Kierkegaard na emergência do sujeito contemporâneo. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como surgiu a Biblioteca Kierkegaard e quais são seus objetivos?

Ana María Fioravanti e Maria Jose Binetti - Essa ideia nasceu de um fato realmente fortuito. Um professor de filosofia, Oscar Cuervo, e um licenciado em psicologia, Héctor Fenoglio, decidiram, por volta do ano 2000, estudar dinamarquês para ler Kierkegaard em seu idioma original e para isso

se dirigiram à Igreja Dinamarquesa em Buenos Aires, onde depois de um tempo e com a ajuda inestimável do pastor Andrés Albertsen formaram um grupo de estudos, ao qual concorriam pessoas de diversas características e ocupações, como estudantes, professores, artistas, e outros. Dois anos mais tarde, em dezembro de 2002, tivemos a ideia de organizar uma biblioteca que reunisse todas as obras

de Kierkegaard e os escritos de outros autores sobre Kierkegaard. Porém, na realidade, o nosso principal objetivo, desde o princípio, foi não só estudar e difundir o pensamento do “Grande Dinamarquês”, como o chamamos um pouco de brincadeira e um tanto sério, mas trabalhar especialmente com os grandes equívocos, confusões e tergiversações em torno aos conceitos-chave, a maioria decorrentes da

falta de clareza para distinguir entre os escritos de Kierkegaard assinados com pseudônimos, e os que assinava com seu próprio nome. Creio que este é o propósito que eu assinalaria como o mais importante, se tivesse que escolher um, para caracterizar o maior empenho da Biblioteca Kierkegaard Argentina: tratar de pouco a pouco colocar alguma caridade sobre o histórico e grave mal-entendido que consiste em confundir indiscriminadamente o que dizem os escritos chamados pseudônimos ou estéticos e os chamados religiosos ou edificantes. Quer dizer, o mal-entendido de não saber escutar e reconhecer as vozes que falam em cada caso.

IHU On-Line - O que ocorreu com a recepção do pensamento de Kierkegaard, sobretudo a comentada oposição a Hegel, para que ficasse tão marcada na história da filosofia do século XIX? Esse é um problema atual, ou hoje em dia não faz sentido essa oposição?

Ana María Fioravanti e Maria Jose Bionetti - Sobre este tema, as opiniões estão muito, muito divididas. Atualmente, há inúmeros pesquisadores que pensam que o antagonismo entre Hegel e Kierkegaard já não tem sentido e existe uma tendência a assimilá-los mais que a opô-los. Creio que era Hegel que dizia que os que lutam se abraçam. E partindo desse ponto de vista, é inegável que Kierkegaard é devedor do pensamento do filósofo alemão, à medida que boa parte de sua obra é uma discussão, por vezes até violenta, com Hegel. De modo que é necessário conhecer bem Hegel para compreender melhor Kierkegaard. No entanto, esse antagonismo ainda segue vigente e quase nos atreveríamos a dizer que, mais que do nunca. Sabemos que esta afirmação que, por outro lado, é compartilhada pela maioria dos integrantes da Biblioteca Kierkegaard Argentina, provoca sempre os debates mais inflamados e apaixonados. O problema essencial, cremos, é que a utilização de certos conceitos idênticos distraído como devem ser entendidos. Conceitos tais como angústia, desejo, temor, finito, infinito, absoluto, verda-

de, singularidade e espécie etc., tão familiares para os leitores de Kierkegaard, também tinham sido tratados anteriormente por Hegel. No entanto, o modo em que se põe a relação entre ambos os autores é muito diferente. Para Hegel, o que singulariza o homem é o desejo, porém esse desejo se torna infinito e então aparece a ação enquanto luta pelo reconhecimento do outro como desejo, que é uma luta até a morte, porque o eu que deseja o deseja todo. Só a transformação da vida em cultura, a ação que, como

“A pós-modernidade hermenêutica e desconstrução assumem de Kierkegaard os conceitos de diferença e repetição, paradoxo, possibilidade, instante, *inter-esse* ou *ser-no-meio-de*, e inclusive sua consistência religiosa, fundada na decisão da fé e estabelecida para além de toda igreja instituída”

diz Hegel, produz um eu que é um nós e um nós que é um eu, pode superar de algum modo essa luta. O que ele chama o sim do perdão, o salto que superaria o mal radical, só é possível pela presença do espírito que vive entre nós através da arte, a religião e, acima desse espírito, a filosofia, quer dizer o saber absoluto.

O sim do perdão

Trata-se de uma questão ética e política, trata-se de um saber. Tra-

ta-se do estado de direito, onde não basta um reconhecimento formal mas uma apropriação igualitária do poder, a riqueza e a informação que, como diz o professor Cullen, um especialista em Hegel, são respectivamente a homenagem de Hegel à Revolução Francesa, à economia de mercado e à Ilustração. Porém a Revolução Francesa pode desembocar no terror, a economia de mercado na alienação, da riqueza e a Ilustração em uma relação satisfeita com o presente, e a fé, uma fuga do mundo.

Portanto, o reconhecimento do outro só se dá naquilo que Hegel chama o sim do perdão, fundado na solidariedade e na fraternidade. Pois bem, Kierkegaard não fala de solidariedade e fraternidade nem de superação através do Espírito absoluto. Suas categorias não são teológicas, nem filosóficas, nem estéticas. Toda sua vida se concentrou em um só propósito: como tornar-se cristão e em esclarecer como a pregação deveria consistir em que um indivíduo singular (Enkelte, em dinamarquês, que significa alguém singular, único) falasse como indivíduo singular a outro indivíduo singular. Esse falar consiste propriamente, e sobretudo, em um convite a ouvir a palavra reveladora que é a pessoa de Cristo, e que não é nenhum Espírito absoluto que vai se desenvolvendo na história.

Aqui não tem nada que ver a história, porque todo cristão, em qualquer época e lugar, tem que ser contemporâneo de Cristo. Ele não *ensina* a verdade. Ele é a verdade que torna manifesto o único amor que não pode surgir do coração de nenhum homem: o amor ao próximo, que inclui o amado, o amigo e ainda o inimigo. Gostaríamos de reforçar que em um de seus livros fundamentais, *As obras do amor*¹, repete uma e outra vez que esse amor não surge do coração de nenhum homem. E, portanto, frente a esse amor, só se pode *crer* ou *não crer*.

A exposição, ao menos para nós, é muito diferente. Na encruzilhada de

¹ Essa obra foi publicada originalmente em 1847. Em 2005, foi publicada a primeira edição em língua portuguesa, com tradução do professor Alvaro L. M. Valls: *As obras do amor. Algumas considerações cristãs em forma de discursos* (Bragança Paulista/Petrópolis: Editora Universitária São Francisco/Editora Vozes, 2005). (Nota da IHU On-Line)

cada caminho singular está proposto o convite. Um convite que se oferece a cada um e a todos, e que não se pode aceitar sem escândalo nem paradoxo. Creio que entre um e outro não existe reconciliação possível, e que a oposição Hegel-Kierkegaard continua sendo decisiva também em nossos dias e nos dias que virão. É lógico, em uma época em que o liberalismo tem triunfado em todas suas formas, cada qual pode interpretar o que quiser e como quiser. E é possível que isso mesmo contribua à tarefa esclarecedora da qual falávamos no início. Porém, não estamos tão seguras. A luta de Kierkegaard consistiu em querer tirar o engano, a confusão e a ilusão de qualquer paraíso imaginário, social, político, cultural ou individual. Parece-nos que à torrente de direitos de todo tipo e cor que desencadeou o modernismo, ele opôs como único caminho, inclusive para alcançar esses mesmos direitos, o “tu deves crer” e o “tu deves amar”.

IHU On-Line - Por que Soren Kierkegaard não é um autor popular na América Latina?

Ana María Fioravanti e Maria Jose Binetti - Em primeiro lugar, porque a filosofia enquanto ciência não pode ser popular. Em segundo lugar, e vendo o caso particular de Kierkegaard, porque ele não foi popular nem sequer em seu próprio país. Sabemos que sua obra começou a ser conhecida na Europa apenas depois da Segunda Guerra Mundial, e recém hoje podemos dizer que seus estudos gozam de um florescimento internacional, sustentado em grande parte pelo apoio institucional do Centro de Estudos de Copenhague e da Hong Kierkegaard Library, assim como também pelas sociedades kierkegardianas espalhadas pelo mundo inteiro. No caso da América Latina, o que tem dificultado ainda mais a tarefa de recepção e difusão de sua obra é, na minha opinião, e antes de tudo, a barreira idiomática que nos separa do dinamarquês, muito menos acessível e motivador que, por exemplo, o idioma alemão. Em consonância com esta eu considero que existe também uma espécie de barreira cultural. A Dinamarca é um país isolado, inclusive no que diz respeito à própria Europa, e as diferen-

ças entre o espírito nórdico e o espírito latino não são poucas. A soma de ambos os fatores é o que me parece ter atrasado o ingresso de Kierkegaard em nossos países, ou ao menos ter feito com que ele fosse conhecido por intermédio de terceiros pensadores, tais como Miguel de Unamuno.² Não obstante, e em pé de igualdade com o resto do mundo, seus estudos começam atualmente um caminho de crescimento e amadurecimento também na América Latina, cujo reflexo vemos nas instituições tais como a Sociedade Iberoamericana de Estudos Kierkegardianos (México), a Sobreski (Brasil) e a Biblioteca Kierkegaard Argentina.

IHU On-Line - Qual é a atualidade de Kierkegaard no contexto do pensamento filosófico contemporâneo?

Ana María Fioravanti e Maria Jose Binetti - A atualidade de Kierkegaard é muito grande, ao ponto de animar-nos a dizer que a constituição da subjetividade contemporânea proposta - entre outros - por J. Derrida, G. Deleuze, J.-L. Nancy, J. Caputo o M. Taylor conserva as determinações fundamentais da subjetividade kierkegardiana. A pós-modernidade hermenêutica e a desconstrução assumem de Kierkegaard os conceitos de diferença e repetição, paradoxo, possibilidade, instante, *inter-esse* ou *ser-no-meio-de*, e inclusive sua consistência religiosa, fundada na decisão da fé e estabelecida para além de toda igreja instituída. O sujeito contemporâneo possui a validade absoluta do singular kierkegardiano, e é precisamente sua elevação a uma infinitude possível a que questiona e problematiza a finitude temporal da existência, ao mesmo tempo em que supera os limites fixos e abstratos do entendimento formal. No lugar da destituição e do ocaso do sujeito, o que parece haver hoje em dia é uma convalidação de sua força absoluta, a respeito da qual o pensamento de Kierkegaard se mostra como a maior influência. Neste sentido, entendemos que a filosofia pós-moderna não tem a ver com um niilismo relativista, mas sim com a força infinita do espírito humano, tal como Kierkegaard o concebeu.

² Miguel de Unamuno y Jugo (1864-1936): escritor, poeta e filósofo espanhol. (Nota da IHU On-Line)

**Espaço de Espiritualidade II:
“Encontro com a Palavra” .
Informações em www.ihu.unisinos.br**

O texto como arena

Livro do pensador dinamarquês não pode ser classificado facilmente, e sinaliza questões só discutidas na segunda metade do século XX. Além disso, menciona Jacqueline Ferreira, é palco de confronto entre ações e pontos de vista

POR MÁRCIA JUNGES E JASSON MARTINS

Uma obra de difícil classificação. Seria um gênero ficcional? Filosófico? Literário? Romance? Tratado estético? Na opinião de Jacqueline Ferreira, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, a leitura de *Either/Or (A alternativa)*, obra de Kierkegaard de 1843, “aponta aporias que escapam a própria teoria da literatura, antecipando, no século XIX, questões abordadas pela crítica somente na segunda metade do século XX, tais como: autoria, autobiografia, sujeito da escrita, pseudonímia, heteronímia”. Esse livro “joga com o movimento da própria escrita, joga com sua própria autorrepresentação, ou seja, joga com aquilo que o texto mostra no seu processo contínuo, ininterrupto de significações”. É um texto como arena, explica a pesquisadora, “lugar de confronto entre ações e pontos de vista”.

Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em Belo Horizonte (FAFI), Jacqueline possui mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, e doutorado em Literatura Comparada pela mesma Universidade. Sua dissertação focou os aspectos literários da obra *O diário do sedutor*, e em sua tese fez uma análise literária do prefácio do livro *Either/Or* no que diz respeito à autoria, pseudonímia, memória, texto, escrita e leitor. Na Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard, apresenta a comunicação O prefácio ficcional de “Either/Or” - espaço de jogo, jogo constante de escrita, reescrita e leitura, em 13 de novembro. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como você define o espaço de jogo na obra *Either/Or* de Kierkegaard?

Jacqueline Ferreira - Primeiramente, como leitora de *Either/Or*, não me prendo à consciência estética ou à natureza do jogo em si, mas à experiência provocada pela leitura do texto, pela escrita de Kierkegaard, por seu jogo pseudonímico. Então, se o sentido do texto não se esgota na subjetividade do autor e muito menos na objetividade do dado representado, *Either/Or* joga com o movimento da própria escrita, joga com sua própria autorrepresentação, ou seja, joga com aquilo que o texto mostra no seu processo contínuo, ininterrupto de significações. A ficção é, sem dúvida, o lugar privilegiado do jogo, do jogo disposto no campo da representação no qual se articulam as operações textuais, promovendo a inter-relação entre autor-texto-leitor. Por outro lado, “Either/Or” é obra dialética, os escritos de A e B estão em constante diálogo.

As concepções sobre estética, ética e religião são desenvolvidas de acordo com o perfil e ação representados pelo personagem específico, embora nenhum posicionamento seja fechado ou concluído dentro de um único ponto de vista para o leitor. O próprio título - *Either/Or* -, comprova que a narrativa reverbera no seu próprio interior, e seu conteúdo filosófico adquire maior sentido quando a obra é lida no todo, quando Kierkegaard traz à cena o seu “Either” ou “Or” da decisão. Além disso, a ficção ficcionaliza o real e o ficcional através do jogo irônico em que o texto joga com sua própria ironia. Se Victor Eremita, então pseudônimo, carrega em si a função de autor de forma indireta e nega sua implicação autoral, efetiva-se o movimento de jogo que não se relaciona à ação negada, mas à negação do próprio pseudônimo, que procura romper com a ideia de ilusão. Victor Eremita, pois, pseudônimo de Kierkegaard, dissolve-se no texto, resultando na distância do es-

critor com sua própria escrita e coloca em jogo não só o papel do autor como leitor (e vice-versa), autor-leitor seres ficcionais, mas do próprio texto como arena, lugar de confronto entre ações e pontos de vista. Então, por essa mesma ideia de perda da origem e de infinitude passa, metaforicamente, a questão autoral, vale lembrar que os autores estão incrustados uns nos outros como “caixinhas chinesas” - procedimento escritural que invoca não só a marca de ficção do texto, mas também que recorre ao modelo clássico de ironia romântica. Se nos apropriarmos da imagem de um dado, cujas seis faces sempre determinam, sem qualquer previsibilidade, o lance de movimento do jogo para o jogador, observaremos que, analogamente, Kierkegaard, em *Either/Or*, redimensiona o jogo entre palavra e ideia, poética e ironia. Além do mais, não se limita a jogar com a escritura e o leitor, mas transforma o próprio jogo autoral em instrumento de rebeldia, processo de libertação,

de afirmação perante os seus questionamentos de ser no mundo.

IHU On-Line - Na sua percepção, existe alguma relação de semelhança entre o estilo literário de Kierkegaard e a pseudonímia por ele criada? Se sim, qual é esta relação?

Jacqueline Ferreira - Interessante, talvez, seja perceber que a concepção de ironia em Kierkegaard é a base para o estudo da dialética do jogo em *Either/Or*, obra que ecoa no jogo de reflexão e de ironia do próprio autor. Além disso, a ironia é que recorta a “comunicação indireta”, ou seja, o jogo dos pseudônimos no domínio do texto, sendo, pois, o eixo que articula e orienta as discussões e pontos de vista da filosofia existencial de Kierkegaard, principalmente no tocante aos três estádios da existência que, na verdade, são determinações subjetivas do indivíduo em particular. A ironia para Kierkegaard é o mal-entendido, a dualidade entre o fenômeno e o conceito, o início da ironia manifesta-se em Sócrates, pelo silêncio da pergunta sem resposta. Para Kierkegaard, a ironia consiste em dizer, em tom sério, o que não é pensado seriamente, embora, de forma mais rara, possamos lançar mão da retórica irônica ao dizer algo sério em tom de brincadeira. De ambas as maneiras, a ironia é arte sedutora, encerrando algo de enigmático, paradoxalmente, revelador. Curioso é que Kierkegaard, ao lançar mão das estratégias da ironia romântica na escrita de *Either/Or*, contrapõe-na fervorosamente à ironia socrática. Em sua opinião, a ironia preconizada pelos românticos representava apenas a brincadeira descomprometida com a realidade dada, a ilusão que, simultaneamente, rompia com o espírito de seriedade das obras literárias e assegurava a manifestação do autor por trás dos personagens criados e da própria narrativa.

A ironia socrática, diferentemente, preocupava-se em promover no indivíduo mudanças comportamentais em relação à existência, partindo de interiorização de reflexões filosóficas, embora, se assim podemos dizer, fazendo uso do adereço estético. Com efeito, o emprego sistemático da pseudonímia é considerado na exegese da obra de Kierkegaard, variável facilmente remissível aos aspectos teóricos de seu

pensamento. Para muitos críticos, os pseudônimos constituem, sobretudo, a expressão formal da estratégia adequada à manifestação da subjetividade, da comunicação indireta, em oposição clara à linguagem disseminada pelo pensamento filosófico da época. Kierkegaard jamais quis indicar caminhos certos ou estruturas sistemáticas definidas ao seu leitor. Através da pseudonímia, procurou conduzi-lo ao movimento articulado das relações entre o seu projeto de escritor existencialista e

“As concepções sobre estética, ética e religião são desenvolvidas de acordo com o perfil e ação representados pelo personagem específico, embora nenhum posicionamento seja fechado ou concluído dentro de um único ponto de vista para o leitor”

o mundo representado pelos pseudônimos, impulsionando-o a indagar sua própria existência. Nesse sentido, os leitores e estudiosos desse autor não devem investigar e descrever somente o que Kierkegaard disse, mas, sobretudo, considerar como ele disse. Assim sendo, importa reconhecer os recursos estéticos de sua escrita, assimilando os seus significados, mas tais significados não são facilmente recuperados pela leitura por não se apresentarem de forma simples. Na verdade, Kierkegaard, embora criticasse o romantismo, recorre aos artifícios da escola romântica, deslocando e reinventando os sentidos dos seus textos, invertendo a comunicação com o leitor.

IHU On-Line - A sua formação é na área de literatura comparada. Tendo isso em mente, poderia indicar algumas “inovações” ou “tendências” de estilo ou forma na composição kierkegaardiana?

Jacqueline Ferreira - As inquietações filosóficas e, sobretudo, as provocações literárias advindas dos escritos de Kierkegaard demarcam meu olhar e lugar de leitora, e também a tentativa de interpretá-lo à luz das teorias em torno do autor, do leitor e do próprio texto, com a ousadia de ir além de simples revisão da fortuna crítica do autor. Principalmente, através da leitura de *Either/Or*, acredito ser possível re-colocar alguns conceitos inerentes ao próprio discurso crítico para repensarmos os lugares da autoria e da recepção não como demarcações estanques ou fechadas em si mesmas, mas como jogo dinâmico do revés de uma mesma moeda. Contudo, perguntas aparentemente simples são difíceis de ser respondidas, por exemplo: a que gênero pertence a obra *Either/Or*? Kierkegaard cria um texto filosófico? Ficcional? Literário? Um romance? Ou um tratado estético? A leitura de *Either/Or* aponta aporias que escapam a própria teoria da literatura, antecipando, no século XIX, questões abordadas pela crítica somente na segunda metade do século XX, tais como: autoria, autobiografia, sujeito da escrita, pseudonímia, heteronímia (esta última tratada por Fernando Pessoa¹ através dos seus textos máscaras). Borges² é outro a ficcionalizar, ao extremo, o eu, se inventando como *personae* em seus textos. *Either/Or* apresenta caráter ficcional e

¹ Fernando Pessoa (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

² Jorge Luiz Borges (1899-1986): escritor, poeta e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os “delírios do racional” (Bíoy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou a cultura dos Pampas argentinos, em contos como *A morte*, *O homem da esquina rosada* e *O sul*. Sobre Borges, confira a edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luiz Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158343116.57pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

teórico ao mesmo tempo, sendo, pois, gênero literário misto, deslizando nas próprias armadilhas literárias.

IHU On-Line - O espaço da ficção literária é o espaço do imaginário subjetivo? Como você percebe isso?

Jacqueline Ferreira - Primeiramente, gostaria de lembrar que essa questão entre o fictício e o imaginário foi muito bem analisada por Wolfgang Iser. A literatura faz com que o texto ficcional se desagregue de todas as molduras da realidade, pois a ficção não se compromete com o real, apenas abre-se em lacunas, em fendas, em brechas para poder representá-lo através da presença do imaginário em seu fazer ficcional de comunicação com o leitor e o próprio texto. Por outro lado, em “Either/Or”, por exemplo, Kierkegaard apresenta várias narrativas em constantes confrontos e vazios, cuja importância reside justamente no estado suspensivo do mundo aberto à decifração do leitor. O que não foi, explicitamente, escrito por Kierkegaard, no texto, é justamente o eixo que estimula a ação criativa e imaginativa do leitor, ou seja, o oculto atua como projeção do não-dito na própria construção textual. A ficção que se constrói desse modo, instaura condições de comunicação e suscita o jogo de respostas decorrentes dos efeitos estéticos produzidos na mente do leitor. Se isso pode ser dito, *lato sensu*, sobre qualquer obra ficcional, no caso da escrita de Kierkegaard, essa suspensão se dá como projeto escritural que vai sendo explicitado simultaneamente ao seu processo de construção, de jogo levado a extremos labirínticos através das sobreposições de eus escriturais.

IHU On-Line - É sabido que o estilo dos escritos kierkegaardianos é apaixonante e, por isso mesmo, exercem um fascínio nas pessoas que o leem. A que se deve esse fenômeno?

Jacqueline Ferreira - Como foi dito, a minha formação é na área de Literatura Comparada, e minha paixão por Kierkegaard perpassa (e muito) por seus escritos estéticos, por sua estética do artifício, os seus personagens-pseudônimos tão sedutores. Certa vez, ouvi algo apaixonante sobre a escrita

e, por incrível que pareça, se aplica muito bem à sua pergunta. Ouvi dizer que escrever é um ato de libertação, gesto que deve ser realizado sem medo, deixando-se, apenas, seduzir pelas palavras, pelo texto que se inscreve na folha em branco, enfim, pelo eu da escrita, pelo outro eu dentro do texto. Nesse sentido, vejo que, assim, são os textos de Kierkegaard. Eles nos seduzem, nos enlaçam, nos fisgam com os seus jogos de leitura e escrita: com suas chaves de leitura complexas que pluralizam a enunciação e os horizontes de expectativa da recepção. Contudo, se posso reportar-me a uma imagem, vem à tona o *Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry. Lembro-me muito da tradução da principal frase do livro “aproveite-me” que o tradutor verteu por “cativa-me”, e que, igualmente, poderia ser traduzido por “prenda-me”, “domestica-me”, “amansa-me”, acredito que os textos de Kierkegaard e, aqui, muito particularmente, recorro ao *Diário de um Sedutor*, é uma obra que nos prende em suas amarras literárias, discursivas através da história erótica entre o esteta sedutor Johannes e a jovem Cordélia.

IHU On-Line - É fato que alguns pseudônimos de Kierkegaard personificam o “momento estético” da sua obra. Para você, literariamente falando, qual a relação entre sedução e literatura?

Jacqueline Ferreira - Para responder essa pergunta, trarei à cena algumas palavras do escritor *Octavio Paz*, em seu livro *A dupla chama - amor e erotismo*. Como sabemos, a sedução é um vocábulo de origem latina que significa atração, encantamento e fascínio, além de ser o artifício impulsionador do fenômeno erótico através da recriação e reinvenção do próprio corpo. No momento de sedução, os sentidos não mais demarcam os limites e as confluências do certo, errado ou proibido; ao contrário, sem perder seus poderes, convertem-se em servidores da imaginação, libertando os fantasmas mais secretos do desejo, a fim de proporcionarem maior intensidade à pouca duração do gozo. Ao entrelaçar no exercício poético da imaginação erotismo e sensualidade, o sedutor

reveste sua arte de signos e rituais, artifícios reconhecidos como truques, como magia que tentam destruir, através do encantamento, a ordem de todas as verdades. Ao filósofo Platão, associa-se a ideia de erotismo como impulso vital que ascende ao bem supremo, purificando a alma à medida que esta se distancia da sexualidade, simplesmente, animal. Contudo, na própria história primitiva da sexualidade humana, algumas posturas moralistas e “antieróticas” foram descaracterizando o lado sagrado do erotismo, acentuando pontos que o colocaram em oposição radical à religião, tornando-o algo imundo, sujo, repulsivo. Por outro lado, obscuro, profano ou não, a questão do amor, juntamente com os seus enigmas - a sedução, o erotismo, o desejo e o sexo -, tornou-se lugar comum na literatura, levando muitos poetas a uma reflexão sobre o tema. Se, para Paz, o poema não aspira a dizer, e sim a ser, a literatura, a poesia, não vislumbra somente a comunicação, como o erotismo nunca vislumbraria a reprodução, ou seja, podemos entender que a relação entre erotismo e literatura (e poesia) é que a primeira configura como poética corporal e a segunda como poética verbal. Nessa rede metafórica de significados, tanto o fazer erótico quanto o fazer poético, estético, atos que reinventam o corpo e a palavra, encontram-se, paradoxalmente, numa mesma “oposição complementar”: a literatura, a poesia, desvia a linguagem de sua função primeira e imediata, a comunicação; o erotismo, através do jogo de representações, desvia o corpo de sua finalidade essencial, a reprodução. Daí ser a literatura, a poesia, uma erotização da linguagem, e o erotismo, sexualidade transfigurada em metáfora. Juntamente, com a imaginação, literatura, poesia e erotismo são elementos que potencializam o desejo da constante “sede de outridade”.

IHU On-Line - Para você, qual é a atualidade do pensamento de Kierkegaard no contexto atual?

Jacqueline Ferreira - Após mais de um século e meio de certa incompreensão e desapareço, os textos do pensador dinamarquês parecem ganhar lugar

de destaque não só nas bibliotecas e livrarias da Dinamarca, mas no mundo inteiro. O interesse pelas obras desse polêmico autor não se circunscreve apenas à área dos pesquisadores ou críticos escandinavos, embora o alcance e a diversidade de seu pensamento também não facilitem a tarefa de analisar os múltiplos aspectos de sua escrita filosófica e literária. Aliás, muito do que já se escreveu sobre Kierkegaard é considerado, quase sempre, estudo apenas introdutório, mas que se impõe sempre a investigações amplas tanto para o pesquisador da filosofia, da literatura e das mais variadas áreas do conhecimento.

Mais especificamente, na literatura, a pseudonímia de Kierkegaard traz à cena *personae* contrastantes que perturbam a possibilidade de unificação em torno de um nome, obrigando-nos a refletir sobre os diversos *eus* kierkegaardianos. Jogo constante não somente do autor consigo mesmo, mas, sobretudo, ludicamente, com o leitor. Kierkegaard suscita questões teóricas atuais em torno do fenômeno estético e dos indícios de sua recepção, ou seja, a apreensão das relações de leitura encenadas por seus textos.

A Literatura Comparada é atividade crítica que não exclui o fator histórico, e sim lida amplamente com os dados literários e os extraliterários, fornecendo à historiografia e teorias literárias base fundamental de pesquisa. Nesse sentido, muito embora não seja nenhuma novidade, é importante dizer que estudar Kierkegaard na contemporaneidade demanda uma discussão crítica capaz de rastrear o autor no propósito de re-significar respostas e reformular questões, propiciar e ampliar o universo de expectativas do leitor contemporâneo.

Além disso, também na perspectiva da Literatura Comparada, o processo de escritura de Kierkegaard deixa lacunas em sua interpretação, abrindo possibilidades para estudos atuais. Nessa direção, poderíamos analisar como oscilação - e até mesmo como reverberações complexas - a coletividade, a autonomia e disseminação da voz dos pseudônimos, principalmente no estágio estético; a singularidade, reafirmação do *eu* autor em *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*.

Peça para Lula defender o clima

Campanha tic tac tic tac.

Contribua com o futuro do
planeta e registre seu nome
no link http://www.avaaz.org/po/peticao_tictac_lula/



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



SIGA O twitter DO IHU

twitter Login Join Twitter!

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Hey there! **_ihu** is using Twitter.

Twitter is a free service that lets you keep in touch with people through the exchange of quick, frequent answers to one simple question: What are you doing? **Join today** to start receiving **_ihu's** tweets.

Join today!

Already using Twitter from your phone? [Click here.](#)

_ihu

Name IHU
Location Brasil
Web [http://www.unisinos...](http://www.unisinos.br)

39 following 162 followers

Tweets 656

Favorites

Following

Começa hoje Ciclo de Estudos em EAD Veblen e o comportamento humano. Um século de "Teoria da Classe Ociosa" <http://migre.me/5IZQ>

about 5 hours ago from web

"Nosso horizonte é erradicar a fome no Brasil em 2015", afirma Patrus Ananias em entrevista ao jornal El País.

http://twitter.com/_ihu

Teologia Pública

Um Deus para cada contexto

Na opinião de Julius Lipner, todos os sistemas religiosos vitais precisam adaptar-se para sobreviver

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO LUCAS SCHLUPP

Continuando o debate sobre as religiões chinesas, indianas e africanas, tema de capa da edição número 309, de 28-09-2009, recebemos a contribuição de Julius Lipner, professor de Hinduísmo da University of Cambridge. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, ele explica as manifestações de Deus na cultura hinduísta e diz que, diferente das tradições monoteístas, o divino se apresenta de diversas maneiras e possui formas e nomes distintos para que possa relacionar-se com diferentes seres humanos. “Cada um de nós é diferente e achará mais fácil se relacionar com Deus de acordo com nossos contextos e circunstâncias”. Segundo ele, deuses e deusas hindus não são competitivos e dispõem igualmente de poder e misericórdia, além de estarem interessados no bem-estar da humanidade.

O pesquisador também falou à IHU On-Line sobre o projeto de ética mundial proposto pelo teólogo alemão Hans Küng. Embora concorde com as ideias expostas, ele enfatiza que é preciso “analisar cuidadosamente circunstâncias individuais para implementar estes princípios corretamente. Cada tradição do mundo poderia muito bem dar diferentes ênfases ao aplicar estes princípios”.

Lipner também é professor em Oxford, onde ministra aulas sobre Hinduísmo e pensamento indiano. É membro do Conselho Acadêmico do Centro de Estudos Hindus da mesma universidade. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a origem da religião hindu? Em que sentido ela molda os costumes e define o pensamento indiano?

Julius Lipner - A religião hindu é única porque, diferentemente do budismo, islamismo ou cristianismo, por exemplo, não tem fundador. Isto porque o que chamamos de “hinduísmo” é um conjunto de muitas crenças similares que carregam uma semelhança familiar entre si, no que diz respeito à crença, à prática, porém, mais importante, no que tange à atitude para com a humanidade. Entretanto, as raízes do hinduísmo são de aproximadamente 2000 a.C. na Índia. A partir daquele período, começou a desenvolver-se uma postura diferente diante da realidade, num grupo de imigrantes que foram para o subcontinente indiano chamado “indo-arianos”. Combinando

com algumas crenças e práticas que encontraram entre os nativos, formaram uma visão de mundo “policêntrica”. Isto significa que certas crenças e práticas, como, por exemplo, a crença em um ser transcendente, ganharam diferentes formas e expressões “centrais”. Assim, acreditavam em uma realidade suprema, mas também acreditavam que essa realidade suprema se expressava de formas diferentes, não apenas de uma forma, como é o caso das crenças abraâmicas.

IHU On-Line - Eles acreditam em um Ser superior e ao mesmo tempo veneram vários deuses? Qual é o sentido desta prática?

Julius Lipner - Não há um único sistema de crenças no hinduísmo, pois o hinduísmo não é uma religião, mas uma família de diferentes religiões.

Então, o hinduísmo não possui um só credo como, por exemplo, cristianismo e islamismo procuram ter. Assim, você pode ser um hindu religioso e crer em um só Deus pessoal (a maioria dos hindus tem essa crença), ou em um impessoal, ou simplesmente em um universo determinado moralmente. Como a maioria dos hindus acredita haver apenas um Deus, deixe-me explicar o que distingue essa crença. Um cristão, por exemplo, tende a crer que há apenas um Deus, que se revelou claramente com um Nome na Bíblia, e que desceu à Terra apenas uma vez, na forma de Jesus Cristo. Mas a crença hindu em apenas um Deus não é assim - é policêntrica. Então, o hindu poderia crer que a essência do ser supremo é pessoal e sem forma, e que este ser possui um nome preferido, por

exemplo, Shiva, ou Vishnu, ou Devi a Deusa, mas que este Deus mostra-se para os humanos em muitas formas diferentes, tanto em forma masculina quanto feminina, até mesmo como Cristo. Para o hindu, as manifestações de Deus não são limitadas a uma forma e um nome, mas são muitas, para que possam relacionar-se com diferentes circunstâncias culturais etc. dos seres humanos. Cada um de nós é diferente e achará mais fácil se relacionar com Deus de acordo com nossos diferentes contextos e circunstâncias. Esta é a explicação para os assim chamados muitos deuses e deusas dos hindus.

Estes “deuses” e “deusas” não são competitivos; mais exatamente, são diferentes centros da crença e prática para conciliar uma grande variedade de circunstâncias humanas. Este é um exemplo do “poli-centrismo” em contraste com o monocentrismo do judaísmo, islamismo e cristianismo. Pois a grande maioria dos deuses e deusas hindus é todo-poderosa, misericordiosa, e interessada no bem-estar da humanidade. A manifestação em diferentes formas ajuda a alcançar isso.

IHU On-Line - Na Índia, muitos mortos são cremados. Sob o aspecto religioso, qual o sentido da cremação para os seguidores do hinduísmo?

Julius Lipner - Na Índia, o corpo da maioria dos mortos é cremado, não todos. Isto se dá porque, desde os tempos antigos, o fogo era considerado um agente purificador; então, na morte, a cremação purificava tanto fisicamente (para que não houvesse transmissão dos germes do corpo em decomposição) quanto espiritualmente, na preparação para o mundo vindouro. Os corpos de crianças muito jovens (que não têm pecados, portanto não necessitam purificação ritual ou espiritual) e de homens e mulheres santos (que supostamente também não necessitam purificação ritual ou espiritual) não são cremados. São enterrados ou postos em água corrente.

IHU On-Line - O que as Escrituras revelam sobre a teologia, filosofia e mitologia hindu? Que autoridade estes textos representam na Índia mo-

derna?

Julius Lipner - Entre os hindus, há crenças diferentes na família de crenças hindus, e muitas destas possuem diferentes textos como escrituras. Este é outro exemplo de “poli-centrismo” - a multiplicidade de escrituras dentre as diferentes tradições hindus, as quais compartilham determinadas semelhanças entre si. Entretanto, há uma escritura - o Veda - a qual muitas tradições hindus aceitam ou utilizam como um ponto de referência para articular seus sistemas de crenças. O Veda é uma escritura muito extensa e complexa, que muitas tradições acre-

“Um dos princípios éticos mais importantes das tradições hindus - que é ensinado numa escritura hindu muito popular, o Bhagavad Gita (por volta dos século I e II d.C.) - é a prática altruísta, ou seja, de não ser egoísta, ação por amor a Deus e toda a humanidade”

ditam ter sido simplificada para pessoas comuns nas e através das suas próprias escrituras, que eles chamam de um Veda alternativo ou tratam como um Veda substituto. Aqui há um exemplo de poli-centrismo novamente.

IHU On-Line - O senhor poderia nos dizer algo sobre o sentido e a metafísica da teologia Vedanta de Ramanuja?

Julius Lipner - Ramanuja (séc. XI) foi um teólogo indiano que era o líder da tradição hindu Sri Vaishnava. Ele

acreditava que havia apenas um ser supremo (“Deus”) que era de natureza espiritual, pessoal, misericordioso, todo-poderoso e onisciente que, com frequência, descia à Terra em diferentes formas para o bem-estar e salvação da humanidade. O preferido - mas não o único - nome deste Deus é Vishnu-Narayana. Ramanuja pensava que o mundo era o corpo de Deus, não exatamente no mesmo sentido que nós termos corpos, mas no sentido especial de que Deus mantém a existência do mundo, controla-o com moral e leis físicas e existe de modo que possamos glorificá-lo (isto, para Ramanuja, é o sentido real de “corpo”).

IHU On-Line - Quais são as diferenças entre Vedanta tradicional e moderno?

Julius Lipner - Todos os sistemas religiosos vitais precisam adaptar-se para sobreviver. O Vedanta continua sendo um sistema religioso relevante e contemporâneo para os hindus, e adaptou-se para isso. Tradicionalmente, uma característica importante para o Vedanta foi de considerar o renunciante - a pessoa (do gênero masculino) que abandona o mundo e as relações humanas terrenas pela prática do celibato e penitência - como ideal espiritual. Mas desde o início do século XIX, ocorreu uma mudança de paradigma numa parte significativa desta tradição. O chefe de família casado, que colocasse sua fé em Deus, e tentasse fazer Sua vontade na e através da família e local de trabalho, tornou-se outro ideal. Isso possibilitou estar no mundo e viver uma vida espiritual que trouxesse salvação, sem necessariamente ser carnal e materialista. Desta forma, a vida de casado e trabalhar, como qualquer pessoa no mundo, vieram a ser um caminho para redenção espiritual. Esta foi uma das mudanças mais importantes no Vedanta moderno.

IHU On-Line - Quais os princípios éticos que regem o hinduísmo? Destes, qual pode contribuir para a construção da paz mundial? Por quê?

Julius Lipner - Um dos princípios éticos mais importantes das tradições hindus - que é ensinado numa escritura hindu muito popular, o Bhagavad

Gita¹ (por volta dos séc. I e II d.C.) - é a prática altruísta, ou seja, de não ser egoísta, ação por amor a Deus e toda a humanidade. O Gita ensina que se deve cumprir com os deveres não buscando o fruto de suas ações, mas pelo amor a Deus e ao próximo. Mesmo que este dever seja doloroso em grande ou pequena medida, deve ser realizado sem medo ou favor a ninguém. É bom enquanto for o dharma (dever) de alguém e enquanto for a vontade de Deus, independente das consequências. Este princípio ético influenciou profundamente as ações pessoais e políticas de Mahatma Gandhi.²

IHU On-Line - O teólogo alemão Hans Küng³ diz que é possível criar uma

¹ Bagavadguitá, também conhecido pela grafia Bhagavad-Gita ("Canção de Deus") é um texto religioso hindu. Faz parte do épico Maabárata, embora seja de composição mais recente que o todo deste livro. Na versão que o inclui, o Maabárata é datado no século IV a.C.. O texto, escrito em sânscrito, relata o diálogo de Críxena (uma das encarnações de Vixnu) com Arjuna (seu discípulo guerreiro) em pleno campo de batalha. (Nota da IHU On-Line)

² Mohandas Karamchand Gandhi, mais conhecido popularmente por Mahatma Gandhi ("Mahatma", do sânscrito "A Grande Alma") (1869-1948) foi um dos idealizadores e fundadores do moderno estado indiano e um influente defensor do Satyagraha (princípio da não-agressão, forma não-violenta de protesto) como um meio de revolução. O princípio do satyagraha, frequentemente traduzido como "o caminho da verdade" ou "a busca da verdade", também inspirou gerações de ativistas democráticos e anti-racismo, incluindo Martin Luther King e Nelson Mandela. Frequentemente Gandhi afirmava a simplicidade de seus valores, derivados da crença tradicional hindu: verdade (satya) e não-violência (ahimsa). (Nota da IHU On-Line)

³ Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes 'religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Univer-

ética global com princípios básicos. **Podem as religiões contribuir para a proposta de uma ética global? Que tipo de ética é possível e desejável?** Julius Lipner - Em princípio, eu concordo com Küng. A maioria das religiões no mundo prega o amor ao próximo e compaixão pelos outros. Entretanto, precisamos analisar cuidadosamente circunstâncias individuais para implementar estes princípios corretamente. Cada tradição do mundo poderia muito bem dar diferentes ênfases ao aplicar estes princípios: assim, os hindus talvez enfatizem a não-violência e pureza de intenção ao aplicar estas regras, os budistas, a compaixão por toda criatura consciente, os cristãos talvez enfatizem o amor ao próximo e a Deus, muçulmanos talvez enfatizem a obediência e a submissão à vontade de Deus, e assim por diante. Cada uma destas ênfases dará um caráter diferente à prática da crença, uma sensação e um resultado diferente, mas se estas práticas forem realizadas pela boa vontade, funcionarão com diferentes pessoas e culturas em prol da harmonização da paz no mundo.

LEIA MAIS...

>> Sobre hinduísmo leia também:

* Revista IHU On-Line número 309, de 28-09-2009, intitulada *Sabedoria, mística e tradição: religiões chinesas, indianas e africanas* e disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23;

* *Hinduísmo. A relação entre o indivíduo e a Verdade fundamental do cosmos*. Entrevista com Cybelle Shattuck, publicada na IHU On-Line número 312, de 26-10-2009, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1871&id_edicao=340.

sidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do "Projeto de ética mundial". Confira no site do IHU, www.unisinos.br/ihu, a edição 240 da revista IHU On-Line, de 22-10-2007, intitulada "Projeto de Ética Mundial. Um debate". (Nota da IHU On-Line)

As redes e a construção de espaços sociais na digitalização

IHU Ideias de 12-11-2009

Informações no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br)

Entrevista da Semana

Gestão e saúde coletiva

Para Maria Teresa Bustamante Teixeira, a união entre saúde coletiva e gestão de serviços pode melhorar a saúde pública

POR PATRÍCIA FACHIN

Além de formar profissionais atentos à integralidade do ser humano, uma das premissas da saúde coletiva, é fundamental formar gestores para os serviços de saúde, alerta a professora Maria Teresa Bustamante Teixeira, na entrevista a seguir, concedida à **IHU On-Line**. “Precisamos aprimorar a questão da gestão e nisso também dar atenção à formação para a gestão do serviço, porque muitas vezes os profissionais não se pensam como gestores. Mas, em algum momento eles vão atuar nesta área”. Continuando o raciocínio, ela diz que a saúde coletiva também precisa desenvolver pesquisas que possam auxiliar a tomada de decisões e melhorar os serviços de saúde. Ela destacou ainda a importância da humanização na formação de novos profissionais. “Trabalhar na área da saúde é trabalhar com todos os elementos da vida das pessoas, por isso é fundamental uma base humanista”, assegura.

A professora visitou a Unisinos por ocasião do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidade e impossibilidades, após retornar de um congresso sobre saúde, em Luxemburgo. Com mais de 30 anos de experiência em saúde pública, Maria Teresa diz que percebe uma busca de soluções imediatistas em relação à saúde. “Essa questão de causa e efeito revela que as pessoas querem encontrar alternativas imediatas para resolver o sofrimento”, constata. Segundo ela, as pessoas estão investindo em exames complexos “e deixando de conhecer seu próprio corpo, de interagir e criar uma vida com hábitos saudáveis do ponto de vista mais integral, tanto da saúde física quanto mental”.

Maria Teresa Bustamante Teixeira possui graduação em Medicina, pela Escola de Ciências Médicas de Volta Redonda, mestrado e doutorado em Saúde Coletiva, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Atualmente, é professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF e coordenadora do Núcleo de Assessoria, Treinamento e Estudos em Saúde - NATES (www.nates.ufjf.br), núcleo acadêmico da UFJF, que visa institucionalizar um espaço integrando as unidades acadêmicas da UFJF e as instituições prestadoras de serviço na área de abrangência da UFJF. Também coordena o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como iniciou sua trajetória na área de saúde coletiva? De onde surgiu esse interesse de trabalhar com alternativas à saúde?

Maria Teresa Bustamante Teixeira - Estudei medicina motivada pela questão do cuidado; isso sempre me mobilizou muito. Concluí a faculdade em 1978, e vivi justo a época em que se denunciava muito a medicalização. Na ocasião havia muitos debates em torno dessa temática, discutida em autores como Ivan

Illich^{1,2} Carlos Gentile de Mello³, entre outros. À medida em que fui avançando

1 Ivan ILLICH. *A expropriação da saúde. Nêmesis da medicina* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975). (Nota da entrevistada)

2 Sobre Ivan Illich, leia a revista **IHU On-Line** número 46, de 09-12-2002, intitulada “Ivan Illich, pensador radical e inovador”, disponível para download no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1161290142.3pdf.pdf> (Nota da IHU On-Line)

3 Carlos Gentile de MELLO. *Saúde e Assistência Médica no Brasil* (São Paulo: Cebes - Hucitec; 1977); *O Sistema de Saúde em Crise* (São Paulo: Cebes - Hucitec; 1981). (Nota da entrevistada)

no curso, também percebi que a clínica feita de uma forma mais individual não daria as respostas que eu buscava. Por isso, fiz minha residência em saúde pública, na Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. Desde então, venho trabalhando nessa área. Atuei inicialmente na área do planejamento, mas frequentemente me decepcionava porque as propostas desenvolvidas dificilmente eram incorporadas pelos gestores. Depois, tive a oportunidade de conhecer um grupo que trabalhava com uma epidemiologia

voltada para a aplicação. Fiz meu mestrado e doutorado nesta área com a preocupação de entender os determinantes do processo de saúde e doença para, de alguma forma, gerar intervenções mais efetivas. Trabalhei no Instituto Nacional de Câncer, onde tive a possibilidade de conviver em um ambiente bastante diversificado que envolvia desde a utilização de tecnologias voltadas para o tratamento dos pacientes, como do estudo da ocorrência dos tumores, seus determinantes e sua evolução. Aprendi ali o valor da informação de qualidade para a gestão, tanto do cuidado individual, quanto para o serviço e a importância dos processos avaliativos. Hoje, atuo como professora do Departamento de Saúde Coletiva e no Núcleo de Assessoria, Treinamento em Estudos e em Saúde - NATES, da Universidade Federal de Juiz de Fora, o qual tem uma preocupação muito grande em apoiar e resgatar o modelo da atenção primária à saúde como um eixo que pode reorganizar o sistema de saúde. O NATES é parceiro do Ministério da Saúde e da Secretaria Estadual e Municipal de Saúde no desenvolvimento de programas de capacitação para os profissionais de saúde inseridos na rede de serviço.

Coordeno também o programa de pós-graduação em saúde coletiva na Universidade Federal de Juiz de Fora, com um curso de mestrado acadêmico iniciado em 2007, fruto de um trabalho coletivo que mobilizou vários departamentos e unidades acadêmicas da UFJF. Percebo que nossa universidade, tem como uma de suas marcas sua inserção regional, o que nos desafia a uma atuação comprometida com o sistema de saúde, atuando na formação, fomentando a discussão e a construção de conhecimentos que permitam o aprimoramento deste setor. Algumas vezes, obviamente, nos sentimos frustrados porque nem tudo se modifica com a mesma rapidez que gostaríamos. De qualquer modo, continuamos atuando na formação continuada e permanente de profissionais de saúde, apoiando a estratégia de saúde da família (desenvolvemos, por exemplo, a Residência em Saúde da Família em parceria com o município), formando pessoas, promovendo espa-

ços de discussão, troca de experiências, de construção e sistematização de conhecimentos.

IHU On-Line - Recentemente a senhora participou do XII Congresso da Associação Latino Americana para análises de sistemas de saúde (ALASS), em Luxemburgo. Quais foram as novidades desse encontro no que se refere ao campo da saúde?

Maria Teresa Bustamante Teixeira - Esse foi um congresso da ALASS, uma associação que propõe reunir os países de língua latina, que tem como interesse comum contribuir para a solução dos numerosos problemas dos siste-

“Apresentamos em Luxemburgo um trabalho que se propõe a analisar a mortalidade e a morbidade materna através da integração dos sistemas de internação hospitalares (SIH-SUS), mortalidade (SIM) e do sistema de nascidos vivos (SINASC)”

mas de saúde dos países de língua latina. Participam profissionais da França, Canadá, Romênia, Itália, Espanha, México, Portugal, Brasil - atualmente a presidente é uma brasileira: Ana Maria Malik, da Fundação Getúlio Vargas. Esse é um encontro interessante porque não envolve apenas acadêmicos, mas também pessoas que atuam diretamente na prestação e gestão de serviços de saúde. Encontramos nesse nicho um lugar de discussão bastante rico porque a nossa proposta enquanto universidade pública é contribuir com

pesquisas e discuti-las a fim de proporcionar melhorias e fundamentar o desenvolvimento do SUS no Brasil.

Apresentamos três trabalhos nesse evento, todos ligados à questão da avaliação em saúde utilizando o sistema de informação de saúde brasileiro, do qual podemos nos orgulhar porque, de alguma forma, um dos princípios do SUS é o controle social e para que isso ocorra é importante ter informações que possam estar disponíveis a todos. O nosso DATASUS é um exemplo disso. Essa base de dados mostra quantas pessoas morreram, quantas se internaram e até os recursos que chegaram aos municípios. Isso promove a transparência. Como esses são sistemas nos quais se investiu muito, é importante integrá-los. Hoje, eles recebem críticas justamente porque não “falam entre si”, ou seja, não estão conectados, pois foram construídos em épocas distintas. Nesse sentido, nossa proposta é justamente fazer esse uso integrado dessas bases de dados. Apresentamos em Luxemburgo um trabalho que se propõe a analisar a mortalidade e a morbidade materna através da integração dos sistemas de internação hospitalares (SIH-SUS), mortalidade (SIM) e do sistema de nascidos vivos (SINASC). Pretendemos com isso, mais do que analisar o banco de dados do município de Juiz de Fora, MG, construir um algoritmo que permita que esse programa seja utilizado para analisar a morbidade materna em outras localidades e circunstâncias. A mortalidade materna vem decrescendo, mas a morbidade é grave e difícil de ser estudada.

O outro trabalho, na área de avaliação da atenção básica, utilizou um indicador de internação por condições sensíveis à atenção ambulatorial. Ou seja, se propôs a averiguar as internações pagas pelo SUS e ver aquelas que poderiam ter sido evitadas caso tivesse uma atenção básica que funcionasse bem. Por exemplo: uma criança com pneumonia que poderia ter sido tratada ambulatorialmente e não precisaria ter evoluído para uma internação hospitalar. Trabalhamos com esse indicador visando avaliar o sistema. Também utilizamos para o estudo, os dados

do município de Juiz de Fora, com a perspectiva de avaliar localmente e também de construir uma metodologia que permita essa avaliação para outros municípios brasileiros.

O terceiro estudo focou na área da mortalidade. Temos no programa de pós-graduação em Saúde Coletiva da UFJF, uma linha de pesquisa em epidemiologia do câncer, e apresentamos um estudo sobre a tendência da mortalidade por câncer no Brasil, no período de 1980 a 2006.

IHU On-Line - Como a saúde coletiva se insere nesses projetos?

Maria Teresa Bustamante Teixeira - Essas são linhas mais ligadas à avaliação de serviços e a uma das áreas da saúde coletiva que é a epidemiologia. Tais estudos geraram questões que motivaram o desenvolvimento de pesquisa qualitativa. Um exemplo: nessa questão das internações hospitalares por condições sensíveis à atenção ambulatorial, nós avaliamos áreas que tinham programa de saúde da família comparando com áreas de Juiz de Fora que não adotavam essa estratégia. Percebemos que os adultos atendidos pela estratégia da saúde da família se internavam menos do que os pacientes que não dispunham deste atendimento, mas no caso das crianças isso não acontecia. Esse foi um caso inusitado porque esperávamos que também as crianças internassem menos, porque teriam acompanhamento melhor. Tal constatação motivou uma pesquisa de caráter qualitativo visando identificar essas crianças e entender porque elas foram internadas. Verificamos duas hipóteses: muitas vezes o horário do atendimento não era adequado para as mães que chegavam em casa do trabalho, encontravam o filho com febre e, como a unidade de atendimento já estava fechada, o levavam diretamente ao serviço de urgência, onde era internado; a outra hipótese é que justo por ter uma ligação maior com as crianças, a equipe de atendimento viabilizava internações porque conheciam as famílias e sabiam das dificuldades delas adquirirem e administrar os medicamentos. Como forma de proteção, a equipe julgava ser neces-

sária a internação para que as crianças não corressem o risco de morrer.

A saúde coletiva também precisa desenvolver pesquisas avaliativas que forneçam conhecimento para que os gestores possam melhorar os serviços. Então, a proposta do nosso núcleo é desenvolver pesquisa de modo que ela possa auxiliar na tomada de decisões que resultem em melhorias nos serviços de saúde. Isso às vezes não é fácil, especialmente porque as gestões não têm continuidade. Então, por mais

“A saúde coletiva também precisa desenvolver pesquisas avaliativas que forneçam conhecimento para que os gestores possam melhorar os serviços. Então, a proposta do nosso núcleo é desenvolver a pesquisa de modo que ela possa auxiliar na tomada de decisões que resultem em melhorias nos serviços de saúde”

que se tenha essa proposta, infelizmente há uma grande rotatividade dos gestores na área da saúde. Mesmo assim, nossa preocupação enquanto programa de pós-graduação em saúde coletiva é desenvolver pesquisas que sejam voltadas para também dar respostas e ajudar na tomada de decisões que impliquem numa atenção melhor à população.

IHU On-Line - Em Luxemburgo, vocês também avaliaram o sistema de saúde de outros países? Comparado com eles, qual é a sua avaliação em relação ao SUS?

Maria Teresa Bustamante Teixeira - Esse congresso foi interessante porque ele abriu com essa perspectiva de discutir os diferentes modelos de atenção à saúde, confrontando experiências e refletindo sobre elas. O tema central “O futuro dos sistemas sanitários: o impacto das pesquisas e das inovações sobre a saúde” possibilitou essa discussão. Um dos palestrantes desse evento foi o professor da Universidade de Montreal, Canadá, André-Pierre Contandriopoulos, um grande estudioso dos sistemas de saúde e que se destaca na área da avaliação em saúde. Ele apresentou uma visão mais pessimista por conta da discussão do público e do privado, pois diz que estamos vivendo uma inflexão e apostando mais nas iniciativas privadas do que na busca dos sistemas universais. Outros conferencistas, como o suíço Gianfranco Domenighetti, abordou o tema destacando a questão da medicalização. Segundo ele, não há sistema de saúde que suporte que se medicalize tudo e analisou o impacto de tal fenômeno sobre a saúde individual e coletiva. Tivemos a oportunidade de ouvir muitas experiências de pessoas de outros países e de divulgar o sistema de saúde brasileiro. Claro que nosso sistema de saúde precisa ser aprimorado, recebe muitas críticas, mas quando comparado a outros países, especialmente da América Latina, percebemos que estamos na direção certa, embora necessitemos agir com mais afinco para a reorientação do modelo e a implementação dos princípios do SUS. Focando especialmente na questão da atenção básica.

IHU On-Line - Como a saúde coletiva é recebida pela subjetividade humana? Ainda estamos muito ligados a medicalização, a relação de causa efeito? É difícil para o paciente aceitar questões de cuidado?

Maria Teresa Bustamante Teixeira - Há uma busca de soluções imediatistas. Essa questão de causa e efeito re-

vela que as pessoas querem encontrar alternativas imediatas para resolver o sofrimento. Isso é real se pensarmos numa psiquiatria cosmética no sentido de que as pessoas não querem enfrentar alguns sofrimentos que fazem parte da vida do ser humano. Então, os indivíduos já se previnem de um possível sofrimento, ou quando vivem uma perda, não querem passar por esta situação. Como sabem que existe medicação, tentam amenizar o sofrimento do momento. Mas, a longo prazo e pensando na realização das pessoas, o que isso traz? É uma coisa complexa. Essa é uma questão que temos de enfrentar.

Na área da saúde, as pessoas estão cada vez mais apostando em exames complexos e deixando de conhecer seu próprio corpo, de interagir e criar uma vida com hábitos saudáveis do ponto de vista mais integral tanto da saúde física quanto mental. Se a pessoa fizer uma caminhada, uma meditação - como sugeriu a Monja Coen - ela melhora sua saúde integralmente. Mas muitos preferem focar em questões que muitas vezes, cientificamente, não tem embasamento. Por exemplo: às vezes as pessoas realizam exames que irão prevenir determinadas doenças, mas depois se percebe que apenas se antecipou um diagnóstico, mas não mudou o impacto disso na mortalidade. O câncer de próstata é um exemplo. Muitas vezes é feito um rastreamento, um diagnóstico antecipado, mas isso não muda a perspectiva de sobrevida daquelas pessoas. Será que isso vale nesse sentido? São perguntas que não justificam alguns procedimentos. Mas se alguém impedir que haja um programa de rastreamento, se criará uma celeuma enorme. Talvez o exame não seja uma prioridade quando não se tem muito como intervir. Mas são questões muito complexas e acho que estamos vivendo um período de transição: é preciso chamar atenção para determinados aspectos da vida e refletir mais sobre o que queremos; há um mito do não sofrimento.

IHU On-Line - Qual é a alternativa à medicalização?

Maria Teresa Bustamante Teixeira -

Saiu recentemente um excelente livro de Maria Rita Kehl abordando a questão das depressões⁴. A autora assinala que em nossa sociedade estamos passando “do direito à saúde e à alegria” para a “obrigação de ser felizes”. Trata-se de uma problemática “patologização da tristeza”, que acaba provocando uma perda do poder interpretativo da dor dos vivos. Segundo Kehl, aos que sofreram o abalo de uma morte importante, uma doença ou um acidente grave, “a medicalização da tristeza ou do luto rouba ao sujeito o tempo necessário para superar o abalo e construir novas referências, e até mesmo outras normas de vida, mais compatíveis com a perda ou com a eventual incapacitação”. Não há dúvida sobre o interesse da indústria farmacêutica, com suas criativas estratégias de venda, nessa “patologização generalizada da vida subjetiva”. E importantes pesquisas, assinaladas por Maria Rita Kehl, demonstram que os processos em curso de medicalizar todas as formas de inquietação, inadaptação e sofrimento - que fazem parte da dinâmica natural da vida -, acaba produzindo um efeito contrário, ou seja, “vidas vazias de sentido, de criatividade e de valor”. No primeiro capítulo de seu livro, que trata o tema da “atualidade das depressões”, a autora menciona estudos específicos que indicam que a ampliação da oferta de tratamentos medicamentosos contra as depressões não diminuiu o mal-estar das pessoas, a ponto da Organização Mundial da Saúde indicar que até 2020 a depressão vai se tornar a segunda causa principal de morbidade nas sociedades industrializadas. A questão torna-se ainda mais problemática com respeito ao recurso de tratamento farmacológico dos “distúrbios” das crianças e dos adolescentes. Segundo o psiquiatra Mark Olfson, do Instituto Psiquiátrico do Estado de Nova York, antes de se decidirem por medicar seus filhos, os pais deveriam assumir seu fundamental papel de educadores, ajudando os filhos a “atravessar as crises e os conflitos da vida, com seus inevitáveis altos e baixos de fúria e desânimo,

⁴ Maria Rita KEHL. *O tempo e o cão. A atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

onipotência e inapetência para viver, antes de pensar em “estabilizar o humor” com base em procedimentos medicamentosos.

IHU On-Line - Essa resistência dos pacientes de tentar entender a integralidade da saúde dificulta a ação da saúde coletiva?

Maria Teresa Bustamante Teixeira

- Penso que sim, porque o paciente também delega muito ao outro, ou seja, ao médico, e não compreende que parte do processo é responsabilidade dele próprio.

IHU On-Line - Quais os avanços e desafios da saúde coletiva no país?

Maria Teresa Bustamante Teixeira

- Há tantos desafios na área da saúde coletiva. Alguns vêm desde a construção do SUS. A questão do público e privado ainda deve ser explorada. Também precisamos implementar a reforma sanitária, aprimorar a gestão e aí incluir uma gestão mais compartilhada, que envolva o controle social. Para isso precisamos trabalhar muito, porque o próprio controle social muitas vezes não representa realmente as necessidades daquela população. São temas complexos que precisamos trabalhar para responder a essas necessidades.

IHU On-Line - Como a saúde coletiva se aplica no SUS hoje?

Maria Teresa Bustamante Teixeira -

A saúde coletiva se caracteriza pela interdisciplinaridade e o que está envolvido nessa perspectiva é justo de uma concepção de uma saúde pública inserida num contexto e que percebe todas essas nuances. Nesse sentido, ela tem que estar cada vez mais implicada em buscar as respostas adequadas para o mundo e especialmente para o nosso país. Ela precisa desenvolver suas pesquisas e estar preocupada para que estes conhecimentos estejam voltados para melhorar as condições de vida de nossa população e o nosso sistema de saúde. Sabemos hoje que a desigualdade social é um fator determinante para a saúde da população e este é, certamente, um problema que nós brasileiros temos que enfrentar.

IHU On-Line - Quais são as lacunas que existem entre o SUS que existe hoje e o que desejamos?

Maria Teresa Bustamante Teixeira - São tantas. Passa pela questão da gestão. Precisamos aprimorar e dar maior atenção a gestão do serviço, porque muitas vezes os profissionais não se pensam como gestores. Mas, em algum momento eles vão atuar nesta área. Por isso, é importante que as pessoas tenham essa formação. Também é preciso ir além: trabalhar na área da saúde é trabalhar com todos os elementos da vida das pessoas, por isso é fundamental uma base humanista.

IHU On-Line - Como pesquisadora, que caminhos a senhora percebe que estão sendo propostos para a formação de profissionais na área de saúde coletiva?

Maria Teresa Bustamante Teixeira - Temos feito um esforço enorme de formar os profissionais de saúde nas suas diferentes áreas com a perspectiva da saúde coletiva. Essa é uma premissa muito importante. Em que sentido se faz isso? Desenvolvendo a formação desses profissionais num contexto em que possam perceber a saúde em seu conceito ampliado e identifiquem a complexidade de seus determinantes. Formar propiciando o conhecimento de como vive nossa população, na identificação de suas necessidades e problemas e conhecendo o sistema de saúde com suas fortalezas e fragilidades. Desenvolvendo suas habilidades para lidar com as tecnologias incluindo as duras, leve-duras e leves. Especialmente as tecnologias leves, que se traduzem na capacidade de uma relação transformadora que envolve uma escuta qualificada de um ser humano compreendido em sua integralidade. Que envolve ainda a habilidade de trabalhar em equipe desenvolvendo um trabalho interdisciplinar. Vejo que no Brasil está ocorrendo essa grande proposta de reformulação curricular, de pensar o trabalho integrado para que tenhamos profissionais mais atuantes. Essa não é uma tarefa simples, porque isso implica em mudança de comportamento, mas temos conseguido cumprir essa agenda e há cada vez mais pessoas envolvidas nessa busca.

Memória

Ignacio Ellacuría

Um pensador, negociador e cristão - 9 de novembro de 1930 - 16 de novembro de 1989

POR ANA FORMOSO*

No meio acadêmico, um importante filósofo e teólogo, na sociedade civil, um negociador para pôr fim à guerra, tudo isto por um homem que buscou a justiça junto com seu povo e sua comunidade acadêmica.

Ignacio Ellacuría, um homem que soube contribuir com as ciências, especialmente a filosofia e teologia, e, com lucidez, buscou junto à comunidade dar respostas aos desafios sociais de El Salvador. Não temos pessoas sozinhas, temos um grupo de pessoas que dedicaram tempo, estudo, reflexão, oração e escuta às pessoas mais injustiçadas. Como reitor, buscou conduzir a universidade com pesquisa, reflexão e, sobretudo, colaborar para resolver os problemas sociais.

Não se pode entender Ellacuría sem Xavier Zubiri¹ e sem Karl Rahner.² A filosofia de Zubiri ajudou

1 Xavier Zubiri (1898-1983) foi um filósofo espanhol cuja pesquisa e reflexão se concentrou, fundamentalmente, nos campos da Teoria do Conhecimento, da Ontologia e da Gnoseologia. (Nota da IHU On-Line)

2 Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX, ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia), 16 volumes escritos entre 1954 e 1984, e *Grundkurs des Glaubens* (Curso Fundamental da Fé), 1976. Em

a buscar sempre a relação que há entre a inteligência e a fé. A questão em Zubiri não consiste tanto em saber se nosso pensamento encontra algo que possa designar por Deus, mas em qual via concre-

2004, celebramos seu centenário de nascimento. A Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI, realizado de 24 a 27 de maio daquele ano. A IHU On-Line n.º 90, de 1.º-03-2004, publicou um artigo de Rosino Gibellini sobre Rahner, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161093842.09pdf.pdf>, e a edição 94, de 2-03-2004, publicou uma entrevista de J. Moltmann, analisando o pensamento de Rahner, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161093143.69pdf.pdf>. No dia 28-04-2004, no evento Abrindo o Livro, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro *Curso Fundamental da Fé*, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida na IHU On-Line n.º 98, de 26-04-2004, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158260659.15pdf.pdf>. Ainda sobre Rahner, publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no IHU On-Line n.º 97, de 19-04-2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano nascido há 100 anos*, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158260371.36pdf.pdf>. A edição número 102 da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória do centenário de nascimento de Karl Rahner. Os *Cadernos Teologia Pública* publicaram o artigo *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, de autoria do Prof. Dr. Érico João Hammes. Confira esse material em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158261608.85pdf.pdf>. A edição 297, de 15-06-2009, intitula-se *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*. (Nota da IHU On-Line)

ta se coloca seu acesso e qual é o problema a que corresponde. As provas clássicas da existência de Deus se moviam em esquemas puramente objetivistas. Por isso, Zubiri sentiu a necessidade de uma nova fundamentação para o tema de Deus. Não é o espaço para um desenvolvimento do pensamento de Zubiri, mas compreender como este autor marcou o pensamento de Ellacuría. Para ele, o problema de Deus já está dado na realidade pessoal do homem. O homem descobre Deus a partir desta realidade e como meio de realização de seu viver. Desenvolve uma nova “via de religião”, da qual vislumbramos as verdadeiras consequências. Zubiri opõe-se a qualquer concepção de Deus como algo alheio ao mundo. Deus se manifesta no mundo, fundamentando a realidade última das coisas, e, ainda que racionalmente, é preciso estabelecer seu caráter transcendente. Trata-se de uma transcendência na realidade - nunca fora dela.

Karl Rahner³ (1904-1984) é considerado um dos maiores teólogos católicos do século XX. Seu pensamento se caracteriza pela seriedade do pensar, preocupou-se com definições de abertura ecumênica e diálogo inter-religioso. Os escritos de Ellacuría, de Sobrino e de Rahner refletem uma pergunta que tem que continuar sendo feita: O que é ser cristão/a e como se pode realizar esse estilo de vida com honestidade intelectual?

Zubiri, uma transcendência na realidade, Rahner escreveu um artigo memorável que “a realidade quer tomar a palavra”. Na expressão de Sobrino, se me permitem um jogo de palavras, se “a palavra se fez realidade (carne, sarx), a realidade quer fazer-se palavra” (Sobrino, p.76, 2007). Ellacuría insistiu que há sempre um sinal dos tempos que é principal: o povo

³ Nasceu na região da Suévia, no sudoeste da Alemanha. Sua presença no Concílio Vaticano II foi marcante. Insere-se no que foi classificado como “a virada antropológica” da Teologia.

crucificado. Este conceito tem um vigor conceitual hoje perdido na descrição da realidade, e, muitas vezes, banalizado. “Crucificado”, na realidade, tem a conotação de: a) conceitualmente morte, não simples dano, limitação ou carência; b) “provocar a morte” - não morte natural; c) uma “morte infame e injusta”; d) afinidade com Jesus e seu destino, importante a partir da perspectiva da fé, como o que se eleva à realidade última-teológica - a realidade de grande parte da humanidade⁴.

A realidade dos povos crucificados nos interpela? A natureza que está sendo crucificada nos interpela? Assim podemos seguir fazendo-nos perguntas. O pensamento de Ellacuría nos interpela a olhar a realidade com honestidade intelectual e social.

Termino com as palavras de Ignacio Ellacuría que usou com precisão conceitual ao falar do que deve ser e fazer uma universidade:

“A universidade deve encarar-se entre os pobres intelectualmente para ser ciência dos que não têm voz, o respaldo intelectual dos que, na sua própria realidade, têm a verdade e a razão, embora, às vezes, seja à maneira de despojo, mas que não contam com as razões acadêmicas que justifiquem e legitimem sua verdade e sua razão”⁵.

* Ana Formoso, doutoranda em Teologia, trabalha no Instituto Humanitas Unisinos - IHU e é autora dos **Cadernos Teologia Pública** número 29, com o título *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino*, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1187719877.9pdf.pdf>.

⁴ Ellacuría, I, Sobrino J.”Los pueblos crucificados, actual siervo sufriente de Yahvé”. *Concilium*, n.232, p.497-508, 1989.

⁵ Discurso de formatura na Universidade de Santa Clara, 12 de junho de 1982!. Carta a las Iglesias, 22p, p.11-15, 1982. SOBRINO, J. *Onde está Deus?* Ed. Sinodal: São Leopoldo, 2007, p.78.

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA WWW.IHU.UNISINOS.BR



A nova Record: A construção do padrão tecnoestético e da liderança pela via do *reality show A Fazenda*

POR RAFAELA BARBOSA*

A retomada da Record no mercado generalista ocorreu a partir do ano de 1997, esta emissora projetou-se com um planejamento estratégico, em busca do segundo lugar para, em seguida, disputar a liderança. O fortalecimento na produção de conteúdo da Record ocorreu por meio de investimentos em jornalismo, novela e show de variedade, estes gêneros compreendem a estratégia de construção da programação para a conquista do *prime time* (horário nobre) e para disputar o primeiro lugar com a Rede Globo no mercado das audiências de *tvê* aberta.

Na atualidade, um tipo específico de programa vem sendo relevante para alavancar audiência, o *reality show*, um formato atraente para os exibidores, por representar baixo custo de produção, em comparação com a teleficção, e por apresentar capacidade de ampliar a audiência. A grade de programação da Record volta-se, depois do ano de 2004, para este conceito mundializado de produção audiovisual que foca a realidade de anônimos em cotidianos simulados

pela mídia. Conforme quadro1.

Reality Show

CONCEITO	ANO DE EXIBIÇÃO
SEM SAÍDA	2004
O APRENDIZ	2004
MUDANDO DE VIDA	2007
ÍDOLOS	2008
A FAZENDA	2009

Tendo em conta estes aspectos, aqui será discutido o *reality show A Fazenda*, como estratégia audiovisual para a conquista da mercadoria audiência na Record. *A Fazenda* teve sua estreia respaldada por uma campanha publicitária tanto na programação da Record como em veículos impressos e eletrônicos na grande mídia. Sob esta perspectiva, *A Fazenda* foi lançada pela Record em maio de 2009, tendo três meses de duração. O formato é uma criação da empresa sueca *Strix*, desenvolvida em parceria com a produtora holandesa *Endemol*, que já lançou no

* Mestranda no PPG Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, bolsista da Ford Foundation e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade (CEPOS). E-mail: byrafaela_barbosa@hotmail.com

Coordenador do Grupo: Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
Editor da Coluna: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

www.grupocepos.net

país outros *realities shows* e *games*. Nesse sentido, *The Farm* é o nome original da atração, que já teve edições na Espanha, Inglaterra e França, dentre outros países.

A versão brasileira teve direção geral de Rodrigo Carelli (o mesmo diretor do extinto *reality show*, *Casa dos Artistas*, criado pelo SBT) com apresentação do jornalista Britto Jr. O *reality show* teve a participação de 14 personalidades que foram vigiadas 24 horas por 41 câmeras.

A Fazenda constitui-se em um cenário rural no interior de São Paulo, assessorada por uma equipe de profissionais como zootecnista, veterinários e um caseiro que prestava informações para os confinados desempenharem suas atividades diárias. No programa, o desafio imposto aos *peões* (nomenclatura dada aos participantes) foi de desempenhar tarefas vividas no campo, supervisionadas pelo *fazendeiro* (participante escolhido pela produção do programa para ficar isento durante uma semana da votação) e por profissionais da área rural.

Durante a semana, os *peões* cumpriam a agenda semanal do programa como parte das obrigações para se manterem no jogo e disputarem a premiação. O prêmio para o vencedor foi de R\$ 1.000.000.

Portanto, a permanência no jogo

ficava ameaçada quando três *peões* eram indicados para a *roça*, situação que caracterizava uma ameaça de eliminação. O primeiro é sempre o que perde o desafio semanal. O segundo é por indicação dos demais participantes, e o terceiro é o *fazendeiro* da semana quem indica. Assim, acontecia a formação do *tá na roça* onde o público escolhia quem permaneceria na Fazenda por meio do sítio da Record, SMS ou *porteira de voz*, meio telefônico utilizado pelo telespectador para indicar algum *peão* a colocar o *pé na estrada*¹.

Os produtos desta emissora também tiveram destaque em *A Fazenda*, onde foi anunciada a estreia de diversas produções como a novela *Bela A feia*; *Programa do Gugu*; *Geraldo Brasil*; *Ídolos*; Campanha beneficente da *Associação Pestalozzi*. Nessa perspectiva, a decisão de *A Fazenda* contou com a participação do apresentador Augusto Liberto (na época estava prestes a estrear o *Programa do Gugu*) que entregou o envelope que anunciava o ganhador para o jornalista Britto Jr.

Na final do *reality show*, a Record “foi primeiro lugar absoluto, registrando 21 pontos de média, com pico de 31”². Sendo que estes índices de

audiência ocorreram somente na grande São Paulo. Durante o período de exibição de *A Fazenda*, a média total “registrou quase 13 horas em primeiro lugar, com 15 pontos de média e share de 23%”³.

Em síntese, este formato proporcionou impactos consideráveis no mercado das audiências na tevê para a Record produzir outras temporadas de *A Fazenda*. Inclusive, a emissora está anunciando a segunda versão do *reality show* para novembro de 2009.

O *reality show* não projetou somente os novos programas da Record, o jornalismo bem como o show de variedades, explorou amplamente pautas com a temática de *A Fazenda*. No jornalismo, o *Câmera Record* do dia 21 de agosto de 2009 exibiu um programa exclusivamente pautado na trajetória de vida de cada um dos participantes. Nos programas de variedades, como *Hoje em Dia*, *Melhor do Brasil*, *Tudo é Possível* e *Geraldo Brasil*, a projeção foi mais intensa, visto que os eliminados participavam de entrevistas, desafios, gravação de quadros, dentre outras situações.

¹ <http://diversao.terra.com.br/afazenda/interna/0,,013801555-E113962,00-Saiba+como+votar.html>

² [Com pico de 31 pontos, A Fazenda liderou](#)

³ *Ibidem*.



CEPOS
grupo de pesquisa
PPG - Ciências
da Comunicação
Unisinos

IV Seminário de Pesquisa Cepos

04 de dezembro (sexta-feira) das 08:30 às 18:00

Mini-auditório Pedro Pinto - Centro 3 - Unisinos

Evento aberto e gratuito - vale horas complementares

Mais Informações: www.grupocepos.net

Patrocínio:

Capes

Fapergs

Fundação

Ford

Destques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 02-10-2009 a 07-10-2009.

Quem são os demônios da Igreja Universal?

Entrevista com Ronaldo de Almeida

Confira nas Notícias do Dia de 02-11-2009

“A Igreja Universal do Reino de Deus tem toda uma dimensão simbólica de um jeito de se comportar e se conduzir na vida material e econômica” que a distingue das outras religiões, constata o pesquisador.

A web semântica e suas possibilidades

Entrevista com Karin Breitman

Confira nas Notícias do Dia de 03-11-2009

“Avançamos muito em termos de mecanismo de busca, mas não temos um mecanismo de seleção e interpretação. A web semântica auxiliará na construção de máquinas que nos ajudem a fazer isso”, explica a engenheira eletrônica.

Marighella. 40 anos depois.

Entrevista com Denise Rollemberg

Confira nas Notícias do Dia de 04-11-2009

“O grande acerto de Marighella foi lutar pela revolução, pela transformação da sociedade, contra um conformismo e a ditadura. Não só resistir à ditadura, mas ir além desta luta” afirma a historiadora.

“Um desserviço à causa ecumênica”

Entrevista especial com Zwinglio Mota Dias

Confira nas Notícias do Dia de 05-11-2009

“A iniciativa do Papa Bento XVI (de acolher os anglicanos dissidentes) significou um desserviço à causa do Ecumenismo. Um ‘não’ ao diálogo ecumênico honesto e sincero entre cristãos que se acolhem como iguais, apesar de suas diferenças históricas, e um profundo desrespeito à Comunhão Anglicana mundial”, afirma o professor e pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil.

Eco-Economia. Uma mudança de paradigma

Entrevista com Hugo Penteado

Confira nas Notícias do Dia de 06-11-2009

“Hoje os economistas têm uma visão de que o planeta gira em torno da economia e que ela é o centro do universo. Na verdade, o planeta é o sistema maior, ele que dita as regras. Não temos a menor condição de interferir nas regras planetárias, temos apenas que negociar e dialogar bem com elas”, afirma o economista.

Ignacio Ellacuría, um reitor assassinado. Vinte anos depois.

Entrevista com Francisco das Chagas

Confira nas Notícias do Dia de 07-11-2009

“Ellacuría, como os outros cinco jesuítas que foram assassinados em El Salvador, deixa para a América Latina um exemplo e um testemunho de vida eclesial e de luta pela justiça”, disse o teólogo.

**Leia as Notícias do Dia em
www.ihu.unisinos.br**



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista





UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

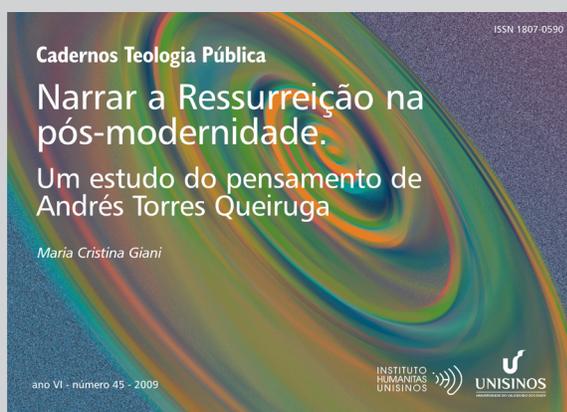
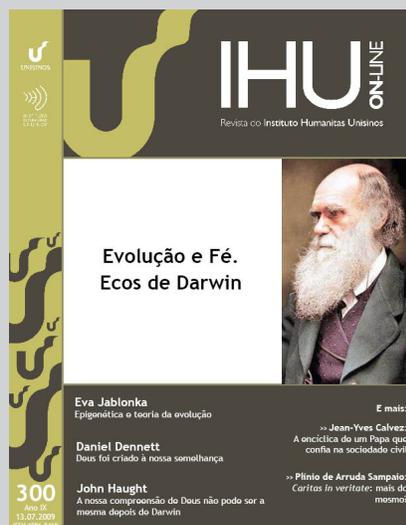
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU
(www.ihu.unisinos.br).

Dia 12-11-2009
<i>IHU ideias</i> As redes e a construção de espaços sociais na digitalização Mestranda Ana Maria Oliveira Rosa - Unisinos e Grupo CEPOS Horário: 17h30min. Sala 1G 119
Dia 12-11-2009 e 13-11-2009
Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard - Parte Brasileira Horário/local: Das 10h às 12h, das 14h às 18h Sala 1A 202 (Unidade de Ciências Humanas) Das 19h30min às 22h Auditório Maurício Berni (Unidade de Ciências Jurídicas)

Participe dos eventos do IHU

A programação completa está
disponível no endereço eletrônico

www.ihu.unisinos.br

Mártires em El Salvador: uma memória que continua forte 20 anos depois

Evento no IHU irá rememorar o brutal assassinato de seis jesuítas, a funcionária de sua residência e sua filha de 15 anos, com exibição de debate entre Jon Sobrino, Noam Chomsky e o jesuíta J. Donald Monan

POR MOISÉS SBARDELOTTO

Vinte anos não foram suficientes para apagar da memória o terrível assassinato de seis padres jesuítas, a funcionária de sua residência e sua filha de 15 anos, no dia 16 de novembro de 1989, no jardim da comunidade jesuíta da Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas (UCA), em El Salvador.

Na madrugada daquela quinta-feira, Ignacio Ellacuría,¹ reitor da UCA; o vice-reitor, Ignacio Martín-Baró;² o diretor do Instituto de Direitos Humanos da UCA, Segundo Montes; o diretor da biblioteca de teologia, Juan Ramón Moreno; o professor de teologia Amado López; o fundador da universidade, Joaquín López y López, todos jesuítas; a funcionária Elba Ramos e sua filha Celina³ foram fuzilados a sangue frio

no campus da UCA.

Paramilitares do Exército salvadorenho invadiram a residência dos jesuítas deliberadamente para matar àqueles que incomodavam a ditadura, no rastro do assassinato de outro jesuíta, Pe. Rutílio Grande, amigo próximo de Dom Óscar Arnulfo Romero,⁴ arcebispo da capital, San Salvador, que também foi fuzilado enquanto celebrava a missa.

Para reforçar essa lembrança e celebrar a importância desse martírio para o contexto latino-americano, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU irá exibir o debate "Memory and Its Strength: The Martyrs of El Salvador" [A memória e sua força: Os mártires de El Salvador], que irá ocorrer no Boston College, nos Estados Unidos, no dia 30 de novembro. Nesse encontro, o filósofo norte-americano Noam Chomsky e o jesuíta, teólogo e co-fundador da UCA, Jon Sobrino - que, no dia do massacre, estava fora de El Salvador -, irão debater sobre a importância dessa memória, mediados pelo jesuíta e reitor emérito do Boston College, J. Donald Monan.

A exibição no IHU, traduzida ao português, irá ocorrer no dia 10 de

dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos, em um evento que está sendo especialmente preparado para lembrar o aniversário do martírio dos jesuítas de El Salvador. Nessa data, como homenagem póstuma da Unisinos, a atual sala de eventos do IHU - 1G119 - será reinaugurada como Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros.

O debate do Boston College irá rememorar o significado do martírio dos jesuítas da UCA não apenas em palavras, mas também por meio do histórico, da trajetória e da relação de cada um dos convidados com os fatos ocorridos em El Salvador.

Nas palavras do próprio Jon Sobrino, em artigo publicado pelo sítio do IHU,⁵ "o que me interessa recordar e reforçar é que, em El Salvador, existiu uma tradição magnífica: a entrega e o amor aos pobres, o enfrentamento aos opressores, a firmeza no conflito, a esperança e a utopia que passavam de mão em mão". Nessa tradição, segundo o teólogo, "resplandecia o Jesus do evangelho e o mistério de seu Deus". "Não podemos dilapidar essa herança e devemos fazer com que ela chegue aos jovens", afirma Sobrino.

Os debatedores

Jon Sobrino é padre jesuíta e morava na mesma residência dos seis

5 Leia a íntegra do texto em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=26991 (Nota da IHU On-Line)

1 O sítio do IHU já publicou um vasto material sobre Ignacio Ellacuría. Confira, entre outros artigos, *Ignacio Ellacuría, um reitor assassinado. Vinte anos depois*. Entrevista com Francisco das Chagas, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 07-11-2009, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27288 e *Inteligência, compaixão e serviço. Celebrando o martírio de Ignacio Ellacuría e companheiros*. Entrevista com Héctor Samour publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 16-11-2007 e disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=10728 (Nota da IHU On-Line)

2 Sobre Ignacio Martín-Baró leia o artigo *Homenagem a Ignacio Martín Baró, jesuíta assassinado*, publicado no sítio do IHU em 06-11-2009, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27232 (Nota da IHU On-Line)

3 Sobre Elba e sua filha leia "Dom Romero e tu": *Carta de Jon Sobrino a Ignacio Ellacuría* publicada no sítio do IHU em 28-10-2009, acessível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27353 (Nota da IHU On-Line)

jesuítas assassinados. Por coincidência ou providência, ele estava fora do país naquele 16 de novembro. Sobrino é um dos grandes teólogos da Teologia da Libertação, doutor em teologia pela Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt, Alemanha, tendo recebido sua formação teológica no contexto do espírito do Concílio Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. É doutor *honoris causa* pela Universidade de Louvain, na Bélgica, e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia. Atualmente, divide seu tempo como professor de Teologia da Universidade Centro-Americana, responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, diretor da Revista Latino-Americana de Teologia, além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teologia Concilium. É autor de “Jesus Cristo libertador: Leitura histórica-teológica de Jesus de Nazaré” (Vozes, 1994) e “A fé em Jesus Cristo. Ensaio desde as vítimas” (Vozes, 2001).

Noam Chomsky é conhecido como um dos pais da linguística moderna. É professor emérito de linguística e filosofia do Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos EUA. Paralelamente à pesquisa acadêmica, tornou-se ativista político de grande popularidade em todo o mundo por suas posições de esquerda e suas críticas à política externa dos EUA. É membro da Academia Americana de Artes e Ciências e da Academia Nacional de Ciência dos EUA. Publicou mais de 70 obras, entre elas: “Estados fracassados” (Bertrand Brasil, 2009), “11 de setembro” (Bertrand Brasil, 2003) e “Poder e terrorismo” (Record, 2005).

Já o moderador do debate, o padre jesuíta J. Donald Monan, era reitor do Boston College em 1989, o ano do martírio, e fazia parte do grupo de jesuítas que visitou o local logo após as mortes terem ocorrido. Ele trabalhou incansavelmente para formar uma rede de jesuítas para impulsionar as investigações, e para que o Congresso dos EUA pressionasse o governo salvadorenho a julgar os assassinos. Desde 1996, é reitor emérito do Boston College e,

“O julgamento dos assassinos, ocorrido em 1990, condenou apenas dois dos 14 militares culpados. Segundo o jornal *El País*, o restante continua em liberdade, e são hoje empresários ou aposentados que desfrutam aposentadorias e cargos nos gabinetes governamentais”

antes, havia sido reitor da mesma universidade durante 24 anos, desde 1972, a mais longa presidência da história da instituição. É doutor em filosofia pela Universidade de Louvain, na Bélgica, e ex-presidente da Associação Nacional de Faculdades e Universidades Independentes dos EUA. Também atuou como diretor do Bank of Boston (1976-96) e como presidente interino da Association of Jesuit Colleges and Universities (1996-97). É membro da Associação Filosófica Jesuíta e da Sociedade de Fenomenologia e Filosofia Existencial, ambas dos EUA.

Memória

No dia 16 de novembro de 1989, seis jesuítas, a funcionária da residência e sua filha adolescente foram mortos por soldados do batalhão paramilitar Atlacatl, que deixaram as paredes pintadas para atribuir os crimes à Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN). O crime gerou uma grande onda de revolta, especialmen-

te nos EUA, após a descoberta de que alguns dos soldados envolvidos haviam sido treinados pela Escola das Américas, um centro de treinamento militar para tropas latino-americanas em Fort Benning, Georgia.

O julgamento dos assassinos, ocorrido em 1990, condenou apenas dois dos 14 militares culpados. Segundo o jornal *El País*, o restante continua em liberdade, e são hoje empresários ou aposentados que desfrutam aposentadorias e cargos nos gabinetes governamentais. O jornal espanhol indica ainda que, entre 1980 e 1992, a repressão militar assassinou 75 mil pessoas em El Salvador, deixando sete mil desaparecidos e centenas de milhares de órfãos, viúvas ou desabrigados.

“Os mártires da UCA estavam comprometidos com a libertação e com uma universidade orientada para a mudança social. A docência, a pesquisa e a projeção social da universidade deveriam estar orientadas para conhecer rigorosamente e com profundidade a realidade nacional e internacional, com a finalidade de construir um saber crítico e criativo que incidisse na marcha histórica dos nossos países num sentido libertador”, afirma Héctor Samour, coordenador do doutorado em filosofia ibero-americana da UCA, em entrevista ao sítio do IHU⁶.

Para Samour, a totalidade da vida e do pensamento dos jesuítas assassinados havia adquirido uma tríplice característica de inteligência, compaixão e serviço. “Neles, a libertação não foi um mero tema externo ao seu trabalho intelectual, ao redor do qual construíam argumentos para fundamentar sua necessidade e sua bondade, mas ela se constituía em algo que tinha muito a ver com a própria vida deles como intelectuais; foi algo que assumiram como um princípio constitutivo da sua própria existência”.

Libertação, nas palavras do próprio Ellacuría, um dos jesuítas assassinados e então reitor da UCA, daquilo que pode ser considerado

⁶ Leia a íntegra da entrevista em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=10728 (Nota da IHU On-Line)

“como opressão injusta da plenitude e da dignidade humana, libertação de toda forma de injustiça, libertação da fome, da doença, da ignorância, do desamparo, libertação das necessidades falsas, impostas por uma sociedade de consumo”.

Por isso, eles optaram por viver em um mundo de oprimidos e se localizaram conscientemente no lugar da realidade histórica onde havia opressão, no lugar das vítimas despojadas de toda figura humana. “E foi aí onde entregaram sua vida que lhes foi violentamente arrebatada”, afirma o filósofo.

Homenagens

Com a exibição do debate, o IHU soma-se a uma ampla agenda de homenagens aos mártires salvadorenhos em todo o mundo. Na própria UCA, em El Salvador, um grande calendário de atividades está sendo realizado neste mês de novembro. São 16 dias de programação especialmente dedicada aos mártires.

Os eventos começaram ainda no dia 03 de novembro, com uma homenagem a Ignacio Martín-Baró,⁷ pela passagem do seu 68º aniversário de vida. O jesuíta também será lembrado no dia 12 de novembro, no “Fórum Internacional Ignacio Martín-Baró: Psicologia da libertação, 20 anos depois”.

Já no dia 10 de novembro, ocorre o “XXIV Fórum da Realidade Sócio-Política ‘Segundo Montes’: Pensar as migrações hoje, uma homenagem a Segundo Montes e seu legado”.

As questões judiciais envolvendo o caso dos jesuítas também serão lembradas no sábado, 14 de novembro, com a conferência de Almudena Bernabeu, a advogada que apresentou o caso na Espanha. No mesmo dia, ocor-

⁷ Leia acessando http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&ask=detalhe&id=27232 (Nota da IHU On-Line)

“O governo salvadorenho, após muitos anos de silêncio e dissimulação, decidiu somar-se às homenagens do mundo inteiro. No dia 03 de novembro, o presidente de El Salvador, Mauricio Funes, afirmou que irá conceder o mais alto grau de honra do país aos seis jesuítas assassinados pelo exército salvadorenho em 1989”

re uma vigília com procissão de velas pela cidade.

No domingo, dia 15, será celebrada uma grande missa na catedral de San Salvador em comemoração aos mártires, diante do túmulo de Dom Óscar Arnulfo Romero, arcebispo da capital assassinado em 1980. No dia 16, será celebrada outra missa com a comunidade acadêmica, no campus da UCA.

No dia 18, a conferência “O papel dos mártires da UCA na transição democrática salvadorenha e as debilidades das democracias centro-americanas” irá reunir Gilles Bataillon, diretor de estudos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, da França, e Da-

nilo Miranda Baires, professor do Instituto Centro-Americano de Ciências da Saúde, da UCA.

E, no dia 28, encerrando a programação, o jesuíta e companheiro dos mártires Jon Sobrino irá ministrar a grande conferência “O que os mártires nos pedem hoje”, na capela da UCA.

O governo salvadorenho, após muitos anos de silêncio e dissimulação, decidiu somar-se às homenagens do mundo inteiro. No dia 03 de novembro, o presidente de El Salvador, Mauricio Funes, afirmou que irá conceder o mais alto grau de honra do país aos seis jesuítas assassinados pelo exército salvadorenho em 1989. Apesar de não incluir as duas mulheres assassinadas, Funes afirmou que a entrega da Ordem Nacional José Matias Delgado será um “ato público de desagravo” pelos erros dos governos passados. A homenagem será feita, segundo a presidência, em razão dos “serviços extraordinários prestados pelos jesuítas ao país, nas áreas de educação, direitos humanos, sua contribuição ao combate à pobreza, exclusão social, iniquidade, e suas contribuições à paz e à construção da democracia” em El Salvador.

Há algumas semanas, a Câmara de Representantes dos EUA⁸ também aprovou uma resolução para honrar a vida dos mártires da UCA. Segundo o jornal El País, a resolução, apresentada pelo deputado democrata James McGovern e outros 33 parlamentares, “recorda e comemora as vidas e o trabalho” dos mártires, e reconhece que “as pessoas assassinadas dedicaram a sua vida para atender e aliviar as desigualdades sociais e econômicas de El Salvador”.

⁸ Sobre o tema leia a matéria *Congresso norte-americano aprova resolução que homenageia jesuítas assassinados há 20 anos*, publicada no sítio do IHU em 31-10-2009 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=27077 (Nota da IHU On-Line)

Informações em www.ihu.unisinos.br

Perfil

Faustino Teixeira

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Um ser apaixonado pelo que faz e que vibra com a vida. Este é Faustino Teixeira, professor no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Dudu, como é conhecido entre amigos, concedeu a entrevista que segue pessoalmente à IHU On-Line, quando esteve na Unisinos no último mês de setembro participando do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades. Ao contar sua história de vida, Faustino considera que a razão de ser da felicidade está em fazer o que se gosta. E aponta a sensibilidade como o elemento que marca sua vida. “As coisas me tocam muito fortemente e me transformam profundamente”. A questão da religiosidade e a sintonia com o mistério, um mistério sempre maior, é outro ponto que igualmente caracteriza sua vida atual. Conheça um pouco mais deste teólogo que é o pai de Pedro, João, Tiago, e Daniel.



Faustino Teixeira nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em julho de 1954, em uma família bem numerosa e muito religiosa. Seus pais tiveram 15 filhos, sendo que atualmente são 13 vivos. São dez homens e cinco mulheres e Faustino é o oitavo filho. Seu pai era médico, “daqueles que tratam com fé, esperança e cafuné”, define. Além disso, durante muito tempo, foi ministro da Eucaristia e tinha uma formação filosófica e teológica muito rica. Era professor de deontologia médica na Universidade Federal de Juiz de Fora e sempre teve a tradição da medicina humanizada muito acentuada. Na casa da família três cômodos foram destinados à biblioteca, pois o pai de Faustino sempre comprou muitos livros. E mais do que obras na área da medicina ele comprava na área de literatura, filosofia e teologia, sua grande paixão.

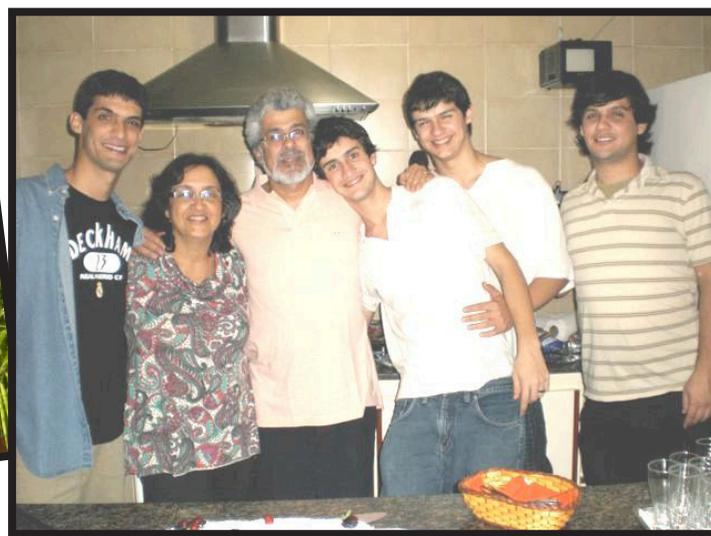
Dudu lembra que seu pai veio da tradição escolástica da filosofia, inicialmente muito marcado pelo tomismo, e essa influência aparece na vida familiar, no contato com os filhos, nos ensinamentos e também nos encami-

nhamentos dos filhos para a formação. Um traço forte destacado por Teixeira de seus pais é a preocupação com a dinâmica familiar e a formação. Seu pai faleceu há alguns anos, mas a mãe continua no controle dos filhos, hoje com 92 anos.

Faustino começou sua formação no Instituto Santíssima Trindade e sempre estudou em instituições católicas. Depois, do primeiro ano primário até o final do segundo grau estudou com os jesuítas de Juiz de Fora. Então, fez a graduação em Filosofia e Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF de 1974 a 1978. Depois, continuou com os jesuítas na PUC-Rio (mestrado em Teologia) e de lá seguiu com eles na Gregoriana, em Roma, para o doutorado e o pós-doutorado em Teologia. “A formação jesuíta foi muito forte na minha vida. Mas apesar de estudar com eles, minha influência mais marcante em termos de formação foi com os redentoristas e com os dominicanos”, conta.

Quando terminou a graduação em Filosofia e em Ciências da Religião, que

cursava paralelamente, Dudu recebeu o incentivo do padre João Batista Libânio, amigo e orientador de estudos, para fazer o mestrado em Teologia na PUC-Rio. “Nessa época, a PUC-Rio era muito florescente, todos os jesuítas estavam lá. Era talvez um dos momentos mais fortes da formação teológica do Brasil, com um influxo muito forte da Teologia da Libertação. Minha formação teológica foi muito privilegiada em função desse rico período da PUC-Rio, do qual nasceram muitos teólogos leigos”, lembra. A atuação acadêmica de Faustino começou na PUC-Rio, durante o período do mestrado. “Nessa época eu era professor de Teologia na PUC-Rio e na Universidade Santa Úrsula. Aliás, as irmãs ursulinas também tiveram um papel muito importante no apoio à minha formação profissional. Lembro que eu dava 28 aulas por semana, sete matérias diferentes e fazendo mestrado ao mesmo tempo. Só que naquele tempo o mestrado durava três anos. E eu ainda era recém casado”, recorda, ao contar que se casou em 1978 e logo foi para a PUC-Rio. Em 1982 bateu na sua porta a oportunidade de fazer o



>> FAUSTINO COM A ESPOSA, MARIA TERESA. NA FOTO AO LADO, COM A FAMÍLIA

doutorado em Roma. Lá, foi orientado pelo professor Felix Pastor.

Concluído o doutorado, Teixeira volta para a PUC-Rio e leciona no curso de Teologia. “Aos poucos fui me aproximando da área da teologia das religiões”, conta. Em 1989, ele fez um concurso para a UFJF na área de eclesiologia e conseguiu entrar. Então, com a ajuda dos professores Pedro Assis Ribeiro de Oliveira e Luiz Bernardo Araújo, começou a montar o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da universidade. “Criamos a especialização em 1991, o mestrado em 1993 e o doutorado em 2001. E eu fiquei como coordenador do programa este período todo, dez anos”. Atualmente, ele continua como professor no PPG e concentra seu trabalho como pesquisador e docente. “A minha transição se deu da eclesiologia para a antropologia teológica, depois para a teologia das religiões e então para o diálogo inter-religioso. No fim do processo, começou a abertura para o interesse pela mística inter-religiosa, onde atualmente estou concentrado”, explica.

Para Faustino, a mística o fascina por ser o campo onde encontrou mais abertura para o diálogo. “É um campo de liberdade acadêmica, espiritual, de trabalho com prazer”, define. Ele e alguns companheiros, como Luis Felipe Pondé,¹

¹ Luis Felipe Pondé: dele publicamos, entre outros, uma entrevista na 133ª edição, de 21 de março de 2005, especialmente concedida para a IHU On-Line, um artigo publicado na

Marco Lucchesi² e Maria Clara Bingemer,³

135ª edição, de 4 de abril de 2005, outro artigo publicado na 150ª edição, de 8 de agosto de 2005, e uma entrevista a nós concedida intitulada *A fé deve ajudar a superarmos a ilusão da razão política como razão que entende o drama humano* e publicada no sítio do IHU em 31-01-2008 (Nota da IHU On-Line)

² A IHU On-Line entrevistou Marco Lucchesi nas edições número 242, de 05-11-2007, e 222, de 04-06-2007, sobre o poeta Rômê. Ele também foi o destaque da editoria Invenção, na edição número 258, de 19-05-2008. (Nota da IHU On-Line)

³ Maria Clara Bingemer já participou de outras edições da IHU On-Line: *Nem homem nem mulher: Paulo misógino?* - Artigo publicado nas Notícias do Dia em 27-9-2008 e disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=16981; “O documento não tem o profetismo e o sopro libertador que caracterizou Medellín e Puebla”. Edição número 224, de 20-6-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=485; “Igreja que deseja ser ouvida numa cultura pós-cristã precisa ter um testemunho forte, crível e consistente que acompanhe o discurso”. Edição 220, de 21-5-2007, intitulada *O futuro da autonomia, uma sociedade de indivíduos?* Acesse em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_destaque_semana&Itemid=24&task=lista&idedit=10; *Os jesuítas e a expansão da cultura moderna*. Edição número 183, de 5-6-2006, intitulada *Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa*. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158354193.6word.doc>; *Simone Weil. A vida em busca da verdade*. Edição número 313, de 03-11-2009, intitulada *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos*. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?id_edicao=341 (Nota da IHU On-Line)

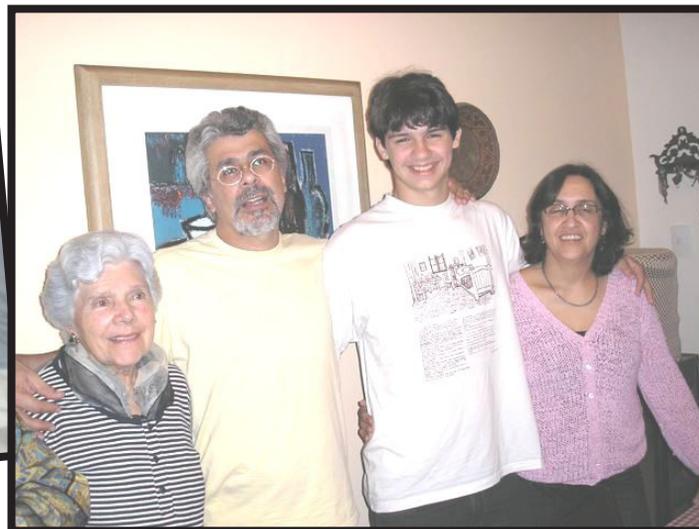
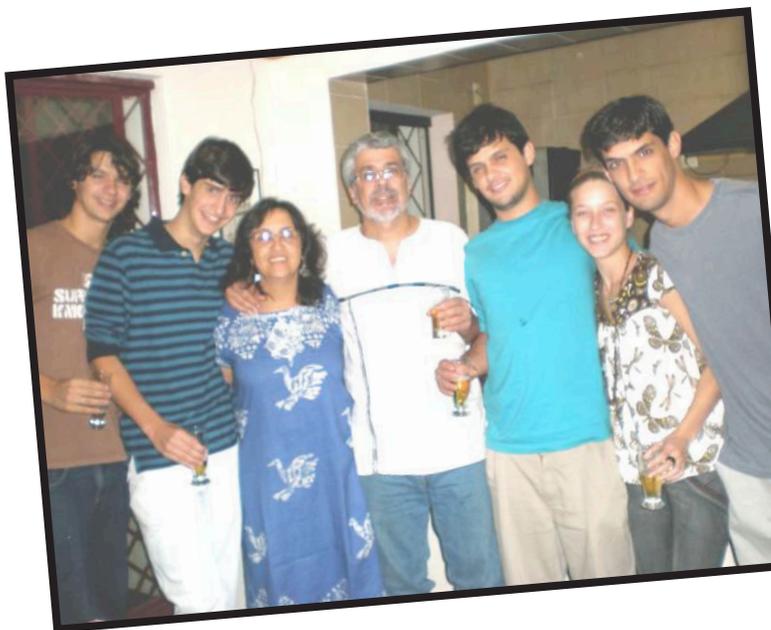
montaram um núcleo de mística comparada que se reúne em Juiz de Fora desde 2001, com encontros anuais que acolhem professores e orientandos do núcleo. “É um espaço onde me sinto mais à vontade, considerando o difícil momento que a academia vive no Brasil, de fechamento pragmático de produtividade. Ali temos um clima mais livre, para trabalhar reflexões mais interessantes. Nosso núcleo já produziu dois livros e outro já a caminho. Os laços de amizade que se criaram também são muito importantes”.

Casamento e família

Faustino conheceu sua esposa, Maria Teresa Bustamante,⁴ que todos conhecem por Teita, num grupo universitário chamado “Tropa Maldita”, liderado pelo padre João Batista Libânio. “Ali nasceu uma grande amizade, que depois se aprofundou”. O casal tem quatro filhos: Pedro, 28 anos, que faz mestrado em Literatura; João, 27 anos, que é músico violoncelista da Orquestra Filarmônica de Manaus; Tiago, 21 anos, que faz Geografia na UFJF; e Daniel, 19 anos, que faz Ciências Sociais na UFRJ.

Dudu tem também o talento musical correndo nas veias. Sua família é muito musical, tem dois irmãos que são músicos profissionais e ele foi cantor durante um tempo num grupo de música popular brasileira, chamado “A

⁴ Confira uma entrevista com ela nesta edição. (Nota da IHU On-Line)



Pá”, que atuou na década de 70 em Juiz de Fora. “A presença musical é muito forte na minha vida”, confessa.

O sonho atual de Faustino Teixeira é que exista um maior entendimento entre as tradições religiosas, o respeito à diversidade de culturas e de religiões. “Sonho com a quebra de uma certa arrogância que marca as identidades religiosas, numa perspectiva de reconhecer o valor da diversidade. Minha grande luta atual é em favor do que chamo de pluralismo de princípio: reconhecer que o pluralismo é um valor fundamental, que a diversidade é um dom, e que o aprendizado e o encontro com o outro é um horizonte importantíssimo para o nosso tempo”.

Perguntado sobre o que teme hoje, Dudu considera que vivemos em uma sociedade marcada por medos. “A busca de sentido é sempre feita num ambiente marcado pelas ameaças. Vivemos movimentos de enrijecimento em todos os campos. Tenho medo que os grandes valores possam ser abafados pela dinâmica do mercado, caracterizada pela indiferença. Meu maior medo é que a indiferença se torne a linguagem comum”.

A relação de Dudu com Deus, com o transcendente, é muito forte. “Tenho uma relação pessoal, mais do que exclusivamente sacramental. Tenho um ritmo pessoal de oração muito acentuado há muitos anos”. Ele, sua mãe e sua esposa participam de um grupo de oração em Juiz de Fora. O grupo segue a dinâmica

do “Ofício das Comunidades”, enriquecido com orações inter-religiosas e singulares momentos de silêncio. É um espaço onde exerce sua atividade musical, regando os salmos com violão e o canto. “Talvez em função da vinculação muito forte com a mística religiosa, com a liberdade e criatividade que a envolvem, tenho certa dificuldade com a dinâmica atual da religiosidade no mundo católico: o formalismo das missas, a fixação nas rubricas, os sermões e seu distanciamento do tempo etc. Falta um pouco de mundo interior nessa dinâmica do catolicismo hoje”, critica.

Para Faustino Teixeira a política é o espaço da santidade. “A política é o lugar onde podemos lutar para fazer acontecer nossos sonhos. Vejo-a como um espaço fundamental do exercício da cidadania”.

Vale ainda ressaltar que, em parceria com Renata Menezes, Faustino Teixeira organizou uma obra que acaba de ser lançada pela editora Vozes, intitulada *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*⁵. É uma obra que nasceu sob o incentivo da ONG ISER-Assessoria, fruto de um seminário sobre o tema, que aconteceu em Juiz de Fora em abril de 2005. O livro reúne 11 artigos que buscam traçar o quadro plural do catolicismo hoje no Brasil. Nomes importantes das ciências sociais enriquecem a obra

5 Sobre a obra, leia a nota publicada no blog do IHU em <http://unisinos.br/blog/ihu/2009/11/04/catolicismo-plural/> (Nota da IHU On-Line)

com sua preciosa colaboração, como Pierre Sanchis, Otávio Velho, Antônio Flávio Pierucci, Ronaldo de Almeida, Ivo Lesbaupin, Cecília Mariz, Carlos Alberto Steil e outros. E outra obra encontra-se a caminho, fruto de uma longa pesquisa de Faustino sobre os “buscadores de diálogo”. Trata-se de uma pesquisa financiada pelo CNPQ que visa traçar o itinerário de alguns importantes buscadores cristãos que viveram a experiência da liminaridade, de aproximação profunda com outra tradição religiosa. Dentre os autores trabalhados estão: Louis Massignon, Henri le Saux, Raimon Panikkar, Thomas Merton,⁶ Simone Weil⁷ e Ernesto Cardenal.

6 Sobre Thomas Merton, leia a entrevista com Getulio Bertelli: *Thomas Merton e Ernesto Cardenal: dois precursores da espiritualidade da libertação latino-americana*, publicada na IHU On-Line número 285, de 08-12-2008, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_destaque_sem_ana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1499&idedit=10 (Nota da IHU On-Line)

7 Sobre Simone Weil a IHU On-Line dedicou três edições. Confira no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br). *Simone Weil. Palavra viva*. Edição número 84, de 17-11-2003. O material está disponível no endereço <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161201356.89word.doc>; *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*. Edição número 168, de 12-12-2005. O material está disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158350658.23word.doc>; e *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos*. Edição número 313, de 03-11-2009, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1257272797.865pdf.pdf> (Nota da IHU On-Line)

IHU Repórter

Lauro Antônio Lacerda d'Ávila

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

O professor Lauro d'Ávila, da Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos, é quem conta sua trajetória de vida na edição desta semana da IHU On-Line. Formado em Administração e em Comunicação Social - Habilitação Relações Públicas, Lauro é uma pessoa que já passou por diversas experiências de vida, como perdas familiares muito marcantes e difíceis. Mas, em todos os momentos, ele sempre tem procurado se manter o mesmo. Por onde passa nunca deixa inimigos, desejando sempre conviver bem com todos e respeitar diferenças. Suas características são a calma e a timidez. No entanto, paradoxalmente, como ele mesmo reconhece, fala bastante e gosta de se expressar, se comunicar. Conheça um pouco mais deste colega da comunidade acadêmica da Unisinos:



Origens e família - Nasci em Carazinho, Rio Grande do Sul. Minha mãe era de Vacaria e meu pai de Lagoa Vermelha. Eles tiveram uma primeira filha - Maria Aparecida, que faleceu no parto. Minha mãe recebeu, então, o diagnóstico de que não poderia mais ter filhos. Depois de consultar um especialista em Porto Alegre, meus pais descobriram que podiam ter outros filhos e foi daí que eu nasci num cenário de muita expectativa. Meu nome foi dado em homenagem ao meu avô Lauro d'Ávila, notário em Alfredo Chaves, hoje Veranópolis. O Antônio foi escolhido por minha mãe em razão de sua devoção por Santo Antônio de Lisboa. Meu pai era bancário e minha mãe professora. Quando eu tinha um ano de idade nossa família mudou-se, em função de uma transferência do meu pai, para São Leopoldo, onde me criei. Minha infância foi muito feliz e dela tenho ótimas lembranças. Éramos quatro: meu pai, minha mãe, eu e meu irmão. Todos já deixaram esta vida em razão de cânceres irreversíveis. Minha mãe faleceu aos 46 anos. Depois meu irmão, igualmente, aos 46 anos. E, posteriormente, já com mais idade, faleceu meu pai. Os va-

lores que deles herdei posso resumir em três palavras: amor, fé e integridade.

Formação - Estudei no Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, no centro de nossa cidade. Depois, fui para o colégio dos irmãos maristas, o São Luís, onde fiz o ginásio. Em seguida, cursei o científico no Colégio Estadual Pedro Schneider, ainda na sua sede antiga. Então, fiz vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a Faculdade de Arquitetura, mas não passei. Tentei na Unisinos e consegui o ingresso no curso superior. Cursei as disciplinas do antigo "básico", num semestre. Desejava o Curso de Arquitetura, mas não pude freqüentar as aulas, porque as de desenho artístico necessitavam de luz natural (o mesmo desenho artístico que me reprovou no vestibular não unificado da UFRGS), e eu estava no Exército e não disponibilizava de tempo durante o dia. Desisti da Arquitetura e parti Administração de Empresas, sem saber exatamente do que se tratava. Levei dez anos para concluir o curso, pois como oficial R/2, convocado pelo Exército Brasileiro,

perdia muitas aulas e provas. O quartel onde servi por quase sete anos, entre o tempo de aluno e de oficial foi o 19º BITMz. Mesmo com as dificuldades de administração do tempo entre minhas atividades profissionais e meus estudos, perseverei e concluí a graduação em Administração. Depois, cursei também Comunicação Social Habilitação Relações Públicas, na Unisinos. E fiz igualmente aqui o Mestrado em Administração, com professores da PUC Rio. Tenho planos de fazer um doutorado na área de Comunicação Organizacional.

Vida profissional - Quando saí do Exército, passei três meses trabalhando na Prefeitura de Campo Bom, numa assessoria técnica. Então, recebi uma proposta de emprego em uma empresa de grande porte, localizada na cidade de Guaíba, onde eu havia deixado currículo: a Aracruz, que na época chamava-se Riocell e hoje se denomina Fibria. Lá trabalhei por mais de 18 anos. Foi uma experiência profissional muito importante na minha história de vida. Ela, na sua origem, era uma multinacional norueguesa que gerou um grande problema de



opinião pública, uma celeuma muito grande à época. Tal experiência teve a ver com a minha escolha profissional pela Comunicação Organizacional. Entrei na empresa como assessor de planejamento, em uma área de Relações Públicas. Com muito trabalho - e oportunidades - ganhei espaço e fui me direcionando para assumir a área, mas faltava a formação em Relações Públicas. Iniciei o curso na UFRGS e lá permaneci por três semestres, mas pedi transferência para a Unisinos porque a Federal entrou em greve e eu queria me formar rápido. Já formado e com reconhecimento na área recebi um convite para trabalhar na Unisinos, como professor. Eu já trabalhava na Ulbra como docente no Curso de Administração. Por um tempo conciliei aulas nas duas universidades e o trabalho na empresa. Foi um período bem conturbado. Muitos deslocamentos e dificuldade de conciliar o profissional e o familiar. Então, optei pela Unisinos, onde estou trabalhando e aprendendo até hoje. Após a minha atividade executiva na Riocell trabalhei no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, na Assessoria de Administração Central. De-

pois de um longo trabalho com engenheiros, meus interlocutores agora eram médicos. Não permaneci por tanto tempo, mas aprendi muito, principalmente sobre ações comunicacionais de *accountability* e de relacionamento estratégico, com públicos essenciais.

Casamento e filhas - Casei e tive duas filhas. A Gabriela, que se formou em Direito na Unisinos e tem 29 anos. E a Luísa, 22 anos, que cursa Ciências Sociais na UFRGS e deseja ser arqueóloga. Atualmente resido em Novo Hamburgo.

Autores - Hermann Hesse e Fritjof Capra.

Livro - *O Lobo da Estepe*, de Hermann Hesse, e *Despertar dos Mágicos*, de Louis Pauwels e Jacques Bergier.

Filme - *O Homem de La Mancha*, baseado em um musical da Broadway, escrito por Dale Wasserman e dirigido por Arthur Hiller, sobre Miguel de Cervantes.

Lazer - Ler, escutar música e até tocar música de vez em quando.

Um sonho - Conhecer a

Grécia e uma região no sul da Alemanha, em Baden-Württemberg onde fica a cidade medieval de Calw, local de nascimento do escritor Hermann Hesse. Um sonho importante que eu tinha e já realizei foi conhecer Liverpool - o berço dos Beatles, com minha esposa Jane. Lá conhecemos lugares e lembranças de todo aquele tempo sempre presente em nossas vidas beatlemáticas.

Unisinos - É parte integrante da minha vida. É um local aonde as pessoas chegam e saem com muita pressa. Eu não gosto desse ritmo ansioso, pois a Unisinos tem tantas ofertas, lugares e serviços que passam despercebidos por quem tem tanta pressa. Enquanto instituição ela formou e tem formado pessoas que ocupam lugares transformadores na sociedade. Recebo notícias de muitos ex-alunos com trajetórias profissionais gratificantes para quem por algum tempo lhes ajudou a construir o seu projeto de vida profissional. É assim que encaro a minha atividade de professor.

IHU - Vejo o IHU com o melhor dos olhares. Sempre que posso participo dos eventos promovidos pelo Instituto. Gosto também das publicações. O IHU é o traço humanístico da Unisinos. Dos espaços ofertados pela Unisinos é o que eu mais frequento, junto com a Biblioteca. Neles me sinto muito bem.



INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Destaques

Peça para Lula defender o clima

A preocupação com o futuro ambiental do planeta e a exigência de que Convenção do Clima em Copenhague assumam metas ambiciosas de redução de gases de efeito estufa deram origem à petição Tck Tck Tck, lançada em todo o mundo e divulgada através da internet. No Brasil, a campanha ficou conhecida como tic tac tic tac.

Nos próximos dias o presidente Lula deve divulgar o Plano Climático do Brasil que será apresentado em Copenhague. O país é um personagem importante na conferência e, sem seu compromisso com metas fortes, as negociações do clima correm o risco de permanecerem estagnadas. Para que o Brasil assumam uma postura eficiente, nesta segunda-feira, 09-11-2009, será entregue uma petição ao presidente Lula, sinalizando que os brasileiros se importam com as mudanças climáticas. A campanha precisa de um número massivo de assinaturas para mostrar ao governo que é hora de agir. Contribua com o futuro do planeta e registre seu nome no link http://www.avaaz.org/po/peticao_tictac_lula/.

Iniciativas do IHU

Além de suscitar o debate sobre as mudanças climáticas e a Convenção do Clima em Copenhague nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU e na **IHU On-Line** (*A convenção do clima em Copenhague. Um debate*. Edição número 311, de 19-10-2009), o Instituto Humanitas Unisinos - IHU aderiu a campanha tic tac tic tac. Na entrada do IHU você pode assinar o abaixo-assinado que será entregue ao presidente. Nesta mesma perspectiva, o IHU também organizou um **IHU Ideias** especial sobre *O futuro em Copenhague? Mudanças e mudanças*, ministrado pelo Prof. Dr. Paulo Brack, do Instituto de Biociências do Departamento de Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Fórum Social Mundial na Unisinos

O IHU, em parceria com o Curso de Serviço Social, está preparando o IV Seminário de Políticas Públicas, que acontecerá em 27-01-2010, no Anfiteatro Padre Werner, na Unisinos. A quarta edição do evento compõe um conjunto de atividades autogestionárias do Fórum Social Mundial 2010. O Fórum está de volta a Porto Alegre na edição em que comemora seus 10 anos e será realizado de 25 a 29 de janeiro de 2010. Pela manhã, as atividades acontecerão na capital gaúcha e à tarde nas cidades da região metropolitana. Cada uma das cidades está sendo referência em uma grande temática. São Leopoldo acolherá os participantes do Fórum para, entre outros temas, debaterem o papel público das políticas sociais na garantia dos direitos. Essa discussão acontece no dia 27-01-2010, no Anfiteatro Padre Werner, na Unisinos. Também no dia 26 de janeiro de 2010, o IHU participará do Fórum Mundial de Teologia da Libertação que se realizará na Escola Superior de Teologia - EST. O Instituto é uma das Instituições que integra o Conselho Permanente do FMTL e apóia a atividade do FMTL no FSM - 10 anos, com a temática: Libertação e Teologia. Direito e justiça. Encontraram-se a graça e a verdade, a justiça e a paz se beijaram (Sl 85,10).

Apoio:



IHU Contracapa

